

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

THAIS CAROLINA FERREIRA

A Construção da Autoavaliação dos Adolescentes em Tempos de Mídias Sociais

Maringá

2022

THAIS CAROLINA FERREIRA

A Construção da Autoavaliação dos Adolescentes em Tempos de Mídias Sociais

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Constituição do Sujeito e Historicidade.

Orientadora: Prof^a. Dra. Zaira Fátima de R. Gonzalez Leal

Maringá

2022

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

F383c

Ferreira, Thais Carolina

A construção da autoavaliação dos adolescentes em tempos de mídias sociais / Thais Carolina Ferreira. -- Maringá, PR, 2022.
117 f.

Orientadora: Profa. Dra. Zaira Fátima de Rezende Gonzalez Leal .
Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2022.

1. Adolescência. 2. Redes sociais. 3. Psicologia histórico-cultural. 4. Autoavaliação. I. Leal, Zaira Fátima de Rezende Gonzalez, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.


CDD 23.ed. 150.23

THAÍS CAROLINA FERREIRA

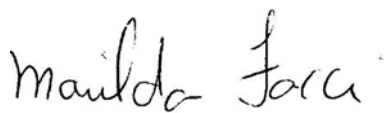
A Construção da Autoavaliação dos Adolescentes em Tempos de Mídias Sociais.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

COMISSÃO JULGADORA



Profa. Dra. Zaira Fátima de Rezende Gonzalez Leal
PPI/Universidade Estadual de Maringá (Presidente)



Profa. Dra. Marilda Gonçalves Dias Facci
PPI/Universidade Estadual de Maringá



Prof. Dr. Ricardo Eleutério dos Anjos
UNOESTE/ Universidade do Oeste Paulista/Presidente Prudente

Aprovada em: 18 de outubro de 2022.

Defesa realizada na sala de vídeo do Bloco 118.

AGRADECIMENTOS

Tenho clareza de que o desenvolvimento desta dissertação não seria possível sem a participação de diversas pessoas que me apoiaram de maneiras distintas ao decorrer desse caminho, a elas transmito os meus sinceros agradecimentos.

À professora Doutora Zaira Fátima de R. Gonzalez Leal que me orientou para a construção dessa produção acadêmica.

À professora Pós-Doutora Marilda Gonçalves Dias Facci e ao professor Doutor Ricardo Eleutério dos Anjos, que compuseram minha banca de qualificação e conclusão e realizaram apontamentos fundamentais para o desenvolvimento do trabalho.

À toda a minha família que de diferentes formas me acompanhou nesse processo, em especial minha mãe Andréa da Silva Campos Teixeira e minha tia Elaine da Silva Nantes, minhas principais apoiadoras.

Ao meu parceiro Matheus da Silva Barbosa, que foi o melhor companheiro de todas as diversas facetas desse processo de produção, me proporcionando ânimo e fôlego para os momentos mais difíceis.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá, que compartilharam seus conhecimentos ao longo das disciplinas do mestrado.

A todos os professores que fizeram parte da minha trajetória na graduação e me inspiraram a seguir o caminho da pesquisa e da docência. Mesmo que esta seja uma prática tão árdua na nossa realidade social, vocês fizeram um trabalho com tamanha maestria que me impulsionaram a gestar esse sonho.

FERREIRA, T. C. *A Construção da Autoavaliação dos Adolescentes em Tempos de Mídias Sociais*. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Estadual de Maringá, 2022.

RESUMO

A presente dissertação de mestrado, por meio de uma pesquisa bibliográfica com aporte teórico na Psicologia Histórico-Cultural, buscou compreender como ocorre o desenvolvimento da autoavaliação no período da adolescência e de que forma as transformações sociais da contemporaneidade, fundamentalmente o fenômeno das redes sociais, pode influenciar a sua constituição. Ao longo do desenvolvimento da pesquisa foi elucidado a autoavaliação enquanto uma síntese superior do processo de desenvolvimento do adolescente, tornando-se possível, a partir do pensamento por conceitos, que se estabeleça uma relação dialética no desenvolvimento da personalidade do adolescente, uma vez que orientado pela autoavaliação, ele tem a capacidade de avaliar suas qualidades, potencialidades, sua conduta e atividades, o que se constitui como fundamental para a formação da personalidade. Também foram apontadas como as contradições sociais da organização social capitalista, a alienação da vida cotidiana, atravessada pelo recurso tecnológico das redes sociais, pode influenciar negativamente o desenvolvimento da autoavaliação. Por fim, foi levantado como possibilidade de orientação para a autoavaliação o acesso às objetivações para-si, que vai oportunizar ao adolescente conduzir a própria vida de forma consciente, mas isso só será possível a partir do acesso aos conteúdos sistematizados transmitidos pela da educação escolar.

Palavras-chave: Adolescência; Psicologia Histórico-Cultural; Autoavaliação; Redes Sociais.

FERREIRA, T. C. *The Construction of Adolescents' Self-Worth in Social Media Era*. Master's Thesis (Master's Psychology), Universidade Estadual de Maringá, 2022.

ABSTRACT

Through a bibliographical research with theoretical support in Historical-Cultural Psychology, the present master's thesis sought to understand how the development of self-worth occurs in the period of adolescence and how the social transformations of contemporaneity, fundamentally the phenomenon of social networks, can influence its constitution. Throughout the development of the research, self-worth was elucidated as a superior synthesis of the adolescent development process. It enabled, from conceptual thinking, a dialectical relationship to be established in the development of the adolescent's personality, who once guided by self-worth, has the ability to assess their qualities, potential, conduct and activities, which is fundamental for personality formation. It was also pointed out how the social contradictions of capitalist social organization, the alienation of everyday life, crossed by the technological resource of social media, can negatively influence the development of self-worth. Finally, the access to objectifications for-oneself was raised as a possibility of guidance for self-worth, which will give the teenager the opportunity to lead his own life in a conscious way, but this will only be possible from the access to systematized content transmitted by school education.

Keywords: Adolescence; Historical-Cultural Psychology; Self-worth; Social Media.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
SEÇÃO 1- ADOLESCÊNCIA À LUZ DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL	15
1.1 A adolescência enquanto fenômeno sócio-histórico.....	15
1.2 O desenvolvimento psíquico do adolescente.....	22
1.3 As particularidades psicológicas dos adolescentes	31
SEÇÃO 2- O DESENVOLVIMENTO DA AUTOVALORAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA	38
SEÇÃO 3- SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA E O FENÔMENO DAS REDES SOCIAIS.....	51
3.1 Características fundamentais da contemporaneidade	51
3.2 Desenvolvimento da adolescência na sociedade contemporânea.....	68
3.3 Constituição da adolescência imbricada pelo fenômeno das redes sociais	77
SEÇÃO 4- IMPLICAÇÃO DO FENÔMENO DAS REDES SOCIAIS PARA O DESENVOLVIMENTO DA AUTOVALORAÇÃO DO ADOLESCENTE.....	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	109

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto da pesquisa iniciada no Mestrado em Psicologia pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Estadual de Maringá – UEM, na linha de desenvolvimento humano e processos educativos. Buscando tecer contribuições para o desenvolvimento psíquico do adolescente, esta dissertação tem por objetivo, por meio da revisão de literatura fundamentada teoricamente na Psicologia Histórico-Cultural, compreender como se dá o desenvolvimento da autoavaliação no período da adolescência e de que forma as transformações sociais da contemporaneidade, especialmente o fenômeno das redes sociais, pode influenciar a sua constituição.

Experiências pessoais e acadêmicas proporcionadas ao longo da graduação em Psicologia, principalmente com a prática do estágio em Psicologia Escolar, fomentaram o interesse pela pesquisa e discussão acerca do desenvolvimento psíquico no período da adolescência e também pelo lugar social que esse grupo se encontra. Posteriormente, no mestrado, no contexto de grupo de estudos, tive contato com discussões referente à autoavaliação e ao desenvolvimento psíquico do adolescente, gerando algumas inquietações e curiosidades que possibilitaram o desenvolvimento do tema de pesquisa proposto.

Para iniciar esta dissertação, vamos imaginar um recorte da rotina de uma adolescente fictícia: é sexta-feira pela manhã, Júlia acorda com o despertador de seu celular tocando às 6:30h. Antes de se levantar, conforme faz praticamente todos os dias, confere suas mensagens e, ao perceber que não tem nada relevante, migra para as redes sociais, uma vez que não pode chegar desatualizada na escola. Verifica as postagens de seus amigos, o que eles fizeram na noite anterior, sem deixar de checar as atualizações das pessoas famosas que segue e admira. Como sempre, a breve verificação dura mais tempo que o previsto, ela está prestes a se atrasar para a escola.

No ponto de ônibus, se dá conta de que é sexta-feira, último dia útil da semana. Percebe também que precisa atualizar sua rede social, pois desde quinta-feira à tarde não posta nada, e se preocupa que as pessoas a esqueçam. Divaga se deve postar uma *selfie* ou uma foto da paisagem, e acaba decidindo pela primeira opção. Seleciona seu filtro preferido e escolhe uma legenda. Percebe que o ônibus está atrasado, portanto, envia uma mensagem para o grupo de conversa e solicita que as amigas avisem o professor.

Em casa, durante seu almoço, Júlia nota que seu prato de comida está especialmente apetitoso, logo não pode deixar de compartilhar com todos, escolhe um bom ângulo para que não apareça toda a bagunça que está na cozinha e a pilha de louça que ainda terá que lavar. A

comida estava realmente muito boa, decide repetir, mas sobre essa parte pondera ser melhor não compartilhar, pois não quer ser taxada como gulosa. Além do mais, todas aquelas garotas bonitas que ela segue provavelmente não repetem o almoço, e com esse pensamento ela acaba se arrependendo do segundo prato.

Após o almoço, Júlia sabe que precisa estudar e fazer os trabalhos escolares que estão acumulando, mas decide entrar um pouco nas redes sociais, dizendo para si mesma que precisa de um tempo para relaxar. É bombardeada com diversos conteúdos, produtos, roupas, sapatos, novas tendências, fotos de pessoas maravilhosas fazendo coisas incríveis, visitando lugares espetaculares, comprando uma variedade de coisas. Ao final de seu tempo de relaxamento, começa a perceber como suas roupas são sem graça, se questiona: “talvez meu estilo não seja tão bom? Será que preciso mudar alguma coisa? Aprender a combinar melhor as peças?”

Depois, ao passar na frente do espelho, ela nota que sua pele não está tão boa e vê o cabelo que ela gostaria que fosse diferente, analisa seu corpo e não se sente plenamente satisfeita, começa a pensar: “deveria me exercitar mais? Fazer alguma mudança física?” Furtivamente lembra-se do segundo prato de refeição e tem a certeza de que não deveria ter repetido, decide pular o lanche da tarde para compensar. Júlia percebe cada vez mais novas necessidades, e se angustia pensando em como supri-las, se sente frustrada por não ter as condições financeiras necessárias para alcançar todas as novas “urgências” que surgem “ao acaso” enquanto navega em suas redes, pois sem elas (as redes sociais) não se sente inteiramente realizada.

Percebe que já é tarde, novamente passou mais tempo do que o planejado nas redes sociais, se sente mentalmente exausta e não tem ânimo para estudar. Diz para si mesma que é sexta-feira à noite, então precisa relaxar. Acaba retornando para as redes e percebe que a sexta de todos está tão divertida, parece que todos têm algo para fazer, mas ela não tem plano algum. A frustração se instala mais uma vez, ela não quer ser a única com a vida desinteressante, sem algo para compartilhar. Começa a ponderar suas opções, decide tirar uma foto de forma a aparentar que vai sair, escolhe a legenda “sextou”. Coloca o pijama e vai para o sofá assistir um filme, mas sempre verificando quem visualizou e interagiu na sua postagem.

Resolvi iniciar a dissertação com essa simulação de uma rotina hipotética com o intuito de ilustrar como, nos dias atuais, a vida dos adolescentes e seu relacionamento com a realidade social têm sido mediados pelas tecnologias digitais, entre elas as redes sociais, que atualmente vêm fazendo parte da realidade cotidiana dos jovens. Essas novas tecnologias inserem distintos elementos na cotidianidade dos adolescentes, fundamentalmente em termos relacionais e intersubjetivos. Diante disso, pretendemos compreender a constituição da adolescência na

sociedade da virtualidade e de que forma esse fenômeno social pode influenciar na construção da autoavaliação dos adolescentes. Para tanto, adotamos a Psicologia Histórico-Cultural (PHC) como perspectiva teórica para discorrer sobre o fenômeno.

É fundamental expor alguns pressupostos da PHC em relação ao grupo pesquisado. Comumente, encontramos na literatura proposições sobre a adolescência envoltas por uma visão biológica, naturalizante e idealista em que são abordadas as mudanças que ocorrem nessa etapa do desenvolvimento como se fossem apenas corporais e sexuais e acontecessem de forma homogênea para todas as pessoas. Entretanto, por meio dos estudos de L. S. Vigotski¹ e da Teoria Histórico-Cultural, a adolescência começou a ser vista de outro modo, passando a ser percebida como um momento primordial no desenvolvimento do sujeito devido às diversas transformações significativas, como as formações psíquicas qualitativamente novas (Leal, 2016; Leal & Mascagna, 2017).

Para a citada teoria, o desenvolvimento não se dá de forma inata e universal para todos os homens, mas sim de modo heterogêneo, diversificando de acordo com o momento histórico, os meios sociais, culturais e econômicos. Portanto, é inviável sustentar a concepção de que os adolescentes têm vivências e experiências generalizadas. Nesse sentido, é essencial pensar nessa etapa como um fenômeno social e econômico, como uma construção cultural e histórica. Então, no decorrer da história do desenvolvimento humano e da sociedade, a adolescência transcorreu de diversas formas, entre os distintos povos (Leal, 2016).

Assim, neste trabalho farei um recorte do período de desenvolvimento da adolescência, com foco para a construção da autoavaliação nessa etapa. A autoavaliação se caracteriza como um conceito importante, pois é por meio de sua formação que o adolescente começa a desenvolver a capacidade de tomada de consciência de si, de suas próprias qualidades psíquicas e físicas, passando a ver de forma mais clara a si mesmo enquanto personalidade individual, fazendo uma autorreflexão e tomando consciência do próprio eu, de suas valorações, de quem ele é, de como é, de quais são suas capacidades e potencialidades. Essa autorreflexão juvenil é influenciada por uma diversidade de fatores sociais, culturais, do meio em que está inserido, do grau de ensinamento que possui, das relações familiares e com seus coetâneos. Portanto, a autoavaliação como forma com a qual o sujeito se considera, torna-se um traço importante para a formação da personalidade do adolescente (Kon, 1988).

¹ Existem diferentes grafias para o nome do autor, entretanto, para uma melhor organização estética do texto será utilizada apenas uma grafia de Vigotski, mesmo que em outros manuscritos seja apresentado de outras formas. Nas citações diretas, mantém-se a grafia conforme o texto original.

Nesse período, segundo Bozhovich (1976), uma autoavaliação estável tem um papel importante para o desenvolvimento da personalidade do adolescente, uma vez que o contemplar-se como sujeito, perceber suas características, particularidades, qualidades, a organização de sua conduta e sua valoração enquanto pessoa tem um papel extremamente importante para a formação da personalidade do adolescente, pois influencia sua conduta em relação a si e às pessoas com quem socializa, fazendo com que essas formas afetivas possam se tornar traços estáveis de seu caráter e fazer parte da sua personalidade.

Como dito, a adolescência é uma fase do desenvolvimento humano decorrente do desenvolvimento histórico e social da humanidade, portanto, para entender sua constituição atual e tudo que nela implica é necessário analisar a sociedade moderna e como se constituem as relações humanas na atualidade.

A sociedade contemporânea passou por diversas modificações sociais e econômicas decorrentes do neoliberalismo e da reestruturação produtiva. Em síntese, uma das prerrogativas do capital e suas novas configurações é o acúmulo de bens e riquezas, a perda do sentido criativo do trabalho, a exploração do homem pelo homem a gerar cada vez mais um distanciamento entre a classe dominante e a classe trabalhadora, e a modificação das relações de trabalho, tornando-as cada vez mais velozes, produtivas, precarizadas e adoecedoras (Antunes & Alves, 2004).

Essas transformações no mundo do trabalho também adentraram as relações sociais estabelecidas pelos sujeitos, pois com a fragmentação do trabalho – que se tornou mecanicista e veio a perder sua função criativa – e com as estabelecidas relações sociais de dominação de uma classe pela outra, as apropriações e objetivações tornaram-se alienadas, limitando o pleno desenvolvimento da personalidade humana e implicando na quebra da potencialidade criadora e autocriadora dos sujeitos, o que resultou, portanto, na alienação dos indivíduos.

A individualidade e a personalidade, nessa sociedade, acabaram condicionadas pelo valor de troca, estando a nível de mercadoria e acarretando no empobrecimento da constituição da personalidade humana. Da mesma forma as relações interpessoais, familiares, afetivas e de amizade do tempo livre acabaram se estruturando na base do sistema capitalista de trocas, tornando-se cada vez mais empobrecidas e fetichizadas (Martins, 2004).

Assim, a sociedade passou a se reorganizar em razão das grandes mudanças advindas da forma de produzir a vida, que resultaram em transformações históricas e sociais. Essas transformações sociais são atravessadas também pela ascensão tecnológica, que proporciona um aumento gigantesco na disseminação de informações possibilitadas pelas redes de comunicação e mídias sociais, fazendo com que, atualmente, com a influência tecnológica,

experiências e vivências sejam transformadas, tornando-as cada vez mais complexas, fundamentalmente no que se refere às relações sociais cotidianas. Diante da agilidade das novas ferramentas de comunicação e disseminação da informação, os interesses do capital conseguem adentrar de forma ainda mais rápida na cotidianidade dos sujeitos, oferecendo novos produtos, serviços e criando novas necessidades, fazendo com que se instale uma sociedade do consumo na qual as relações estabelecidas passam também a serem mercadológicas (Silva, 2011).

Atravessada por todas essas questões, há o advento das redes sociais, que torna a reprodução virtual da realidade social posta de individualismo, alienação, consumo exacerbado e empobrecimento das relações interpessoais. Segundo Freitas (2017), as práticas de consumo também se moldam à nova lógica social, as empresas aderem a um novo modelo de vendas, compartilhamento de produtos, informações e ideias, valendo-se das redes como uma ferramenta.

Influenciadas pelas concepções de sociedade, indivíduo e sociabilidade alimentada pelo capitalismo neoliberal, as redes sociais promovem a manutenção dos padrões pré-estabelecidos, acentuam ainda mais as contradições do capital, e também criam diversas novas necessidades nos sujeitos. Como, por exemplo, a representação da felicidade associada ao consumo e ao acúmulo de bens, a idealização de uma vida perfeita, altamente produtiva e livre de problemas, além dos estímulos para alcançar o sucesso, a jovialidade e a beleza, tudo atrelado aos padrões do capital. Essas ilusões sistematizadas são utilizadas para a manutenção do sistema capitalista. Nesse sentido, as redes sociais se tornam um local no qual os sujeitos interagem virtualmente e constroem imagens sobre si, que muitas vezes não são representações da realidade, mas sim, do padrão social pré-estabelecido (Silva, 2011; Freitas, 2017).

A grande problemática é que toda essa realidade criada e idealizada difere da realidade concreta, sendo de difícil alcance para a maioria da população. Dessa forma, diversos desejos e objetivos dos sujeitos vão divergir com a limitada disponibilidade no contexto social, resultando na satisfação de poucos em detrimento da insatisfação de muitos, que é o cerne da divisão social de classes (Freitas, 2017).

Isto posto, é dentro dessa realidade social e atravessado pelas questões levantadas, que o adolescente vai construir sua autoavaliação e desenvolver sua personalidade, visto que ambas são influenciadas pela relação dialética entre apropriação e objetivação, tendo como resultado a transformação das relações sociais coletivas.

A adolescência se constitui como uma etapa de formação do sujeito, se destacando pelo seu movimento e desenvolvimento constante, e transformando-se juntamente com as mudanças históricas e sociais. Desse modo, para acompanhar a realidade social contemporânea, as

pesquisas referentes à constituição da adolescência precisam contemplar as novas criações humanas e as distintas maneiras do homem se relacionar consigo e com os outros. Em vista disso, faz-se necessário refletir como as atuais mudanças sociais delineadas pela avultação do fenômeno das redes sociais podem estar modificando a forma de se relacionar dos jovens, como eles consideram e valoram a si mesmos, uma vez que são questões fundamentais para a construção da autoavaliação e conteúdo essencial para a formação da personalidade do sujeito.

Assim, o conteúdo da dissertação foi organizado em quatro seções. Com vistas a compreender melhor o grupo pesquisado, na primeira seção é abordado o período da adolescência a partir dos estudos da Psicologia Histórico-Cultural, com os itens 1.1., onde são apresentados os elementos que possibilitam pensar a categoria adolescência como um período do desenvolvimento humano forjado de forma sócio-histórica, isto é, uma fase de significativa ascensão que ocorre durante o desenvolvimento biológico e cultural, com uma complexidade de processos envolvidos, pois se caracteriza como uma etapa de transição da infância para a vida adulta, que irá produzir transformações no organismo e no psiquismo. No item 1.2., são abordados alguns pontos referentes ao desenvolvimento psíquico do adolescente, suas formações qualitativamente novas, como a aquisição de novos interesses, a formação do pensamento por conceitos e da autoconsciência. No item 1.3., são apresentadas as particularidades psíquicas do período da adolescência.

Dando sequência, a segunda seção apresenta a construção do conceito de autoavaliação, como ela se desenvolve no período da adolescência influenciada pela forma com a qual o sujeito se relaciona com o meio, com seus coetâneos e com os adultos que o cercam, além do papel que desempenha na constituição da personalidade do adolescente.

Na terceira seção, discuto algumas questões sobre a sociedade contemporânea, sobre os novos fenômenos tecnológicos, principalmente o advento das redes sociais, e a constituição da adolescência envolta pelos fenômenos da sociedade atual. Dessa forma, no item 3.1., são levantadas as principais características da contemporaneidade, sua forma de organização e produção social, as novas transformações tecnológicas e como isso tem influenciado nas relações sociais e de constituição dos sujeitos. No item 3.2., partindo do princípio da adolescência enquanto uma construção histórica e cultural que se desenvolve a partir de uma demanda social, discuto o período forjado nos moldes da sociedade atual, possuindo características distintas das gerações pregressas. Finalizo a seção com o item 3.3., em que exponho como as redes sociais têm influenciado a formação dos adolescentes contemporâneos.

Para encerrar as discussões, na quarta seção me proponho a analisar e sintetizar os conteúdos levantados ao longo da dissertação, direcionando-os para responder à pergunta de

pesquisa que se refere às implicações do fenômeno das redes sociais para a construção da autoavaliação do adolescente, bem como quais podem ser as influências para o desenvolvimento pleno da sua personalidade.

Desse modo, a dissertação dedica-se a tecer contribuições teóricas com vistas a agregar conhecimentos sobre a constituição atual dos adolescentes e como eles estão vivenciando as demandas sociais, mediadas pela virtualidade, uma vez que é compromisso social da ciência psicológica realizar uma leitura crítica da sociedade para buscar a construção de políticas adequadas que atendam as reais necessidades da juventude contemporânea.

SEÇÃO 1- ADOLESCÊNCIA À LUZ DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

Diante dos objetivos da presente dissertação, é basilar iniciar a trajetória tecendo considerações elementares sobre a adolescência enquanto um período de desenvolvimento humano fundamental, com formações psíquicas qualitativamente novas e essenciais para a constituição do sujeito. Nesta seção, não é objetivo nos aprofundarmos nas vertentes psicológicas tradicionais que descreveram equivocadamente o período da adolescência como algo hegemônico e biológico, nem apresentar toda a construção histórica envolta no surgimento dessa etapa do desenvolvimento. Pretendemos apresentar a perspectiva da psicologia histórico-cultural sobre o tema e como ela vem buscando uma análise para além do biológico, deixando claro o desenvolvimento do sujeito enquanto uma construção dialética imbricada pelas condições históricas e sociais da humanidade.

1.1 A adolescência enquanto fenômeno sócio-histórico

Acreditamos ser importante iniciar as reflexões destacando, de maneira breve, a concepção de homem da PHC, em virtude desta concepção ser um preceito necessário para guiar a compreensão dos conteúdos propostos sobre a etapa da adolescência. Nesse sentido, Vigotski (1930) afirma que o homem é fruto de duas linhas evolutivas, tendo se desenvolvido, por um lado, a partir de um longo processo de evolução biológica da qual surgiram as diversas características da estrutura corporal, sistemas, funções orgânicas e atividades instintivas que foram fixadas hereditariamente; por outro lado, passou a ser regido por complexas leis do desenvolvimento histórico-social, que governam o processo de desenvolvimento material e mental da sociedade humana. Sendo assim, as características especificamente humanas que o sujeito adquire nesse processo não são transmitidas por herança genética, mas a partir do processo de mediação com os outros homens e com a cultura produzida.

Corroborando com esta tese, Leontiev (2004) pontua que o sujeito não nasce homem, mas aprende a ser homem, pois “o que a natureza lhe dá quando nasce não lhe basta para viver em sociedade. É-lhe ainda preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana” (p. 285). Desta forma, o processo de *hominização* do sujeito é resultado da organização da vida em uma sociedade estruturada a partir do trabalho, sendo este o ato de transformar a natureza para atender às necessidades humanas. O salto qualitativo, que ocorreu por meio do trabalho, modificou a natureza do homem e deu início a um

desenvolvimento que deixou de se subordinar às leis biológicas, passando a responder às leis sócio-históricas (Leontiev, 2004).

Assim, “o homem é um ser de natureza *social*, que tudo o que tem de humano nele provém da sua vida em *sociedade*, no seio da *cultura* criada pela humanidade” (Leontiev 2004, p. 279). Em seu desenvolvimento, o sujeito é inserido em um mundo de objetos e fenômenos criados pelas gerações anteriores e, ao se relacionar com os homens e com suas produções, ele se apropria do mundo, desenvolvendo as características especificamente humanas, as quais são transmitidas pela apropriação da cultura cultivada pelas gerações anteriores (Leontiev, 2004).

Em síntese, essa perspectiva teórica fundamenta que o homem é um ser social que se desenvolve de acordo com as leis histórico-sociais, influenciado pela cultura na qual está inserido. Dessa forma, seu desenvolvimento psíquico é socialmente condicionado por diversas determinações, como as condições de vida, de educação, da cultura e da sociedade à qual o sujeito pertence. Essa concepção de homem possibilita pensar a categoria adolescência como um período do desenvolvimento humano regido pelas mesmas leis sócio-históricas, e não como uma mera etapa biológica da vida, tal como se configura em outras perspectivas.

As teorias psicológicas tradicionais têm concebido a etapa da adolescência por meio de elaborações idealistas, naturalizantes, biologizantes e, por vezes, patológicas, que se tornaram hegemônicas e ainda possuem ampla aceitação social. Essas teorias postulam a adolescência como uma fase natural e homogênea, descrita comumente como uma idade “difícil” e “conflituosa”, em que os sujeitos se tornam rebeldes, sem limites e com frequência entram em embate com os adultos, apresentando forte tendência ao isolamento e à introspecção, ou seja, a adolescência vem sendo concebida muito mais por elementos negativos. Essa turbulência atribuída a esta etapa recebe explicações de ordem biológica, sendo considerada como resultado da influência das transformações corporais, da maturação sexual e das mudanças hormonais. Quando se assume tal posição, passa-se a considerar que essa é uma etapa natural, onde todos os sujeitos vão vivenciá-la do mesmo modo, independentemente de seu lugar na história e na sociedade, e desconsiderando uma gama de outros fatores que constituem o homem (Kon, 1988).

Tolstij (1989) levanta críticas às teorias tradicionais que dicotomizam o adolescente em anjo ou demônio, em normal ou patológico, ora demonizando-o enquanto selvagem, transgressor, um ser movido pelos hormônios; ora o convertendo em uma imagem angelical, como um sujeito sentimental, vulnerável, em busca de um ideal. Quanto a isso, ele afirma “(...) ‘nem anjo’, ‘nem demônio’ se sentem cômodos na vida humana, eles são demasiadamente

elementares, unidimensionais, extremamente simples para caracterizar toda a complexidade da personalidade humana” (p. 121., tradução e grifos meus)².

Por meio dos estudos de L. S. Vigotski e da PHC, a adolescência começou a ser vista de outro modo, não mais como uma mera etapa que transcorre de forma natural, mas como um fenômeno cultural, uma construção humana que se origina a partir das transformações históricas da sociedade e da forma com as quais os homens se organizam e produzem. Constituída como um fenômeno social significativo, compreender a adolescência envolve analisar como esse período do desenvolvimento foi produzido historicamente na sociedade moderna ocidental (Anjos & Duarte, 2016).

Retomando o movimento histórico de sua gênese, temos alguns fatos que influenciaram a construção da adolescência. O primeiro deles se refere às transformações sociais impulsionadas pela revolução industrial, a modificar e complexificar diversas esferas da vida, como o trabalho, que passou a demandar uma formação mais refinada adquirida no meio escolar, reunindo assim os jovens em um mesmo ambiente social e, conseqüentemente, os afastando por um período de tempo mais prolongado do meio do trabalho. Esse afastamento não ocorreu apenas em prol da qualificação da mão de obra, mas também devido ao desemprego estrutural que a sociedade capitalista provocou, fazendo com que fosse necessário frear o ingresso dos jovens no mercado de trabalho. Dessa maneira, a sociedade promoveu condições para que o sujeito ficasse mais tempo sob a tutela da família e da escola, afastado do mercado de trabalho; aumento esse que impulsionou a aproximação e a socialização do grupo de iguais (Bock, 2004).

Por meio dessas exigências sociais ocorreu a criação de um novo grupo social, a adolescência, caracterizada, segundo Bock (2004), como um “(...) período de latência social constituída a partir da sociedade capitalista, gerada por questões de ingresso no mercado de trabalho e extensão do período escolar, da necessidade do preparo técnico” (p. 41). A autora, dando seguimento, acrescenta, “essas questões sociais e históricas vão constituindo uma fase de afastamento do trabalho e o preparo para a vida adulta. As marcas do corpo, as possibilidades na relação com os adultos vão sendo pinçadas para a construção das significações (...)” (p. 41).

É importante sinalizar que esse atraso na inserção no mundo do trabalho ocorreu apenas para os jovens das classes mais abastadas da sociedade, os filhos das classes trabalhadoras eram introduzidos no mercado de trabalho em idade muito precoce, com o objetivo de auxiliar na subsistência familiar. Eram direcionados a trabalhos bastante precarizados e com remunerações

² Todas as citações retiradas de material de língua estrangeira foram traduzidas.

escassas. Além disso, na maioria das vezes não permaneciam um tempo significativo no sistema educacional ou nem chegavam a serem inseridos nele (Anjos, 2013).

Ademais, uma grande parcela dos filhos das camadas populares foi separada precocemente de suas famílias devido ao contrato anual de trabalho dos jovens rurais, ou em razão da aprendizagem e de um ofício juntamente com um artífice, ou ainda por conta da entrada no exército, seminário ou convento – movimento esse que ocorria por volta dos 12 ou 13 anos de idade. Desta forma, o processo de industrialização promoveu um encurtamento da infância para a classe operária, além do desmantelamento da família, que precisava enviar seus filhos para o trabalho precarizado precocemente. Em contrapartida, a burguesia preparava seus filhos para assumir os negócios familiares com base na inserção de um longo período de preparo acadêmico (Isambert-Jamati, 1966 citado por Anjos, 2013).

Nesse sentido, a adolescência é produzida historicamente pelo fenômeno da divisão social de classes, tendo surgido em consequência da complexificação da vida produtiva e social. Ao ter se constituído como etapa de desenvolvimento e estudada pela PHC, passou a ser compreendida como um momento primordial no desenvolvimento do sujeito devido às diversas transformações significativas pelas quais o indivíduo passa, surgindo formações psíquicas qualitativamente novas. O desenvolvimento do novo que surge nessa etapa não ocorre a partir de um simples amadurecimento biológico de algo inato no sujeito, mas se constrói por meio de um processo social, mediado pelas relações com as outras pessoas e com o meio, um processo histórico e cultural (Anjos & Duarte, 2016).

É inegável que a fase da adolescência apresenta algumas contradições, e quando não são contextualizadas corretamente, podem endossar os argumentos das teorias tradicionais como essencialmente uma “idade difícil”. Sobre algumas dessas particularidades psicológicas que surgem na adolescência, Tolstij (1989) afirma que o adolescente:

(...) já não se conforma com os valores, as tarefas e as aspirações que constituem o sentido de sua atividade em um período mais inicial (a infância), sua atitude sobre esses valores é niilista, muitas formações psicológicas que eram vitalmente importantes para o escolar menor desaparecem, o desejo de estudar, de comportar-se de forma disciplinada etc. – realiza com frequência ações inexplicáveis, com frequência tem um comportamento inadequado, as vezes perde momentaneamente o equilíbrio psíquico, por ser incapaz de encontrar seu lugar nas novas condições (pp. 118-119).

Entretanto, o autor enfatiza que essas contradições e dificuldades que se evidenciam no decurso do desenvolvimento do adolescente, e que produzem uma diversidade de emoções,

aflições, inquietudes, ansiedades, não podem ser elucidadas meramente pelas dificuldades da maturação fisiológica. Para compreender esse movimento é preciso analisar a complexidade dos processos que se operam na adolescência, suas particularidades e as formações qualitativamente novas, de modo que essa análise não seja descolada da realidade social da qual o adolescente faz parte.

Indo ao encontro disso, Bock (2004) explicita que os adolescentes, ao passarem pela etapa de latência imposta pelas necessidades sociais, se encontram em uma situação contraditória, pois apesar de terem condições cognitivas, fisiológicas e afetivas de adentrarem ao mundo adulto, são barrados em virtude das imposições sociais de afastamento do mundo do trabalho, conseqüentemente minando suas possibilidades de autonomia e alimentando seu vínculo de dependência do adulto. Essa contradição influencia o desenvolvimento das características descritas pela psicologia tradicional como naturais da adolescência. Todavia, como podemos perceber, são na verdade forjadas nas necessidades históricas e econômicas de uma dada organização social.

As condições sociais nas quais se encontram os jovens são claríssimas como fonte mobilizadora e geradora da chamada “adolescência”. A moratória na qual se encontram os jovens não é um período necessário do seu desenvolvimento e, sim, um período no qual o mundo adulto considerou necessário colocar seus jovens para poderem os adultos estar mais tempo no mercado de trabalho e para poderem os jovens serem mais bem preparados para responderem às exigências do novo mundo do trabalho tecnológico (Bock, 2004, p. 42).

À medida que a adolescência vai se constituindo como um fato social, torna-se um momento significativo e passa a ser estudada e conceituada cientificamente, suas características são descritas e tomadas como se fossem naturais da etapa de desenvolvimento. A sociedade passa a reconhecê-la, adotar esses mesmos significados e buscar essas condutas nos jovens. Se contrapondo a isso, a PHC mostra a necessidade de apresentar a adolescência enquanto fenômeno histórico e social, como uma construção cultural, uma etapa de transição em que o adolescente busca seu lugar na sociedade e trilha seu caminho no mundo adulto (Bock, 2004).

Dessa forma, o adolescente, seus períodos de crise, suas novas formações, não podem ser analisados apenas por uma vertente biológica, mas de forma contextualizada dentro da realidade na qual está inserido, pois é um sujeito social que faz parte de um determinado tempo histórico, dentro de uma determinada cultura e membro de uma dada classe social, a qual irá condicionar o acesso aos bens e aquisições acumulados pelas gerações anteriores. Assim sendo,

as complexas formações que se produzem no desenvolvimento psíquico do adolescente são resultantes da sua vida social, desenvolvimento cultural e da atividade laboral.

Diante do exposto, fica evidente a necessidade de estudar a adolescência a partir do princípio do condicionamento histórico-social. Partindo dessa asserção, é primordial levar em consideração a diversidade de elementos constituintes dos adolescentes, uma vez que estão inseridos em diferentes meios, com distintas condições sociais, o que vai influenciar diretamente a forma como se desenvolvem, bem como a forma como vivenciam o processo da adolescência. Como traz Vigotski (1996, p. 235), “à medida que vão amadurecendo as capacidades a influência do meio se faz mais perceptível, diferenciando cada vez mais os indivíduos entre si. As desigualdades do meio social originam diferenças muito notórias na estrutura da personalidade”.

A PHC considera a adolescência como um fenômeno complexo, heterogêneo, com múltiplas expressões, e a estuda levando em consideração essa multiplicidade e o fato de o desenvolvimento ocorrer de distintos modos, nos diferentes meios culturais e tempos históricos. Nesse sentido, é necessário adotar uma abordagem sociopsicológica para analisar a adolescência e os adolescentes em sua completude, compreendendo que ao longo dos tempos foram adquirindo modos distintos de vivenciar essa etapa do desenvolvimento, evoluindo juntamente com a história social e confirmando seu caráter histórico. Dentro de um determinado período histórico, os adolescentes também são interseccionados pela divisão de classes, que condiciona seu acesso e sua formação enquanto pertencentes ao gênero humano mostrando seu caráter social (Kon, 1988).

Nesse sentido, o conceito de geração é fundamental para o estudo da psicologia da adolescência, como Tolstij (1989) explicita, “(...) a vida do homem é a história da formação e desenvolvimento de uma pessoa em determinada sociedade, de um contemporâneo em uma determinada época e de um coetâneo em determinada geração” (p. 165). Também explica que as distinções geracionais se constituem como um mecanismo que assegura a inter-relação entre o tempo individual de desenvolvimento pessoal e seu contexto sócio-histórico, isto é, a diferença no desenvolvimento e formação da personalidade dos adolescentes nas diferentes gerações. O autor exemplifica expondo que a geração dos adolescentes que viveram no período da Segunda Guerra (1939-1945) e nos primeiros anos do pós-guerra, tiveram vivências, experiências e características totalmente distintas dos adolescentes que do tempo contemporâneo, pois a adolescência se manifesta como fenômeno diferente, a depender da influência do tempo histórico e dos fenômenos sociais vigentes.

Indo ao encontro do que foi exposto, Dragunova (1965) apresenta algumas pesquisas realizadas pelos teóricos soviéticos por volta dos anos 1920 e 1930, que tiveram o intuito de investigar se algumas particularidades dos adolescentes eram naturais, ou seja, inerentes ao seu desenvolvimento, ou se estavam condicionadas pelo meio social do qual faziam parte. Buscaram investigar também qual era a influência dos diferentes sistemas educacionais para a constituição dessas particularidades. Como resultado, chegaram à conclusão que as dificuldades e particularidades dos adolescentes não se caracterizavam como algo natural, inato, que aparecia nesse período de desenvolvimento, mas estavam engendradas pela ordem social dominante. Frente a esse desfecho, Dragunova propõe a necessidade de clarificar as características gerais e as particularidades específicas dos adolescentes que crescem em diferentes condições sociais.

Tolstij (1989) também propõe alguns estudos que mostram a diferença no desenvolvimento do adolescente burguês em comparação ao adolescente da classe trabalhadora. Segundo ele, enquanto o adolescente burguês tinha uma infinidade de condições de acesso a bens, de socialização e educação, ao adolescente da classe trabalhadora restava trabalhar para viver, para suprir suas necessidades básicas, o que acabava por se tornar sua prioridade central. Então, enquanto o adolescente trabalhador tinha como principal objetivo assegurar sua existência, acabava percorrendo um caminho muitas vezes débil de desenvolvimento cultural e intelectual, tendo a expressão de sua juventude abreviada; ao passo que o adolescente burguês tinha um mundo de condições favoráveis para o seu desenvolvimento, com o bônus de não ter a preocupação central de assegurar sua existência, podendo vivenciar sua adolescência de forma completamente distinta.

O que os autores trazem é o fato de a sociedade, nos moldes atuais, não ser representada por um todo uniforme, mas dividida em distintas classes sociais, fazendo com que nem todos tenham acesso de forma igualitária aos bens culturais, com vistas a influenciar diretamente no desenvolvimento dos sujeitos. Consequentemente, irão existir distintas manifestações da adolescência de acordo com os segmentos sociais aos quais pertencam. Os adolescentes das camadas desfavorecidas desenvolvem sua visão de mundo e sua personalidade de maneira distinta dos adolescentes das classes mais abastadas, pois pertencem a lugares diferentes dentro da organização social, o que acarreta em condições e oportunidades de desenvolvimento diversas. Frente a essa multiplicidade de questões que envolvem a formação humana, como podemos dizer que a adolescência é um processo natural e homogêneo? Tal afirmação seria infame e desconsideraria o processo histórico e dialético que nos constitui enquanto gênero humano.

Ao longo desse tópico foi frisada a importância de perceber a adolescência enquanto um fenômeno sócio-histórico e não como uma mera etapa de maturação biológica do sujeito. Todavia, consideramos oportuno fazer o adendo de que a teoria não descarta as mudanças biológicas no processo da adolescência. O fato de discordar das teorias naturalizantes e idealistas não significa refutar as influências biológicas do homem, uma vez que a relação do biológico e social no sujeito são de incorporação do primeiro pelo segundo, não de eliminação ou cisão entre ambos. Justamente por isso a importância do materialismo histórico-dialético para capturar corretamente a essência da etapa da adolescência (Anjos & Duarte, 2016).

Em síntese, o que a teoria busca expor é que não existe nada de natural e patológico na adolescência, ela é social e histórica, existe enquanto categoria atualmente dentro dos moldes sociais vigentes, mas pode deixar de existir em uma nova formação social futura. Pode expressar-se com maior ou menor evidência dentro de determinados grupos sociais. Além disso, a teoria defende uma adolescência enquanto significado social, com variadas possibilidades de expressões.

Para compreender a adolescência e suas transformações corretamente é preciso adotar uma ótica sociocultural do conteúdo, pois se caracteriza como uma idade de variadas e complexas mudanças, em que surgem formações qualitativamente novas no processo de desenvolvimento, as quais podem ser convertidas posteriormente como traços definitivos da personalidade do adolescente. Essas formações no desenvolvimento do adolescente serão descritas de forma mais detalhada no próximo tópico da presente seção.

1.2 O desenvolvimento psíquico do adolescente

O desenvolvimento psíquico do adolescente está envolto pela etapa de transição, na qual estruturas antigas dão lugar a novas formações, com uma nova concepção de constituição do intelecto. Tendo isso em vista, destinamos este tópico para o estudo do desenvolvimento psíquico relacionado à evolução dos interesses e às mudanças produzidas na estrutura do pensamento, como a passagem ao pensamento por conceitos e o desenvolvimento da autoconsciência. Iniciamos levantando a questão dos interesses da idade de transição, pois é fundamental compreender a transformação e a mudança que estes produzem na estrutura e orientação do comportamento dos adolescentes.

Segundo Vigotski (1996), os interesses, no período da adolescência, constituem o ponto central para compreender o desenvolvimento psíquico do adolescente, pois as funções psicológicas são orientadas a partir de um sistema de aspirações e interesses consolidados na

personalidade. Dessa forma, é importante entender a evolução da conduta e dos interesses e as transformações que acarretam na estrutura da orientação do comportamento. O autor pontua duas características essenciais do período, como o fato de ser um momento de ruptura dos velhos interesses e de maturação de novas bases biológicas que proporcionam o desenvolvimento de novos interesses. Dando continuidade, ele apresenta que,

É na adolescência que se manifestam, de forma clara, as relações entre as verdadeiras necessidades biológicas do organismo e suas necessidades culturais superiores, que chamamos de interesses. (...) Com a maturação e a aparição de novas atrações e necessidades internas, ampliam o círculo de objetos que possuem força incitadora para os adolescentes, como esferas da atividade, antes neutras para eles se convertem em momentos fundamentais que determinam sua conduta (...), surgindo para o adolescente um mundo exterior completamente novo (p. 24).

Os interesses, então, surgem em consonância com as atrações. Juntos, modificam a relação do adolescente com o meio, coincidindo com o período de maturação sexual e determinando não somente diversas mudanças orgânicas, como também uma reorganização das relações sociais com seu entorno.

Compreendemos que a atividade humana não se caracteriza apenas pela soma mecânica de hábitos aleatórios, mas é organizada e estruturada por aspirações e interesses. Nesse processo de constituição dos interesses na adolescência, concordamos com Vigotski (1996) que estes não se constituem de forma inata, natural, mas se desenvolvem, uma vez que apresentam natureza histórica e social. Portanto, os interesses se constituem como um estado especificamente humano, porque apenas o homem é capaz de criar novas forças motrizes de conduta e desenvolver novas necessidades e interesses, de forma interligada com seu desenvolvimento psíquico e cultural (Leontiev, 2004; Vigotski, 1996), pois “(...) o interesse em sua forma superior, ao fazer-se consciente e livre se apresenta como uma aspiração consciente, uma atração para si” (Vigotski, 1996 p. 23).

Entretanto, como afirma Anjos (2017), em uma organização social capitalista na qual imperam relações de luta de classes e a educação pública se faz deficitária, estando a serviço do capital e defendendo a superficialidade dos conhecimentos sistematizados, se torna oneroso que os interesses ou orientações da personalidade do adolescente se desenvolvam em uma atração para si, como uma força motriz consciente da conduta.

A adolescência, como uma etapa de transição da infância para idade adulta, também passa por uma transição de interesses, momento de ruptura em que interesses ligados à vida

infantil dão lugar a interesses qualitativamente novos, compatíveis com o período da adolescência. A evolução dos interesses do adolescente impulsiona o seu desenvolvimento psíquico, colaborando para a reorganização da estrutura da sua conduta, do comportamento e de suas funções psicológicas.

Como dito, na adolescência há uma nova organização das funções psíquicas, as quais podem ser caracterizadas como percepção, sensação, memória, atenção, linguagem, pensamento, imaginação, sentimentos e emoções, estando intrinsecamente ligadas e constituindo um sistema funcional complexo, de modo a favorecer a formação do psiquismo. Essas funções transformam-se em funções psicológicas superiores (FPS), voluntárias, conforme o sujeito vai dominando o universo simbólico objetivado no decorrer da história social da humanidade. Por isso, não devemos fazer a dicotomia de separação entre as funções consideradas superiores e as elementares, pois trata-se de uma concepção dialética de superação por incorporação, na qual a vida social produz, do ponto de vista filogenético e ontogenético, certas propriedades no psiquismo que são criadas pela própria vida em sociedade e pela cultura humana (Martins, 2013).

A respeito das FPS, Vigotski (1995; 1996) apresenta que são aquelas especificamente humanas, ou seja, são formadas na história do desenvolvimento humano e não dadas no nascimento. Se caracterizam como o núcleo essencial para a formação da personalidade na etapa da adolescência, e se reestruturam a partir da influência da relação do adolescente com o meio sociocultural e a partir dos estímulos e mediações que recebe. É na atividade social humana que as FPS se desenvolvem, constituindo um sistema funcional complexo e integrado, servindo como condição indispensável para a atividade consciente humana. Nesse sentido, Leontiev (1978; 2004), traz que a atividade humana é uma unidade de análise da personalidade, da qual devemos manter em perspectiva seu aspecto dialético com as FPS, enquanto conteúdo psíquico da personalidade e como manifestações da personalidade. A complexificação da atividade social permite o desenvolvimento das FPS em suas máximas possibilidades, dialeticamente esse desenvolvimento propicia uma conduta superior da atividade correspondente.

Desta forma, Vigotski (1996, 2012) aponta que o sistema funcional complexo formado pelas FPS é o núcleo central da personalidade e representante ativo das suas manifestações. As funções psíquicas possuem uma ligação fundamental com a personalidade. Assim, ao estudá-las, não podemos compreendê-las isoladamente, visto que todas as FPS estão intrinsecamente ligadas, representando formas culturais de conduta e relações sociais internalizadas, se constituindo como a base fundamental da estrutura social da personalidade.

Dito isso, o meio social e as relações sociais são basilares para o desenvolvimento psíquico. Vigotski (1996) apresenta que as funções psíquicas surgem em dois planos, onde se manifestam primeiro de forma intersíquica, no social, constituindo-se em colaboração com outros homens enquanto coletividade, para só posteriormente se converterem em uma função do sujeito, de natureza intrapsíquica, enquanto comportamento individual. Consequentemente, as FPS são uma reprodução das relações sociais coletivas entre os homens, revelando o papel essencial que a socialização exerce no desenvolvimento do adolescente. É na adolescência que o processo de internalização das FPS enquanto categoria psíquica tem seu auge constitutivo. Então o psiquismo do adolescente é “(...) um conjunto de relações sociais transladadas ao interior e convertidas em funções da personalidade, partes dinâmicas de sua estrutura (...) (p. 228). Aliado a isso,

(...) o desenvolvimento das funções psíquicas superiores da criança só é possível pelo caminho de seu desenvolvimento cultural. Tanto que se trata de dominar os meios externos da cultura, tais como a linguagem, a escrita, a aritmética, como do aperfeiçoamento interno das próprias funções psíquicas, isto é, a formação da atenção voluntária, da memória lógica, do pensamento abstrato, da formação de conceitos, do livre arbítrio etc (Vigotski, 2012, p. 94).

Assim a apropriação do adolescente da cultura objetivada ao longo da história do gênero humano expande as possibilidades da complexificação do seu pensamento e comportamento, pois permite que ele acesse as riquezas materiais e ideativas forjadas através da atividade social. Nesse encadeamento temos a possibilidade do desenvolvimento do pensamento por conceitos, a se caracterizar pela transformação tanto da forma como do conteúdo do pensamento, originando mecanismos singulares, operações, funções e modos de atividade outrora desconhecidos nas etapas preliminares do desenvolvimento (Vigotski, 1996).

O pensamento conceitual permite ao adolescente compreender a realidade interna e externa e fazer uma análise para além da aparência do fenômeno, percebendo suas múltiplas determinações. Esse salto qualitativo no seu pensamento ocorre em razão da formação de conceitos, que por sua vez representam as transições tanto no conteúdo como na forma do pensamento. Para Vigotski (1996, p. 59), “a formação de conceitos é justamente o núcleo fundamental que aglutina todas as mudanças que se produzem no pensamento do adolescente” e possui uma “(...) magnitude historicamente variável, socialmente condicionada que é produto do processo de desenvolvimento cultural”.

Vigotski (1996) afirma que na primeira infância encontramos a gênese do desenvolvimento dos processos psíquicos que permitem a formação dos conceitos. Entretanto, as funções psíquicas necessárias para a sua formação só se complexificam plenamente na adolescência, a partir da existência de uma relação dialética na qual as FPS também são investidas de complexidade, de forma a possibilitar o desenvolvimento do pensamento por conceitos e, concomitantemente, o desenvolvimento das FPS é engendrado pelo pensamento conceitual. No período da adolescência, “por meio do pensamento conceitual, ocorre uma fusão entre as funções, uma relação entre elas, principalmente com o pensamento” (Anjos, 2017, p. 92). As transformações nas funções psíquicas que ocorrem nesse período não significam que seu desenvolvimento se dá isoladamente, mas sim com a formação de um sistema funcional complexo que, por sua vez, “se subordina a uma lei única que procede da função central e reitora do psiquismo: o pensamento por conceitos” (p. 92).

Essa forma qualitativamente nova de pensamento do adolescente é o reflexo generalizado da realidade, é a capacidade de apreender o fenômeno para além de sua aparência, adentrando na sua essência. Nesse sentido, Anjos (2017) pontua que “todo significado da palavra, por ser uma generalização, é produto da atividade intelectual do indivíduo e se apresenta de maneira distinta no decurso do desenvolvimento humano” (p. 105). Dando continuidade à discussão, o autor discorre que,

Ao longo do desenvolvimento do indivíduo, as estruturas de generalização assumem diferentes formas qualitativas, conferindo características específicas à formação de conceitos que, de acordo com Vygotski (2001), conforma três fases principais no desenvolvimento do pensamento, quais sejam: pensamento sincrético, pensamento por complexos e pensamento por conceitos. Na primeira infância até o início da idade escolar, a criança opera cognitivamente com agrupamentos sincréticos, pensamento por complexos e com pseudoconceitos. Como já foi dito, a forma superior de pensamento conceitual torna-se possível apenas na adolescência (pp. 105-106).

Ao serem guiadas pelo pensamento por conceitos, as funções psíquicas tornam-se lógicas e independentes das leis naturais e elementares, visto que são regidas por um pensamento consciente, tornando-se voluntárias. Vigotski (1996) evidencia que na adolescência há a possibilidade de um avanço considerável no desenvolvimento intelectual, com a passagem do pensamento por complexos para o pensamento por conceitos. Então, a formação de conceitos é o novo que se adquire no período da adolescência, configurando uma forma qualitativamente nova de atividade intelectual, em que modifica a conduta do adolescente para consigo mesmo

e para com as pessoas em seu entorno, além de se caracterizar como um novo mecanismo intelectual. Como resultado da passagem ao pensamento por conceitos, o conteúdo do pensamento se aperfeiçoa e se reestrutura. “Na adolescência manifesta-se a possibilidade de o indivíduo dirigir sua própria conduta, dominar suas emoções, sua atenção, seu pensamento, sua memória, etc, e antecipar mentalmente os objetivos de suas ações” (Anjos, 2017, p. 93).

O desenvolvimento do pensamento por conceitos possibilita ao adolescente refletir sobre a realidade que o cerca com maior clareza. A partir da apropriação das palavras, que são os signos dos conceitos, o sujeito vivencia a realidade objetiva para além de sua aparência imediata. O pensamento conceitual permite que o adolescente domine o conjunto de conhecimento referente aos objetos e fenômenos a que o conceito se refere. Sendo o conceito reflexo ativo da realidade objetiva no pensamento, este torna-se responsável por mediar o processo de apropriação do concreto pelo pensamento (Vigotski, 1996; Anjos, 2017).

Outra consequência do desenvolvimento do pensamento por conceitos é a interiorização de conteúdos, em que “tudo aquilo que era anteriormente exterior, convicções, interesses, concepção de mundo, normas éticas, regras, condutas, inclinações, ideais, esquemas de pensamento, passam a ser interior” (Vigotski, 1996, p. 63), pois o adolescente, em razão de seu desenvolvimento cultural e intelectual, se propõe a dominar novas tarefas e conteúdos, surgindo assim novos estímulos que o guiam ao desenvolvimento de outros mecanismos do pensamento.

O desenvolvimento do pensamento por conceitos irá ampliar o universo do adolescente, colocando diante dele o mundo da consciência social objetiva e da ideologia social, dado que o conhecimento real, científico, artístico e cultural só pode ser apreendido verdadeiramente a partir dos conceitos. Com a aquisição do pensamento por conceitos o adolescente tem condições de participar ativamente dos distintos âmbitos da vida social, possibilitando a construção de uma visão de mundo e de sociedade que, anteriormente, sem a formação de conceitos, não era possível de forma efetiva. Em virtude desta formação qualitativamente nova é que a adolescência se torna uma fase em que o sujeito desenvolve uma infinidade de concepções sobre si, sobre a sociedade e sobre as pessoas que o cercam. Segundo Vigotski (1996):

Os anos da adolescência são, antes de tudo, anos de formação da concepção de mundo político-social, anos em que vão se formando, no fundamental, suas concepções sobre a vida, a sociedade, as pessoas, quando nascem as simpatias e antipatias sociais. Blonski afirma que nesses anos o adolescente medita intensamente sobre os problemas da existência (1930, pp. 209-210). Os problemas que lhe propõe a própria vida, assim como

sua incorporação decisiva na vida como participante ativo, exigem para sua solução o desenvolvimento das formas superiores de pensamento (p. 67).

Por meio do pensamento por conceitos será constituído o *link* básico e principal fonte das mudanças que ocorrem no psiquismo do adolescente, pois com a formação de conceitos todas as outras funções se intelectualizam e se transformam, organizando uma nova estrutura a partir da influência dos eixos decisivos que o pensamento alcança nessa etapa (Vigotski, 1996).

Graças ao pensamento por conceitos, o adolescente consegue compreender a sua realidade, a dos demais coetâneos e dos adultos que o cercam, caracterizando como uma revolução no seu pensamento e na sua consciência, diferenciando-o qualitativamente do pensamento infantil. Nesse período do desenvolvimento, se torna possível conhecer o mundo das vivências internas, o que imprime uma significativa importância no conteúdo do pensamento do adolescente. Essas rupturas e transformações no desenvolvimento e as particularidades psíquicas que surgem nessa etapa proporcionam uma nova formação fundamentalmente importante para o desenvolvimento do adolescente, a autoconsciência (Bozhovich, 1976).

Conforme a autora, o desenvolvimento da autoconsciência se inicia de forma rudimentar na idade infantil, enquanto estímulos elementares, proporcionando uma auto sensação integral, que se constitui pela formação primária da autoconsciência da criança, e somente depois de diversas transformações evolui para a autoconsciência com as particularidades do período da adolescência. Para que o processo da autoconsciência se efetue, é necessário que a criança adquira um determinado nível de desenvolvimento psíquico e experiência de vida, permitindo assim a valorização da complexa atividade psicológica e moral do homem. A autoconsciência não é inata, mas um processo de conhecimento que se desenvolve, impulsionada pelo desenvolvimento das demais funções e do pensamento por conceitos (Bozhovich, 1976).

Nesse sentido, Vigotski (1996) apresenta uma concepção dialética entre forma e conteúdo do pensamento, apontando que dada a complexidade da atividade humana, não só o conteúdo, mas também a forma do pensamento se modifica e complexifica. Sendo assim, a apropriação de conteúdos culturais possibilita o desenvolvimento de novas formações que proporcionam ao sujeito apropriar-se de novos conteúdos. Ou seja, “(...) um conteúdo novo não pode surgir sem formas novas” (p. 54), portanto, as objetivações genéricas para si são assimiladas de forma adequada apenas a partir de uma nova forma de pensamento que se desenvolve no período da adolescência, o pensamento por conceitos. Dessa forma, para uma concepção científica e dialética é fundamental compreender que um novo conteúdo forja novas

formas de pensamento. E, como efeito, tem-se a condição para a apropriação de novos conteúdos, e assim consecutivamente.

A partir da autoconsciência é possível chegar à percepção das complexas leis na estrutura dinâmica da personalidade do adolescente, como apresenta Vigotski (1996),

(...) o que geralmente é chamado de personalidade não é outra coisa que a autoconsciência do homem que se forma. O novo comportamento do homem que se transforma em comportamento para si, o homem toma consciência de si mesmo como uma determinada unidade (...) (p. 231).

Continuando, o autor expõe:

A formação da autoconsciência é um estágio histórico no desenvolvimento da personalidade, originada pelos estados anteriores. A autoconsciência, portanto, não é um fato primário, mas derivado da psicologia do adolescente, e não se produz por via do descobrimento, mas mediante um longo desenvolvimento. Desse ponto de vista, a autoconsciência não é outra coisa que um certo momento no processo de desenvolvimento do ser consciente, um momento inerente a todos os processos de desenvolvimento onde a consciência começa a cumprir um papel mais ou menos notável (p. 236).

A autoconsciência é uma das principais particularidades da personalidade do adolescente, seu centro estrutural, uma vez que é a expressão da nova posição vital do adolescente sobre as pessoas que o cercam e o mundo ao qual pertence, além de determinar a tendência específica do conteúdo da sua atividade social, o sistema de suas novas aspirações, vivências e reações afetivas. A atividade social específica do adolescente é crucial para a apropriação das normas, valores e condutas do universo dos adultos e suas relações (Dragunova, 1988). Então, a formação da autoconsciência possibilita ao adolescente compreender com maior magnitude as outras pessoas e a si mesmo, como diz Vigotski (1996), “a autoconsciência é a consciência social trasladada ao interior” (p. 245).

Em suma, a autoconsciência é uma completa e complexa estrutura psicológica, que passa por um longo período de desenvolvimento e inclui em si diversos estados. Por exemplo, a consciência da própria identidade, começando inicialmente na infância com algumas sensações exteriores suscitadas pelo próprio corpo, evoluindo até que o adolescente adquira um profundo conhecimento de si e esse conhecimento vá alcançando maior consistência e coerência. Outro ponto fundamental é a tomada de consciência do próprio eu, fazendo com que o adolescente tenha consciência de si como um todo único, os traços anteriormente isolados se

convertem em sua autoconsciência em traços estáveis de caráter, que farão parte da sua personalidade. Nesse segmento, desenvolve também a consciência das próprias qualidades psíquicas e começa pouco a pouco a distinguir, analisar e valorizar suas próprias qualidades e condutas.

Portanto, é por meio dos estágios de evolução da autoconsciência que o adolescente passa a construir um determinado sistema de autoavaliação sócio moral, começando gradualmente a se orientar de acordo com os critérios morais estabelecidos na sociedade e cultura às quais pertence. Todos esses elementos e estados da autoconsciência estão interligados em um todo funcional, entretanto, apesar de não se formarem ao mesmo tempo, o enriquecimento de um deles modifica qualitativamente o sistema como um todo em sua completude (Kon, 1988; Vigotski, 1996).

As novas necessidades sociais imputadas aos adolescentes, fundamentalmente pela educação escolar, vão promover o desenvolvimento do pensamento conceitual – visto como base de complexificação e reestruturação do seu sistema funcional. Como já explicitado com o pensamento por conceitos, todas as outras funções psíquicas se intelectualizam tornando-se voluntárias e, conseqüentemente, a autoconsciência e o autodomínio da conduta também vão se caracterizando como processos indispensáveis ao desenvolvimento da personalidade, promovendo a liberdade e a intencionalidade da ação, produtos fundamentais para o desenvolvimento da imaginação criativa (Anjos, 2017).

É válido reiterar o caráter sócio-histórico da construção dos interesses, do desenvolvimento do pensamento por conceitos e da autoconsciência, uma vez que eles não vão se desenvolver apenas pela maturação biológica do sujeito, mas estarão relacionados às condições de acesso aos bens culturais, com a classe social, com as oportunidades educacionais e de desenvolvimento intelectual que o adolescente irá receber ao longo do seu processo de constituição. Isso significa que, no caso de restrição ao acesso às riquezas materiais, intelectuais e culturais produzidas pela humanidade, esses processos são construídos de forma rudimentar no adolescente, não se desenvolvendo plenamente. Sendo assim, as transformações qualitativamente novas que surgem na adolescência se manifestam em geral de forma diferente nos adolescentes que vivem e se educam nas distintas camadas sociais.

Para finalizar, cabe um breve apontamento referente à constituição do psiquismo do adolescente influenciado pela organização social capitalista, a partir de uma análise pautada no materialismo histórico-dialético, que aponta a falta de domínio da conduta e da intelectualização das funções psíquicas na adolescência como produto final de um processo que

engendrou esse fenômeno, ou seja, produto final de uma sociedade de classes, pois dentro desse contexto não seria interessante que os sujeitos tivessem domínio de sua conduta.

A educação escolar, que seria importante para a transmissão de conhecimentos sistematizados, e cuja internalização e manejo adequado dos conhecimentos podem desenvolver o autodomínio da conduta e a complexificação das funções psíquicas, encontra-se em contradição, sendo muitas vezes promotora da alienação e desumanização do homem. Como apresenta Duarte (2013), o conhecimento e o pensamento cotidianos não são necessariamente alienados, entretanto, quando o sujeito não tem a possibilidade de transcender os limites da visão de mundo e sociedade espontaneamente desenvolvidos na sua vida cotidiana, produz inevitavelmente uma situação alienante.

1.3 As particularidades psicológicas dos adolescentes

No tópico anterior, apresentamos algumas das formações qualitativamente novas que surgem na etapa de desenvolvimento da adolescência, como elas se inter-relacionam, se transformam, evoluem, impulsionam e intelectualizam as demais funções, outrora elementares. Neste processo também surgem algumas particularidades psicológicas qualitativamente distintas da etapa infantil, próprias do movimento do adolescente de sair do mundo infantil e seguir para o mundo do adulto. Neste tópico, abordaremos algumas dessas particularidades psicológicas que surgem no desenvolvimento psíquico na adolescência.

Como já mencionamos, a adolescência é uma etapa fundamental para o desenvolvimento do sujeito, ocupando um lugar significativo no processo de formação da personalidade humana, no qual ocorrem mudanças psicológicas substanciais e o surgimento de novas particularidades. Contudo, antes de adentrar nas particularidades psíquicas da adolescência, nos cabe discorrer sobre sua atividade-guia, responsável por influenciar essas particularidades e o desenvolvimento da personalidade do adolescente.

Segundo Leontiev (2014), a atividade-guia não se caracteriza por ocupar um tempo mais vasto na vida do indivíduo, mas sim por ser uma atividade que gera outras atividades e, com isso, produz novos motivos. A atividade que engendra a organização e reorganização dos processos psíquicos, além de se caracterizar por aquela que subordina as principais mudanças na personalidade do sujeito, é a atividade que “(...) desenvolve processos psíquicos que preparam o caminho da transição da criança para um novo e mais elevado nível de desenvolvimento” (p. 122). Sobre isso, Elkonin (1987) aponta que as atividades são dominantes em determinados períodos e em outros deixam de ser, uma vez que ao longo do

desenvolvimento surgem novas formas de atividades. Todavia, esse processo de surgimento de novas atividades e a conversão em atividade-guia não exclui a atividade anterior, mas altera sua orientação na relação que o sujeito estabelece com a realidade.

O processo de passagem para a atividade-guia deve ser percebido dialeticamente, sendo necessário partir da premissa que o desenvolvimento psíquico está imbricado nas condições materiais da organização social, abrangendo rupturas, crises e saltos qualitativos que promovem transformações na qualidade da relação do adolescente com o mundo. Posto isso, é fundamental perceber as contradições entre os interesses antigos e os atuais, além da relação entre o ser mais desenvolvido, o adulto, e o ser em desenvolvimento, a criança e o adolescente. Como afirma Vigotski (1996), cada passo no desenvolvimento está profundamente ligado a tudo que se desenvolveu e formou na etapa anterior, ou seja, o desenvolvimento psíquico se caracteriza como um processo “no qual cada mudança sucessiva está vinculada à anterior e ao presente, de onde as peculiaridades pessoais antes formadas se manifestam e agem” (p. 385).

Elkonin (1987) destaca que a atividade-guia da adolescência inicial é a comunicação íntima pessoal entre os pares, constituída pela relação social entre os coetâneos e tendo como base o respeito mútuo e confiança. A comunicação íntima pessoal se caracteriza pela atividade a partir da qual se constituem os pontos de vistas gerais sobre a vida, sobre o futuro, os relacionamentos interpessoais; é onde se desenvolve a autoconsciência e o sentido pessoal da vida. A relação entre os adolescentes é mediada pelas normas éticas e morais estabelecidas entre os adultos, tornando-se uma relação mediada por objetivações não materiais. Então, a partir da comunicação íntima pessoal, os adolescentes reproduzem com seus semelhantes as relações existentes entre os adultos, que servem de base para seus comportamentos.

Cabe apontar que a atividade de comunicação íntima pessoal não se manifesta como uma forma inata desse período de adolescência. São as relações sociais estabelecidas entre os adultos que estabelecem essa necessidade no adolescente. Logo, se não forem possibilitadas reais condições para o desenvolvimento da comunicação íntima pessoal, ou caso venham a ser ofertadas de forma limitada e fragmentada – como é o caso da sociedade capitalista, seccionada em distintas classes –, o desenvolvimento do psiquismo do adolescente se desenvolverá com base em uma relação espontânea e não reflexiva (Anjos, 2017)

Ao estudar a respeito das particularidades do período da adolescência, Dragunova (1965) apontou para sua importância teórica e prática, uma vez que nesta etapa de transição, muitas vezes surgem algumas dificuldades no desenvolvimento e, sem levar em consideração as particularidades psicológicas dos adolescentes, se torna inviável organizar corretamente sua educação e desenvolvimento. A PHC parte do princípio que as particularidades da adolescência

se evidenciam na atitude do adolescente com a realidade que o cerca, fundamentalmente na interação com as outras pessoas, mostrando assim seu caráter social.

Uma das principais particularidades que surgem no desenvolvimento da personalidade do adolescente é a ideia de não ser mais uma criança, somado ao desejo de tornar-se adulto e ser considerado como tal, surgindo um sentimento de “adultez”. Uma peculiaridade dessa particularidade é que, apesar de o adolescente rechaçar sua inserção no mundo infantil, ainda não há nele a sensação real de ter alcançado o desenvolvimento adulto, mesmo que tenha fortes aspirações e necessidade de que as outras pessoas reconheçam esse desenvolvimento (Dragunova, 1988).

A neoformação central da adolescência é o sentimento de amadurecimento, em forma de representação de si mesmo como adulto, de aspiração e desejo de ser e considerar-se adulto, o que se expressa na imitação das manifestações externas de amadurecimento e outros fenômenos da adolescência (Tolstij, 1989, p. 124).

Essa particularidade psicológica é denominada pelos teóricos soviéticos de sentimento de “adultez”, e se caracteriza pela neoformação psicológica da adolescência. Sua distinta atividade social consiste em assimilar as normas, valores e condutas do mundo dos adultos e suas relações (Tolstij, 1989).

Conforme exposto anteriormente, o adolescente está na posição transitória entre a infância e a vida adulta. É considerado ainda na posição infantil em razão da dependência dos adultos, que acabam por determinar o conteúdo e a direção de suas atividades. Todavia, com a complexificação da atividade do adolescente, suas funções e interesses se ampliam de forma quantitativa e qualitativa, fazendo com que ele assuma cada vez mais papéis da vida adulta, adquirindo mais independência e responsabilidade. É comum nessa etapa que muitos comecem uma atividade laboral e a pensem numa futura escolha profissional. Ainda assim, apesar de desenvolver esses elementos do adulto, ele ainda mantém algumas características de dependência que o deixam próximo da posição infantil (Kon, 1988).

Mesmo estando em uma posição de transição entre a infância e a vida adulta, o jovem aspira que os adultos o reconheçam pelos seus méritos, suas potencialidades, realizações e, diante desse reconhecimento, lhe permitam certa independência em suas ações. Esse tipo de reconhecimento é extremamente importante para seu desenvolvimento e a relação que ele estabelece com os adultos. Nesse sentido, as exigências estabelecidas para com os adolescentes devem estar de acordo com seu nível de desenvolvimento, não podem ser nem insuficientes,

nem excessivas, senão podem conduzir a conflitos com os adultos e ocasionar dificuldades no desenvolvimento (Dragunova, 1965).

Dessa forma, percebemos que os conflitos entre os adolescentes e os adultos não são inevitáveis, como tradicionalmente as teorias sobre a adolescência propagavam, mas fruto de um tratamento injusto e/ou do não aproveitamento das potencialidades dos adolescentes que ocorre quando não são levadas em conta as particularidades psicológicas surgidas no período. Isso pode gerar entraves e sentimentos negativos dos adolescentes para com os adultos, além de prejudicar seu desenvolvimento, pois muitas vezes, por esse motivo, suas potencialidades não são verdadeiramente aproveitadas.

De acordo com o que foi apresentado anteriormente, na medida em que a autoconsciência do adolescente vai se desenvolvendo, ele começa a refletir mais sobre si, o que se caracteriza também como uma particularidade dessa idade. Como pontua Dragunova (1965), os adolescentes passam a ter interesse por eles mesmos, por seu mundo interior, sua personalidade, conduta e impressões. Ademais, “as reflexões não são um fim em si mesmas, mas estão vinculadas às análises das próprias ações, dos próprios êxitos e fracassos” (p. 173). Nessa reflexão sobre si, passam a comparar-se com os demais companheiros. Portanto, o mundo das outras pessoas passa a ter relevância para eles, que manifestam interesse pelas impressões e atitudes dos que os cercam. Os adolescentes percebem essas reflexões sobre os outros como algo necessário, uma vez que é a partir da valoração da opinião geral e da atitude das pessoas sobre eles que irão buscar desenvolver as características que lhes proporcionem êxitos em suas atividades e no refinamento de suas relações com os demais (Dragunova, 1965):

Os adolescentes em geral refletem sobre seus atos. As reflexões sobre si mesmo se convertem em um processo independente, a análise e a valoração de suas particularidades, assim como a comparação de si mesmo com outros adquire um caráter consciente e deliberado (Dragunova, 1965, pp. 177-178).

Segundo Kon (1988), a autorreflexão dos adolescentes se caracteriza pela tomada de consciência do próprio eu, surgindo pensamentos e análises como: Quem eu sou? Como sou? Quais minhas potencialidades? Também se dá a tomada de consciência de seu lugar no mundo, a partir dos questionamentos como: Qual é meu ideal de vida? Quem são ou não são meus amigos? O que quero ser? O que devo fazer para me inserir na sociedade? Os questionamentos iniciais dirigidos a si mesmos nem sempre ocorrem de forma consciente. Já os outros questionamentos mais gerais, como a visão de mundo, são levantados pelos adolescentes para que em sua autoanálise se tornem um elemento de autodeterminação sócio moral. O processo

de descoberta de si enquanto personalidade individual está vinculado à descoberta do mundo social no qual o adolescente tem que viver. Essas reflexões e autoanálise são fundamentais para o desenvolvimento da personalidade. Somado a isso, esse processo de autorreflexão do adolescente depende de diversos fatores, como os sociais (classe social, meio, grau de ensinamento), biográficos (condições de educação familiar, relações que estabelece com os coetâneos, acessos a conteúdos intelectuais e culturais) e também individuais (Kon, 1998).

A partir da reflexão sobre si e sobre os outros, se desenvolve outra particularidade fundamentalmente importante, a autoafirmação, que gera a necessidade de se afirmar em relação às pessoas que cercam o adolescente, adquirindo também um sentido mais amplo, que é de se afirmar no coletivo social. O princípio da autoafirmação está ligado à formação da personalidade e se mostra como uma nova etapa neste processo, relacionando-se com o fato de que o adolescente está apto a ocupar um novo lugar, com maiores responsabilidades, em condição de maior igualdade com os adultos. Também está associado com as novas representações de si e de suas potencialidades, com o desenvolvimento da consciência de si (Dragunova, 1965).

Na adolescência há um interesse particular pela autoafirmação, momento em que o seu eu, suas propriedades e a forma do corpo ganham uma significativa magnitude na vida do adolescente. Ele começa a perceber de forma mais clara os delineamentos da sua nova aparência física, o que pode gerar certo grau de inquietude e aflição, de insatisfação e desejo de mudar a aparência. Esse é um período em que a imagem exterior adquire uma importância central na vida do adolescente, estando também atrelada ao prestígio e popularidade entre os coetâneos, outro aspecto extremamente valorizado por eles. É comum surgirem angústias em relação aos aspectos físicos, que são valorizados a partir do padrão social estabelecido do que é considerado adequado e belo aos olhos da sociedade. Sendo assim, a forma corporal é um componente fundamental da autoconsciência e um fator de autoafirmação do adolescente (Kon, 1988).

Cabe um breve adendo para levantar duas questões relacionadas às mudanças corporais, primeiramente a importância de perceber que as transformações corporais que marcam a adolescência possuem também significado social, não podendo ser apenas tomadas enquanto características naturais, uma vez que a forma com a qual são vistas e significadas sofrem mudanças de acordo com a cultura vigente. A segunda questão refere-se ao principal motivo de conflitos e angústias com as mudanças físicas, justamente pelo padrão estético estabelecido socialmente, que se faz inalcançável para a maioria das pessoas, causando conflito entre a imagem física valorizada como positiva socialmente e a forma com a qual o adolescente se percebe. Isso pode gerar uma luta contínua para alcançar esse padrão pré-estabelecido,

provocando diversos desgastes psíquicos e reafirmando novamente a significação cultural atribuída às mudanças corporais. Pensando fundamentalmente nas mudanças mais visíveis, como a aparição dos seios nas meninas e o aumento da força muscular nos meninos, Bock (2004) ressalta:

(...) a menina que tem seus seios se desenvolvendo não os vê, sente e significa como possibilidade de amamentar seus filhos no futuro, o que seria vê-los como naturais. Com certeza, em algum tempo ou cultura, isso já foi assim. Hoje, os seios tornam as meninas sedutoras e sensuais. Esse é o significado atribuído em nosso tempo. A força muscular dos meninos já foi significada como possibilidade de trabalhar, guerrear e caçar. Hoje é beleza, sensualidade e masculinidade (p. 40).

A respeito do papel da maturação sexual no surgimento da autoafirmação, é preciso salientar que, embora a adolescência se caracterize como uma fase em que ocorrem diversas mudanças biológicas significativas, o papel da maturação nesse processo pode ser considerado por meio das diversas mudanças no organismo, as quais proporcionam motivos adicionais para o amadurecimento (Dragunova, 1965). Embora existam teorias psicológicas que buscam analisar a autoafirmação dos adolescentes somente a partir da maturação sexual, é válido reiterar que são interpretações errôneas e inconsistentes, uma vez que

a circunstância fundamental, que condiciona a autoafirmação do adolescente, é o fato de sentir-se adulto, devido não tanto a maturação sexual, mas sim a suas possibilidades crescentes, ou seja, sua experiência, seus conhecimentos, suas aptidões. Essas possibilidades engendram nele a consciência de seus direitos e o desejo de ocupar um novo lugar na vida e no conjunto de relações com as pessoas que o rodeiam (Dragunova, 1965, p. 209).

Desta forma, é possível concluir que a construção da autoafirmação é determinada pelas condições sócio-históricas de vida, atividade e educação dos adolescentes. Assim, por meio da organização social capitalista, os jovens das distintas classes sociais terão manifestações heterogêneas tanto do conteúdo como da forma de sua autoafirmação.

Em suma, neste tópico foram levantadas algumas das principais particularidades que surgem ao longo do processo de desenvolvimento do adolescente, como o sentimento de “adulter”, o desejo de conquistar novas responsabilidades e reconhecimento por parte dos adultos e coetâneos, a crescente reflexão sobre si, sobre os que o cercam e sobre o mundo do qual faz parte, o surgimento do desejo de solidão como forma de proporcionar uma melhor

reflexão, bem como a necessidade de se autoafirmar tanto para as pessoas que os cercam, como para o coletivo social.

Levando em consideração todas essas particularidades psíquicas que se desenvolvem na adolescência, Kon (1988) expõe a necessidade de compreender de que forma elas se conjugam com a realidade dos adolescentes contemporâneos, uma vez que sua formação vai variar de acordo com a realidade sócio-histórica em que o adolescente está inserido. O autor complementa dizendo que grande parte das dificuldades da adolescência contemporânea estão ligadas à complexa situação social de desenvolvimento em que os adolescentes se encontram atualmente, a qual destinamos maior atenção em seção específica.

Para encerrar essa seção sobre a constituição da adolescência, reiteramos sua importância enquanto uma etapa rica em desenvolvimento, na qual ocorrem diversas transformações fundamentais para o indivíduo. É um período de intensas mudanças fisiológicas, intelectuais, de personalidade, conduta, valores e visão de mundo em que distintos papéis são assumidos, ou seja, o sujeito está realmente se preparando para ocupar seu lugar na sociedade. Toda essa transformação tem caráter histórico e social, não acontece de forma natural e homogênea, mesmo que muitos estudos ainda defendam a naturalização e generalização da adolescência.

SEÇÃO 2- O DESENVOLVIMENTO DA AUTOVALORAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA

As mudanças apontadas na seção anterior referentes ao desenvolvimento do adolescente, como formações qualitativamente novas e distintas particularidades psíquicas, sendo elas o surgimento de ideias estáveis, a necessidade de autoafirmação e a tendência a autorreflexão, o preparam para um novo nível de desenvolvimento psíquico. Nesse caminho, se desenvolve a autoavaliação, fundamental na formação da personalidade do adolescente. Diante disso, este capítulo busca apresentar a construção do conceito de autoavaliação e o papel que ela desempenha no desenvolvimento da personalidade.

A psicologia soviética tem estudado a autoavaliação relacionada com a questão de desenvolvimento e formação da autoconsciência, partindo do ponto de vista do papel e da função que desempenha na estrutura da personalidade. Seu surgimento e desenvolvimento tem sido um dos problemas centrais a serem investigados no que tange a formação da personalidade do adolescente, e se caracteriza como um elemento essencial da autoconsciência, ou seja, a consciência que o homem tem de si, suas forças físicas, capacidades intelectuais, de suas ações, motivos e objetivos, do seu comportamento, sua atitude sobre os que o cercam e sobre si mesmo (Savonko, 1978).

A autoavaliação inclui a capacidade de valorar suas forças e possibilidades, de examinar-se com espírito crítico. Permite ao homem “medir” força de acordo com as tarefas e exigências do meio ambiente e em consonância com ele, surgindo independentemente determinados objetivos e missões. Desta maneira, a autoavaliação forma a base das tarefas que o homem acredita ser capaz de realizar. Ao estar presente em cada ato da conduta, é um importante componente de controle da mesma, sendo por isso um fator fundamental na formação da personalidade (Savonko, 1978, p. 79).

No período da adolescência, os sujeitos dão grande importância para a avaliação que seus coetâneos e os adultos que os cercam fazem de suas atitudes e personalidade, o que apresenta grande relevância na formação da sua personalidade. Muitas vezes o estado emocional está correlacionado com as relações que estabelecem com os outros e se conseguem ou não atender as exigências que as pessoas que os cercam lhes propõem, ou seja, de satisfazer sua necessidade de conseguir uma qualificação positiva, desejando a aprovação dos que os rodeiam. Para os adolescentes, a avaliação adequada de suas forças, conhecimentos e capacidades é fundamental para a sua formação e os auxilia a estimar corretamente os resultados

da própria atividade, os ajuda a se “auto orientar” de maneira adequada, em suas forças e possibilidades (Savonko, 1978).

A valoração dos que os cercam tem um papel importante para o desenvolvimento dos adolescentes, sendo somente a valoração positiva dos outros que lhes proporciona uma vivência de bem-estar psíquico, contribuindo para a formação da personalidade. Por isso, dão grande importância em serem valorados positivamente pelos coetâneos e pelos adultos de referência, e são sensíveis às valorações de suas possibilidades, de seus êxitos, aspirando sempre expor seu melhor lado para merecerem aprovação, especialmente daqueles cuja valoração e atitude têm para eles ampla relevância. É sobre a base dessa valoração, assim como sobre a consideração dos resultados da própria atividade, que se constitui a autovaloração do sujeito, o qual, ao final da adolescência, gradualmente passa a ganhar uma importância mais significativa que a valoração que as outras pessoas fazem sobre eles (Bozhovich, 1976; Dragunova, 1988).

De forma gradativa, portanto, os adolescentes começam a se emancipar da valoração feita pelos coetâneos e pelos adultos que os cercam, à medida que interiorizam as exigências externas e elaboram as suas próprias. Diante disso, a orientação à autovaloração passa a ter um significado maior para o sujeito devido ao seu distinto desenvolvimento psíquico. Conforme o adolescente se desenvolve, seu estímulo principal deixa de ser o desejo de aprovação dos que o cercam e passa a ser a necessidade de cumprir as exigências consigo mesmo e de estar apto para realizar as tarefas a que se propõe. Dessa forma, o adolescente não busca apenas atender as exigências do meio, mas também as suas próprias (Bozhovich, 1976).

Pode admitir-se que a necessidade genética de valoração surge mais cedo que a necessidade de autovaloração. Pode conjecturar-se assim mesmo que, com a idade, a segunda se emancipa em certa medida da primeira e começa a exercer uma função independente na formação da personalidade, servindo de mediador na relação sujeito-realidade, incluindo aquela de sujeito-valorações por outras pessoas. Creemos que a essência dessa função reside em que o homem, baseando-se na valoração de suas próprias possibilidades, se propõe a determinadas exigências e atua conforme elas (Savonko, 1978, p. 85).

No período da adolescência, portanto, há um significativo avanço no sentido de o sujeito passar da orientação para valoração em direção à autovaloração, ou seja, nessa etapa é mais importante manter a autovaloração formada do que ser valorado pelas demais pessoas. Isso ocorre devido a algumas particularidades do adolescente, como a tendência à independência e autonomia. Orientado pela autovaloração, o sujeito tem a possibilidade de valorar suas próprias

qualidades, sua conduta e atividade, o que desempenha um papel importante na vida e na formação da personalidade. Entretanto, o fato de a autoavaliação ter um lugar de destaque não significa dizer que a avaliação feita pelas outras pessoas perde sua importância (Bozhovich, 1976; Savonko, 1978).

A autoavaliação, como mencionado, é produzida inicialmente pela avaliação que os sujeitos recebem dos coetâneos e dos adultos enquanto figuras de autoridade, e somente posteriormente sua conduta passa a ser regida verdadeiramente pela autoavaliação. Esse salto proporciona a consciência das próprias qualidades, principalmente dos traços moral-psicológicos complexos, como coragem, valentia, princípios firmes. Nessa etapa ocorre a formação de uma autoavaliação e um nível de pretensão relativamente estável, o que proporciona o surgimento de novas necessidades, de estar não apenas à altura das exigências das demais pessoas, mas principalmente de suas próprias exigências e avaliações (Kon, 1988; Savonko, 1978).

No processo de formação da autoavaliação existem algumas vias de avaliação que guiam o adolescente nessa construção, sendo que uma delas é avaliar e medir o nível de suas próprias pretensões com os resultados que ele alcança, percebendo assim o grau de suas potencialidades. Outra via é a comparação social, com base na confrontação e comparação da opinião e traços das pessoas que o cercam, um exemplo disso é a autoavaliação da inteligência e da beleza, que são traços valorados por meio da comparação de características de outras pessoas (Kon, 1988).

Sobre a via de comparação social, nesse período é frequente que o adolescente comece a refletir sobre si, analise a relação com seus companheiros e perceba as particularidades deles que o atraem. O coetâneo recebe um papel de objeto de comparação para o adolescente, uma vez que este o toma como exemplo. Esse processo de comparação com os outros adolescentes próximos auxilia na tomada de consciência da avaliação das próprias particularidades. Em geral, ocorre entre os adolescentes – uma vez ser mais fácil comparar-se com os semelhantes – ver seus próprios déficits e êxitos do que com os adultos de referência, dado que o adulto é um modelo mais difícil de se atingir na prática. Já a comparação com os colegas de mesma idade permite ao adolescente valorar a si mesmo no nível real de suas pretensões e possibilidades (Dragunova, 1988).

Nesse processo de comparação com os coetâneos, o adolescente com frequência analisa aqueles que possuem popularidade, percebendo as características que promovem o respeito e a apreciação dos demais. Esses companheiros se convertem em modelo, pois o adolescente passa a desejar ter aquelas características, inclusive, aspira ser melhor, e com isso ele tende à busca

por promover em si mesmo essas qualidades que chamam a atenção do seu meio social (Dragunova, 1988).

A autoavaliação pode se desenvolver de forma adequada ou inadequada. Investigações da psicologia soviética levantam algumas questões referentes à importância da formação da autoavaliação, revelando seu papel na formação da segurança e insegurança da criança e adolescente a respeito dos seus conhecimentos, forças e habilidades. Tais estudos também demonstram que, de acordo com a natureza da autoavaliação, ou seja, sua adequação e estabilidade, irá surgir a segurança, insegurança ou segurança excessiva em si mesmo que, posteriormente, podem se tornar determinados traços de caráter (Kon, 1988). Nesse sentido, Savonko (1978), expõe:

A autoavaliação pode ser adequada ou inadequada, quer dizer, refletir corretamente ou incorretamente as possibilidades reais do homem. A formação da atitude adequada ou inadequada a respeito de si mesmo depende do caráter da autoavaliação. Em último caso (inadequada) a pessoa tropeça com constantes fracassos, entra em frequentes conflitos com quem os rodeia e se perturba com a harmonia no desenvolvimento de sua personalidade. O caráter da autoavaliação determina também a formação de uma e outra qualidade, por exemplo, se é adequada contribui na formação da segurança de si mesmo, no espírito de autocrítica, na tenacidade e exigência, se é inadequada, a falta ou excesso de segurança em si mesmo, a ausência de espírito de autocrítica (pp. 79-80).

Nessa conjectura de adequação e inadequação da autoavaliação, um traço de ampla relevância é o respeito sobre si mesmo que, segundo Kon (1988), “é a autoavaliação generalizada, o grau em que alguém se considera ou não se considera enquanto personalidade” (p. 218). Quando o sujeito possui um alto respeito sobre si mesmo, significa que não se vê como inferior, e que tem uma atitude e uma ideia positiva sobre si. Entretanto, é válido pontuar que um alto respeito sobre si não é o mesmo que presunção ou falta de espírito crítico. Já o baixo respeito sobre si pode ocasionar constante insatisfação, escassez de fé em suas forças e realizações, além de desprezo por si, podendo proporcionar graves consequências para o desenvolvimento do adolescente, pois contribui para que as pretensões sociais de sua personalidade sejam igualmente baixas.

Os adolescentes podem encontrar algumas contradições no processo de desenvolvimento de sua autoavaliação e, em consequência disso, nem toda a autoavaliação é caracterizada como adequada. A contradição entre a autoavaliação e o nível de pretensão dos adolescentes de um lado, e suas possibilidades de outro, causam vivências desagradáveis e

negativas. Podem surgir contradições entre a ideia que o sujeito tem de si e sua real experiência, o que engloba as aspirações das outras pessoas e os valores morais. Muitas vezes a origem do conflito está na discrepância entre a autoavaliação e a avaliação exterior, ou seja, entre a autoavaliação e a representação real de si e o que o sujeito almeja. Portanto, o grau da divergência entre as reais possibilidades do adolescente, a ideia que tem de si, e o ideal que aspira podem formar uma autoavaliação inadequada, conduzindo o adolescente a vivências psíquicas penosas (Bozhovich, 1976; Dragunova, 1988).

Como apresenta Bozhovich (1976), “para que surja uma vivência afetiva aguda deve se produzir uma divergência entre as possibilidades do sujeito e o nível de suas aspirações” (p. 242). Ela abordou algumas questões referentes ao mecanismo de surgimento das vivências afetivas agudas em consequência das contradições:

A impossibilidade de responder a suas próprias aspirações conduz os adolescentes a vivências afetivas muito agudas (...) o mecanismo de surgimento das vivências afetivas agudas consiste no choque de tendências afetivas de diferentes direções e na impossibilidade de satisfazer uma delas em detrimento da outra. Por uma parte, existe a aspiração do adolescente a um determinado nível de realização. Este nível (chamado também de nível de aspiração) se determina por uma autoavaliação estável e pela necessidade de sua conservação. Por outra parte, o fracasso exige do adolescente a diminuição desta autoavaliação. Assim, se cria um sentimento de inadequação, de conduta inadequada” (Bozhovich, 1976, p. 242).

Ainda de acordo com a autora, essa manifestação ocorre de forma mais intensa na adolescência, em razão das próprias particularidades psicológicas desse período de desenvolvimento, como a tendência à autoafirmação, o surgimento da autoavaliação e dos níveis de aspiração do adolescente, fatores que influenciam no conflito afetivo e na sensação de inadequação. Consequentemente, a partir dessas vivências negativas, os adolescentes têm uma propensão a desenvolver reações inadequadas, expressando um certo grau de teimosia, desconfiança e, em alguns casos, até agressividade, o que dificulta sua interação e relação com o coletivo. Quando essa conduta dura um tempo prolongado, pode se tornar um traço estável do caráter do adolescente. Bozhovich (1976) complementa trazendo que “os traços negativos surgem de forma reativa, como uma forma de defender-se de vivências penosas” (p. 243).

Não se pode esquecer que na organização social capitalista não são dadas a todos os sujeitos as mesmas oportunidades, fator que possui grande influência no surgimento das contradições, pois acentua a divergência entre as possibilidades, que podem ser materiais, de

acesso ao que a sociedade produz e acumula, bem como as reais aspirações do sujeito. Ou seja, em muitas circunstâncias os adolescentes podem ter algumas aspirações que dificilmente serão alcançadas porque existem entraves das possibilidades materiais e econômicas impostas pela sociedade, e isso irá lhes causar vivências psíquicas agudas.

Os adolescentes precisam de uma autoavaliação estável e adequada para que ocorra um desenvolvimento pleno nessa etapa, para isso é preciso que eles sejam capazes de reestruturar as contradições que geram as vivências agudas e uma autoavaliação inadequada, moldando-a conforme sua condição e experiência real (Bozhovich, 1976; Savonko, 1978).

A autoavaliação, da mesma forma que os demais elementos novos que surgem no desenvolvimento do período da adolescência, é fruto da interação com o meio social e cultural, bem como das relações recíprocas de valorização que são estabelecidas com as pessoas com quem se sociabiliza. Como traz Savonko (1978),

Ao falar do papel predominante da autoavaliação em uma etapa mais tardia do desenvolvimento da criança, não podemos perder de vista que nessa etapa também se forma e se ajusta a ação do meio social. A necessidade de autoavaliação e de valorização estão ligadas tanto funcional como geneticamente. As exigências que o menor começa a considerar a si mesmo são, no fim das contas, as exigências do meio, da coletividade e da sociedade interiorizadas pelo indivíduo. Nesse sentido a conduta da personalidade orientada pela autoavaliação é também social (pp. 85-86).

Sobre a influência do meio social, Dragunova (1988) explicita que frequentemente a grande maioria dos adolescentes imita e se orienta pelo que vê na rua, na televisão ou no cinema. Ou seja, assimilam aquilo que lhes parece popular, e os modelos correspondentes tornam-se critérios de valorização e autoavaliação. Se interessam e fazem aquilo que “está na moda”. A autora destaca também a influência do conteúdo artístico, principalmente de livros e filmes, pois ao consumirem esses conteúdos, os jovens refletem sobre si e suas qualidades, realizando a comparação dos “heróis” entre si, e entre si com os “heróis” – confrontação que auxilia na formação de alguns critérios de valorização de suas qualidades, já que personagens assumem o papel de modelo para eles.

É importante realizar um adendo, pois, na sociedade atual, para a grande maioria dos jovens, personagens de livros e filmes já não têm mais tanta relevância enquanto modelos a serem seguidos, o que impera na atualidade são, fundamentalmente, as pessoas influentes das mídias sociais, que ditam a moda, o que é popular, quais qualidades são ou não importantes.

São essas pessoas que, na maioria das vezes, têm recebido o papel de modelo e referência a serem seguidos pelos adolescentes.

Diante do que foi discutido até o momento acerca da autoavaliação, precisamos contextualizá-la como uma síntese superior do processo de desenvolvimento do adolescente, sendo possível apenas com o salto qualitativo da intelectualização das funções psíquicas superiores a partir da aquisição do pensamento por conceitos, isso porque, como já abordado em seções anteriores, com o pensamento por conceitos ocorre a mudança no conteúdo e na forma do pensamento do adolescente, se caracterizando por um salto qualitativo em seu desenvolvimento, possibilitando ao adolescente conhecer a realidade interna e externa para além da mera aparência dos fenômenos, entendendo suas múltiplas determinações. Essa nova forma de pensamento abre a possibilidade e condições psíquicas para o desenvolvimento de sínteses superiores, entre elas a autoavaliação no adolescente.

Como aponta Vigotski (1996), o sujeito só consegue dominar os processos psíquicos mais complexos por intermédio do pensamento por conceitos, uma vez que é a partir da apropriação dos conceitos que chega à compreensão dos nexos e das leis que regem a realidade. É somente com o pensamento conceitual que o adolescente apreende a sua realidade interna e a dos demais, o mundo social ao seu redor e suas próprias vivências, sendo em seu cerne constituído socialmente por meio das objetivações genéricas mais elaboradas pelo gênero humano.

Ao longo da seção foram apontados alguns fatores fundamentais para o desenvolvimento da autoavaliação, como a consciência que o adolescente tem de si, das suas forças e potencialidades físicas e intelectuais, da sua atitude e conduta para consigo e para os que o cercam. A compreensão dos seus relacionamentos externos, da forma com que os coetâneos e os adultos os percebem e os valoram, além do processo de relação com os pares e comparação social com os semelhantes, conceituando e valorando características consideradas positivas para reprodução, bem como a percepção e interiorização das exigências propostas pelo meio sociocultural. A constituição desses fatores que estão dialeticamente relacionados ao desenvolvimento da autoavaliação do adolescente só é possível a partir do desenvolvimento do pensamento conceitual, pois este possibilitará a compreensão da realidade interna e externa, bem como a significação das suas vivências e as condições sociais que as engendram.

Abordamos também que a estrutura de desenvolvimento da autoavaliação do adolescente se inicia por meio das avaliações externas que os adultos e seus coetâneos imputam a eles, os quais gradualmente passam a interiorizá-las e a elaborar as suas próprias, realizando uma superação por incorporação da orientação pela avaliação e desenvolvendo a orientação

para a autoavaliação. Como pontua Vigotski (1996), as funções psíquicas e as sínteses superiores do psiquismo se desenvolvem em dois planos; se organizam primeiramente de forma intersíquica (de forma externa), no social, em colaboração e coletividade com os outros homens e apenas a posteriori se convertem em uma função intrapsíquica, do sujeito, enquanto comportamento individual. Nesse movimento, inicialmente o adolescente é guiado pelas valorações exteriores, somente após a internalização e estruturação dessas valorações do meio é que sua conduta passa a ser regida pela autoavaliação, sendo então uma reprodução das relações sociais coletivas entre os membros da sociedade. Dessa forma, sua constituição não pode ser analisada descolada da realidade social na qual se desenvolve.

O pensamento por conceitos se constitui pela neoformação central da etapa da adolescência, sendo fundamental para possibilitar a construção da autoavaliação. Pensando que temos uma organização social capitalista com divisão de classes sociais, que apresenta dificuldades de acesso a bens e serviços, se faz necessário apontar que caso ocorra o cerceamento da apropriação de conteúdos e atividades que impulsionem o desenvolvimento do pensamento conceitual, como a dificuldade no acesso de conteúdos escolares sistematizados científicos e artísticos, isso pode acarretar que o domínio das FPS, da conduta e da autoavaliação se manifestem de modo involuntário, espontâneo, sem o real domínio das emoções, proporcionando comportamentos não livres e desorientados. Isso faria com que o sujeito se orientasse fundamentalmente pela valorização exterior, não dando o salto qualitativo para a autoavaliação.

Outra via importante para que o adolescente desenvolva sua autoavaliação é a significação de suas próprias vivências, possibilidade essa que ocorre apenas a partir do pensamento conceitual. As vivências se caracterizam por uma expressão da atividade humana, abrangem as experiências significativas pelas quais os sujeitos passam ontologicamente, por isso possuem um local de privilégio em sua memória. São fundamentais ao desenvolvimento do psiquismo uma vez que mediam a constituição e a operação das FPS, afetivas e cognitivas (Oliveira, 2012). Para Vigotski (2018), a partir do estudo das vivências é possível compreender as leis do desenvolvimento e o papel e influência do meio social na constituição do psiquismo do sujeito. Nesse sentido, o autor aponta que:

(...) a vivência auxilia a destacar as peculiaridades que desempenharam um papel na definição da relação com uma dada situação. Imaginem que, pela minha constituição, eu seja dotado de certas particularidades. É claro que vou vivenciar uma situação de um determinado modo. Contudo, se sou dotado de outras especificidades, certamente vou vivenciá-la de outra maneira. Por isso falam a respeito das peculiaridades constitutivas

das pessoas (...). É claro que, se lidamos com duas pessoas que têm características constitutivas opostas, um mesmo acontecimento provocará vivências distintas em cada uma. (Vigotski, 2018, p. 79).

Desde de que a criança é inserida no mundo sociocultural, a partir das mediações que recebe dos adultos à sua volta, ela vai se apropriando dos significados socialmente construídos pelas gerações anteriores e humaniza-se, desenvolvendo funções especificamente humanas, como por exemplo a possibilidade de significar o mundo que a cerca. Isso não se dá naturalmente, mas é forjado no seio de uma cultura a partir das interações que estabelece, portanto, sua vivência no meio sociocultural é indispensável para o seu desenvolvimento e para sua compreensão enquanto sujeito singular (Leontiev, 2004)

A análise das vivências pode ser compreendida enquanto uma averiguação da relação interna do sujeito com sua realidade, sendo a unidade entre ambos e a tradução da forma com a qual pensa, sente e se mantém com seu meio. As vivências se reestruturam por meio das exigências do meio social e das interações do indivíduo, assim, quando este processo se transforma, as necessidades e motivações do sujeito também o fazem, pois estão ligadas à sua situação social de desenvolvimento (SSD) (Vigotski, 2012).

A SSD se caracteriza pela relação do indivíduo com seu ambiente, fundamentalmente com seu meio social. É seu espaço no sistema de relações sociais, seu lugar no sistema social, de expectativas e exigências estabelecidas pelo meio, seja ele familiar, escolar ou nos demais espaços em que se insere (Vigotski, 2012). A SSD é fundamental para as mudanças produzidas em cada período do desenvolvimento. Toda vivência está dialeticamente ligada por uma relação dinâmica do meio social e do indivíduo, sendo ele uma parte da situação social, sua relação com o meio se concretiza a partir da vivência de sua atividade. A vivência enquanto uma unidade de análise se constitui pela relação do indivíduo com o mundo social, algo que se desdobra desde a infância (Vigotski, 2012).

Segundo Oliveira (2020), é possível classificar as vivências de quatro formas: *negativas, positivas, internas e externas*. O autor pontua que as vivências negativas aparentemente recebem um espaço maior na memória do sujeito do que as positivas, uma vez que acontecimentos traumáticos, negativos ou tristes costumam ficar gravados com maior clareza se comparado às experiências positivas e agradáveis. Supõe-se que isso aconteça justamente por uma função protetiva, uma tentativa de evitar vivenciar as situações negativas novamente. A respeito das vivências internas e externas o autor sinaliza que,

(...) no primeiro caso elas surgem a partir do próprio mundo interno do sujeito, enquanto que, no segundo, se originam com base no mundo externo e material, mediante os processos de abstração, simbolização e imaginação, ou seja, em conjunto com funções cognitivas como as da linguagem, do pensamento e da consciência. Em relação ao núcleo interno das vivências, podemos citar como exemplo a ocorrência dos sonhos, em que experimentamos situações totalmente subjetivas, mas que chegam a se confundir com a realidade concreta, pois suas bases estão nela, levando-nos às mais variadas emoções e sentimentos, como alegria, tristeza, realização de desejos, catarse, susto, medo etc (p. 250).

Como visto, é na adolescência, a partir do desenvolvimento do pensamento conceitual, que se torna possível a significação das próprias vivências. Como expõem Marques e Carvalho (2014), a mediação entre a vivência e a percepção referente a ela significa a atribuição de sentido sobre aquilo que se vive, e essa prática de significação das vivências faz com que o indivíduo constitua novas relações com a realidade e consigo mesmo. Esse movimento possibilita ao adolescente construir sua valoração e, posteriormente, sua autoavaliação. As vivências estão umbilicalmente ligadas às relações sociais e à influência que as exigências do meio exterior exercem na vida do adolescente, portanto, o significado atribuído às vivências em torno das suas valorações poderá ser majoritariamente positivo ou negativo, o que irá influenciar se sua autoavaliação vai se dar de forma adequada ou inadequada.

A partir do que foi discutido é possível perceber que o desenvolvimento do pensamento conceitual, a capacidade de atribuição de sentido às vivências e à autoavaliação estão dialeticamente relacionados no processo de constituição psíquica adolescente, tanto afetiva como cognitivamente, sendo fundamental para o desenvolvimento da personalidade.

Como aponta Vigotski (1996), os interesses e as necessidades culturais são as forças motrizes que impulsionam os processos psíquicos, as novas necessidades forjadas pela sociedade são a base para a reestruturação do sistema funcional e o desenvolvimento do pensamento por conceitos a partir do qual as FSP se intelectualizam, estruturando as sínteses psíquicas superiores, como a autoavaliação, que irá auxiliar na estruturação da personalidade do adolescente. A personalidade e as suas sínteses superiores não podem ser concebidas descoladas das relações sociais nas quais se estabelecem, pois, segundo Vigotski (1996), a personalidade é o social em nós, sendo a natureza psíquica do sujeito as relações sociais transladas para o interior e transformadas em funções dinâmicas da personalidade. Por meio da apropriação das riquezas materiais e ideativas desenvolvidas pelo gênero humano, há a

possibilidade da formação das sínteses superiores, como por exemplo a concepção de mundo e a autoavaliação, sendo ao mesmo tempo condição e produto da personalidade.

Valendo-se de Leontiev, Silva (2009) afirma que a personalidade é resultante das relações entre as condições subjetivas e objetivas da vida do indivíduo, em que no seio de uma sociedade singulariza-se e distingue-se dos demais a ponto de ser único. Sendo possível dizer que a personalidade é o “eu integral” produzido a partir do social.

(...) não se nasce personalidade, chega-se a ser personalidade por meio da socialização e da formação de uma endocultura, através da aquisição de hábitos, atitudes e formas de utilização de instrumentos. A personalidade é um produto da atividade social e suas formas poderão ser explicadas somente nestes termos. (Leontiev, 2004 citado por Silva, 2009, p. 176).

Oliveira (2001) sustenta que não se pode analisar o ser humano a partir de uma lógica formal, com vistas a realizar a dicotomia entre indivíduo e sociedade, como se a primeira pudesse ser descolada da vida do segundo; ou se ele pudesse concretizar sua individualidade livre da sociedade. De acordo com Leontiev (2004), o sujeito é somente inserido em uma sociedade em que se humaniza e tem a possibilidade de construir sua individualidade e elevar seu desenvolvimento para além do biológico. Nesse sentido, Martins (2004) sinaliza que

(...) a personalidade de cada indivíduo não é produzida por ele isoladamente, mas sim, resultado da atividade social e, em certo sentido, não depende da vontade dos indivíduos tomados em separado, mas da trama de relações que se estabelecem entre eles. Entendemos que a formação do ser humano representa um processo que sintetiza o conjunto de fenômenos produzidos pela história humana, de tal forma que a construção do indivíduo se situa no cerne de uma construção mais ampla: a da humanidade. Neste sentido, a personalidade põe-se como atributo do indivíduo, ou expressão máxima da individualidade humana. (p. 85).

A constituição do sujeito parte do princípio que ao longo de sua vida poderá se apropriar das objetivações do gênero humano, realizando a sua própria objetivação enquanto pessoa, “(...) a personalidade representa uma objetivação da individualidade, o estilo pessoal que lhe configura e, como tal, se revela a continuidade na mudança permanente do processo de individualização” (Martins, 2004, p. 86).

A autora também sinaliza que a constituição da personalidade do sujeito vai depender das condições concretas e materiais oferecidas pela sua realidade social e pelas possibilidades

de uma atividade consciente, apontando que quanto mais restritas forem as possibilidades existentes, “(...) mais gerais e uniformes serão seus resultados, pois o que deveria ser continuidade e coerência internas se converte em continuidade e coerência para com as influências externas [“embotamento” da personalidade]”. Dando continuidade, destaca que é apenas por meio da atividade e consciência da individualidade que ocorre a “superação da individualidade em-si em direção à individualidade para-s e a estrutura da personalidade singularizar-se”. Assim, o significado da personalidade é histórico, sendo herdeira das funções e realizações do sujeito em sua vida concreta, “é uma formação psicológica que se vai constituindo como resultado das transformações da atividade que engendra as relações vitais do indivíduo com o meio” (Martins, 2004, p. 86).

Temos então que a personalidade não é algo natural no ser humano, mas fruto do desenvolvimento histórico-cultural, que ocorre a partir da relação dialética entre apropriação e objetivação. O salto qualitativo no desenvolvimento da personalidade do adolescente é o pensamento conceitual, que o permite compreender suas vivências e realizar sínteses psíquicas superiores, como o desenvolvimento da autoavaliação. Todo esse movimento está dialeticamente relacionado com a constituição da personalidade no período da adolescência.

Referente ao desenvolvimento da personalidade, podemos organizá-la em duas etapas, sendo elas a espontânea, que se configura pelo período que vai desde o nascimento até a adolescência; e a etapa da autoconsciência, que ocorre no período da adolescência até a idade adulta. Cabe sinalizar que a etapa da espontaneidade se caracteriza pela relação do sujeito com a sua própria personalidade, não abrangendo necessariamente os processos formativos da personalidade, uma vez que estes podem ocorrer de forma espontânea, principalmente na vida cotidiana, mas devem em sua maioria ocorrer de forma autoconsciente, fundamentalmente em contexto educacional (Leontiev, 1978).

A etapa espontânea não é conduzida pela autoconsciência, uma vez que o processo de desenvolvimento da personalidade ainda não foi finalizado, tratando-se de um prelúdio para a próxima etapa. Como aponta Anjos (2018, p. 130), “o desenvolvimento dessa etapa cria condições e possibilidades para o estabelecimento de relações cada vez mais complexas e mais conscientes com os outros seres humanos e com a cultura” (p. 130). Logo, as relações mais conscientes estabelecidas com as outras pessoas e com o mundo a sua volta possibilitam o desenvolvimento da autoconsciência. Nesse sentido, a adolescência se caracteriza pelo período do desenvolvimento em que existe a possibilidade da transição entre a etapa da espontaneidade para a da autoconsciência, a passagem da personalidade em si para a personalidade para si.

Para fechar essa discussão, é importante trazer que a autoavaliação se desenvolve progressivamente. E, para que ela seja estável e se constitua positivamente, é necessário que alguns pontos – como as normas morais, as avaliações externas que o sujeito recebeu, os modelos de referência que foram interiorizados pelo sujeito – sejam, em sua maioria, positivos, que suas vivências sejam compreendidas positivamente. O desenvolvimento da autoavaliação adequada é essencial para o desenvolvimento do adolescente, pois somente assim será possível que ele oriente sua conduta corretamente e tenha condições de enfrentar a influência negativa do meio, adquirindo a liberdade moral verdadeira (Savonko, 1978).

Se o sujeito for orientado apenas pelas avaliações externas sem desenvolver uma autoavaliação adequada, podem se formar traços de caráter e qualidades da personalidade que favoreçam a adaptação a qualquer circunstância do meio social e a qualquer preço, o que pode deturpar e empobrecer a personalidade do indivíduo, visto que ele não vai seguir as próprias exigências e aspirações, mas sim as do meio social, buscando satisfazer as pessoas em seu entorno (Savonko, 1978).

A autoavaliação se constitui como uma síntese superior do desenvolvimento psíquico do adolescente que é influenciado pelo meio social, cultural e tempo histórico em que está inserido. Dessa forma, para compreender como os adolescentes contemporâneos a desenvolvem é necessário entender como está organizada a sociedade moderna, e quais as características fundamentais que influenciam o desenvolvimento das particularidades dos adolescentes desse período. Diante disso, a próxima seção se destinará a análise desses elementos.

SEÇÃO 3- SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA E O FENÔMENO DAS REDES SOCIAIS

São inegáveis as transformações que as novas tecnologias digitais da informação e comunicação acarretam para a sociedade contemporânea, gerando impactos para o sistema econômico e social, estabelecendo uma nova forma em como os sujeitos produzem, consomem e interagem entre si. Essa atual configuração da sociedade capitalista engendra consequências para a vida social e para o psiquismo das pessoas que vivenciam esse momento histórico, fundamentalmente para os adolescentes. Diante disso, esta seção busca realizar uma contextualização da estrutura social e cultural sob os moldes dos fenômenos tecnológicos, influenciado principalmente pela emergência das redes sociais, esclarecendo os novos moldes que a adolescência assumiu na atualidade e fazendo um delineamento de como a virtualidade social e relacional tem remodelado a constituição da adolescência.

Para compreendermos a sociedade contemporânea e o modelo de homem que se constitui a partir dela é necessário perceber as bases econômicas que a estruturam e as relações sociais e de produção envolvidas. Apesar das grandes mudanças sociais e relacionais da contemporaneidade, impulsionadas pela revolução tecnológica, nós continuamos a viver em uma sociedade organizada pelas premissas do capitalismo, uma vez que ainda impera a divisão social em classes antagônicas, sendo elas classe trabalhadora e a classe detentora dos meios de produção. Isso proporciona a exploração e exclusão de uma classe pela outra, prevalecendo também a mercantilização da força de trabalho do homem, proporcionando condições desumanas no processo de produção, além da alienação em diversas esferas da vida do sujeito. Como apresenta Gonçalves (2007), “(...) as características do atual momento histórico não representam a superação dos antagonismos inerentes ao capitalismo, mas apenas sua modificação, aparente e não essencial, de forma e não de conteúdo” (p. 55). Em suma, vivenciamos uma nova fase do mesmo capitalismo na qual há uma modificação, mas não uma ruptura do modelo econômico.

3.1 Características fundamentais da contemporaneidade

A teoria marxista defende que há um processo histórico de construção da cultura humana, compreendida como a riqueza material e intelectual de todo o gênero humano. Essa riqueza humana traz consigo as marcas das contradições da luta de classes, disputada ao longo da história da sociedade capitalista. A partir dos moldes sociais do capitalismo, o

enriquecimento do gênero humano se dá de forma alienada, de enriquecimento do capital pela classe trabalhadora (Duarte, 2006). Para compreender o funcionamento da sociedade capitalista, é fundamental fazer uma análise das inovações tecnológicas, pois elas atravessaram a sociedade em seus diversos períodos. Além disso, compreender os interesses das classes dominantes é igualmente importante para análise dos efeitos sociais das tecnologias.

De acordo com o dicionário, a tecnologia se caracteriza por um conjunto de conhecimentos e razões em torno de algo e ou maneiras de alterar o mundo de forma prática para criar algo útil para o homem. Sendo assim, o homem começou a produzir tecnologia quando passou a transformar a natureza para sanar suas necessidades, criando utensílios e ferramentas que seriam úteis para a sua sobrevivência e dando início ao processo de humanização. Nesse sentido, a história da tecnologia é tão antiga quanto a história da humanidade. Na concepção marxista da história social, o homem torna-se livre ao passo que os objetos de sua atividade deixam de se determinar pela satisfação imediata de uma necessidade biológica. Nas palavras de Duarte (2006),

A produção de um instrumento que será utilizado na agricultura, da qual resultará um alimento que satisfará a necessidade de alimentação, é um processo que interpõe, entre a necessidade de alimento e a sua satisfação, toda uma cadeia de ações voltadas para objetos que não satisfazem nenhuma necessidade primária, isto é, biológica (p. 5).

Isso significa dizer que no processo de fabricação de instrumentos surgem novas necessidades de natureza social, além das mediações entre o ser humano e a natureza, que constituem o mundo da cultura, da natureza material e intelectual da humanidade. Nesse movimento de apropriação da natureza pela atividade social, o homem torna-se cada vez menos submetido às forças naturais e vai submetendo-as às finalidades conscientes da atividade humana. Então, o processo histórico do desenvolvimento da humanidade é também uma mudança na forma com a qual o homem se relaciona com as condições sociais de produção e reprodução da vida em sociedade. Nessa atividade de transformação da natureza rumo ao processo de hominização o sujeito passa a criar os instrumentos que se caracterizam por artefatos tecnológicos (Leontiev, 2003; Duarte, 2006).

Dentro da perspectiva marxista é basilar a concepção de que a ação do homem transforma o mundo natural e social por meio de ferramentas que são construídas por ele no decorrer do processo histórico, ferramentas que ampliam e limitam a ação humana sem nunca determinar cada ação de forma mecanicista e imediata. Sendo assim, se faz importante clarificar que, por mais determinantes que sejam a ciência e a tecnologia para o desenvolvimento da

história da humanidade, a constituição cultural, política e econômica das relações sociais, forjadas historicamente, não podem ser definidas apenas pelas inovações tecnológicas (Lima Júnior *et al.*, 2014).

A história da evolução do homem e da sociedade é marcada por transformações tecnológicas, como por exemplo, “a descoberta do fogo, a utilização da pedra pelo homem primitivo, a linguagem, a invenção da roda, o papel, o giz, a escrita, a imprensa, o livro, a máquina, o automóvel, a fotografia, o rádio, a televisão, a internet” (Gasparotto & Kliemann, 2016, n.p). Cada uma dessas transformações demandou uma nova organização social e do trabalho, além de significativas mudanças culturais e econômicas, pois, como abordou Marx em sua obra, as relações sociais estão estreitamente ligadas às forças produtivas. Ao desenvolver novas forças produtivas, os homens transformam seu modo de vida e suas relações sociais de acordo com o desenvolvimento da sua produção material, moldando também os princípios, ideias e categorias em concordância com suas relações sociais (Reis, 2016).

Configurando as transformações sociais, a Revolução Industrial se caracterizou por um marco na história econômica ocidental, representando um grande crescimento da produtividade. A partir do século XVIII, as inovações decorrentes das maquinarias e a polarização das novas fontes de energia e de materiais, tornaram-se frequentes e relevantes para o desenvolvimento industrial. Os avanços tecnológicos e a manufatura representaram para o capital a produção em larga escala, ampliando as atividades mercantis; as criações tecnológicas deste período trouxeram benefícios para o capitalismo que, por sua vez, expandiu o desenvolvimento tecnológico por meio de investimentos. Nesse sentido, a análise social da tecnologia se faz indispensável para a compreensão do contexto socioeconômico, principalmente quando se refere à posição do trabalhador em relação ao sistema de produção (Portilho & Souza, s/d).

Impulsionada pelo modo de produção capitalista, nos encontramos hoje na Terceira Revolução Industrial, caracterizada pelo advento das novas tecnologias digitais de informação e comunicação. Análoga às duas revoluções industriais anteriores, a do século XXI também foi movida pela correlação entre os novos meios de comunicação e as novas formas de produzir energia, ou seja, pela unidade comunicação e energia. No Século XIX, o carvão e o vapor proporcionaram a construção de estradas de ferro e de grandes frotas navais, além da popularização dos materiais impressos, favorecendo as linhas comunicacionais. No século XX, na segunda revolução industrial, com o petróleo e a eletricidade permitindo a criação do motor à combustão interna, o automóvel e principalmente a ampliação da rede comunicacional apoiadas nas centrais elétricas, possibilitaram o desenvolvimento do telégrafo, telefone, rádio e televisão. A terceira revolução industrial está calcada na rede de energia/internet, e o basilar

não está apenas na energia, na internet ou na noção de rede, mas na integração das três (Abramovay, 2012).

Potencializada pela primeira e segunda Revolução Industrial, a sociedade recebeu grandes desenvolvimentos tecnológicos, acarretando diversas implicações e transformações no mundo do trabalho, no modo de produção, nas relações sociais e também na constituição do indivíduo, modificando suas formas de ser em função dos modos de produzir sua existência. Desde sua instituição, o modo de produção capitalista foi evoluindo ao longo dos séculos, inicialmente com a produção artesanal, avançando para a manufatura, a divisão social do trabalho, a extração de mais-valia do trabalhador, a substituição do homem pela máquina, a grande indústria, a constituição de um mercado mundial, até chegar ao capitalismo financeiro, com uma economia globalizada e interdependente (Oliveira, 2020).

O capitalismo, portanto, pode ser dividido em fases, cada qual com suas particularidades e de maneira que cada uma delas põe as condições necessárias para a seguinte, o que pode ser apreendido apenas de modo retrospectivo. Em cada um desses diferentes momentos, as leis que conformam o modo de produção capitalista se apresentam de modo diverso, assim como o mercado mundial (a expressão mundial dessas leis na relação entre capitais baseados em diferentes Estados-nacionais). (Saludjian, Miranda & Carcanholo, 2015, n.p).

Com o sucessivo desenvolvimento tecnológico que vem ocorrendo nos últimos anos, a sociedade contemporânea tem se deparado com a entrada das “novas tecnologias” em diversos campos sociais, praticamente todos os setores de ação humana estão envoltos pelos recursos tecnológicos, informáticos e telemáticos. Atualmente, muito tem se ouvido falar sobre o conceito de “novas tecnologias”, sendo importante apontar que, com o acelerado crescimento tecnológico que invade a sociedade, torna-se complexo estabelecer o limite de tempo que deve ser considerado para apontar como novos os conhecimentos, ferramentas e processos que vão se desenvolvendo no seio da contemporaneidade (Gasparotto & Kliemann, 2016).

Cabe frisar que o termo novas tecnologias, aqui utilizado, refere-se aos processos e produtos relacionados aos conhecimentos produzidos pela eletrônica, microeletrônica e as telecomunicações. Essas tecnologias têm como característica marcante o fato de terem fundamentalmente uma base material, e não possuem, em sua grande maioria, uma base física constituída por maquinarias. Logo, atuam em um espaço virtual e se constituem por uma rede de comunicação e informação. Essas particularidades influenciam as relações humanas,

levando-as a adentrarem ao mundo virtual, modificando sua visão de homem e de mundo (Gasparotto & Kliemann, 2016).

Referente aos modos de produção da existência humana, temos que, junto do crescimento tecnológico da Terceira Revolução, houve uma reorganização industrial e de sua estrutura interna, da configuração dos empregos, do processo de entrada para o mercado de trabalho. A partir disso, com a flexibilização do trabalho e a utilização cada vez maior de tecnologias de ponta, surge então uma tendência ainda mais opressora, na qual apenas um grupo de elite de profissionais altamente qualificados sobrevive no mercado de trabalho. Nestes moldes, é imposto ao homem que realize trabalhos “híbridos” ou “*superjobs*”. Noutras palavras, envolvem vários papéis e funções anteriormente desempenhados por múltiplos trabalhadores.

Isso ocorre porque cada vez mais as funções mentais complexas passam a ser realizadas pelos aparatos tecnológicos, fazendo com que o homem fique mais dependente da máquina e longe das atividades reflexivas de pensamento, aumentando o abismo da divisão social do trabalho. Com a incorporação das tecnologias avançadas no processo de produção, elas se tornam mais responsáveis pelas atividades complexas e elaboradas, excluindo os trabalhadores dessas funções. Passam a ocupar de forma veloz o espaço do homem, alienando setores mais abrangentes do grupo trabalhador (Saviani, 2005; Hernandez, Prysner & Ford, 2019).

A tecnologia desempenha um papel medular na sociedade, trazendo intrinsecamente a expansão do trabalho imaterial produtivo, fundamentalmente os que abrangem os aspectos da “comunicação, do marketing, da publicidade e das marcas como importantes ativos das sociedades empresárias, como formas de diferenciação em um mercado marcado pelo fenômeno da globalização” (Portilho & Sousa, s/d). As formas atuais do valor são expressas a partir da ligação entre trabalho imaterial e o material, cuja organização traz consequências negativas para o mundo do trabalho, como é expresso:

(...) observar, sobre tal ponto, os fenômenos da erosão do trabalho regulamentado, das terceirizações, do trabalho assalariado travestido de empreendedorismo e cooperativismo (desvirtuamento da ideia básica de cooperativa, resultando na prática em formação de cooperativas patronais), formação do chamado “terceiro setor”, desmonte da legislação protetora do trabalho e aumento dos mecanismos de extração do sobretrabalho (Portilho & Sousa, s/d, n.p).

Vivemos um momento do capitalismo em que o trabalho vem se modificando drasticamente. As transformações no modo de produção possibilitadas pelo crescimento

acentuado dos recursos tecnológicos vieram guarnecidas de uma significativa desregulamentação dos direitos dos trabalhadores, levando ao crescimento da fragmentação no interior da classe trabalhadora, bem como à precarização e terceirização da força de trabalho. O crescimento tecnológico tem acirrado o desemprego estrutural, ocasionando a exclusão de uma imensa parcela de trabalhadores, da qual exige com que estejam aptos a atuar em diferentes funções, ou seja, um trabalhador generalista, com conhecimentos gerais, capaz de atuar em variadas frentes e se adaptar a distintos trabalhos (Gonçalves, 2007; Portilho & Sousa, s/d).

Junto do aumento no ritmo de trabalho para aqueles que ainda o possuem, ocorre também o desemprego em massa. Segundo pesquisas do Fórum Econômico Mundial, até 2030, é previsto que 30% dos trabalhos estejam sob risco de automação (Hernandez, Prysner & Ford, 2019). No Jornal *The Economist*, de 25 de maio de 2013, temos que:

Há uma boa chance de que a tecnologia possa destruir mais empregos do que cria. Há uma chance ainda maior de que ela continuará a aumentar as desigualdades. A tecnologia está criando cada vez mais mercados nos quais os inovadores, investidores e consumidores – e não os trabalhadores – obtêm a maior parte dos ganhos. (*online*)

Parece contraditório que o progresso tecnológico e o aumento da produtividade, ao invés de proporcionarem padrões de vida elevados, tenham realizado o movimento contrário, esvaziando a qualidade de vida da grande maioria dos sujeitos, criando salários estagnados e levando ao desemprego estrutural (Booth, 2013). Com a reestruturação produtiva e a revolução tecnológica adentrando os diversos setores de produção e também a vida do homem, percebemos essa imensa contradição influenciada pela organização capitalista. Ao mesmo tempo que as novas tecnologias criam uma condição libertadora para o homem em razão de seu grande potencial produtivo e de manutenção da vida, possibilitando que o mesmo tenha a liberdade de dedicar-se à construção de conhecimento, apreciar as artes e a cultura, o lazer e o tempo livre, ou seja, que realmente desfrute sua vida com qualidade, a partir da manipulação dos interesse de uma elite social, esse instrumento tecnológico que antes asseguraria a liberdade humana, é convertido em instrumento de exploração e degradação do sujeito (Oliveira, 2020; Saviani, 2005),

(...) de premissa objetiva para a libertação geral da humanidade do jugo das necessidades materiais, o avanço tecnológico converte-se, sob as relações sociais de produção capitalista, em instrumento de maximização da exploração da força de trabalho,

ampliando a marginalização social através do crescente desemprego mantido sob controle (Saviani, 2005, p. 21).

Diante desse cenário, Santos (2017) destaca que quanto maior o crescimento científico e tecnológico dentro da sociedade capitalista, maiores serão as contradições encontradas entre a criação coletiva e a apropriação privada, além das contradições referidas ao próprio destino da humanidade. Isso ocorre porque em uma organização societária em que o domínio político é exercido pelo capital e impulsionado pela contínua expansão econômica, o processo produtivo é estabelecido a partir da necessidade da extração de mais-valor. Dessa forma, as tecnologias produzidas passam a ser desenvolvidas com objetivos de atender a essa necessidade e não mais buscando uma objetividade que supere os conflitos de classe. Essa determinação está presente em todas manifestações técnicas, na produção e nas mercadorias que circulam na sociedade.

Nesse momento do capitalismo, no qual impera o *neoliberalismo*, foi estabelecido um discurso de competitividade, pregando que apenas a partir da competição é que os sujeitos e a sociedade conseguiriam progredir e se desenvolver, visto que a luta os levaria a trabalhar com mais afinco em prol de melhorias na sua condição de vida e subsistência, proporcionando um crescimento social. A problemática desse discurso é que trata a briga entre os pares como algo natural. Além disso, para que uns tenham um lugar de destaque, é necessária a exclusão de uma grande camada social. O que se instala é uma luta social em que o ser humano tem que competir para sobreviver, assemelhando-se à lógica da natureza em que existem os predadores e aqueles que devem ser eliminados (Antunes & Alves, 2004; Oliveira, 2020). Como apresenta Guareschi (2002):

O social é tratado como se fosse algo natural, e passa-se do natural ao cultural com uma desenvoltura de fazer inveja. O ‘Evangelho da Competitividade’ substitui o ‘amai-vos uns aos outros’ pela lei absoluta da competitividade e pelo novo deus, o mercado (p.147).

Para difundir ainda mais essa ideologia competitiva, incorpora-se um discurso meritocrático que aponta o sujeito como o responsável pelo seu fracasso ou sucesso, desconsiderando todas as demais variáveis impostas pela sociedade, ou seja, realiza-se um movimento de individualização das questões sociais. O movimento de culpabilização individual se tornou a saída mais prática e menos questionável para as situações econômicas adversas e injustas forjadas pelo capital. Essa cultura neoliberal, que promove a competitividade, a culpabilização e o individualismo, tem sua origem histórica na Revolução de 1848 – momento em que a cultura valorizava a personalidade intimista em detrimento dos interesses do coletivo,

que passavam a ser expressos como o interesse de apenas uma classe social, a burguesia (Antunes & Alves, 2004; Oliveira, 2020). Ao fazer uma leitura desse contexto, Bauman (2001) expõe que:

Viver diariamente com o risco da auto reprovação e do autodesprezo não é fácil. Com os olhos postos em seu próprio desempenho e, portanto, desviados do espaço social onde as contradições da existência individual são coletivamente produzidas, os homens e mulheres são naturalmente tentados a reduzir a complexidade de sua situação a fim de tornarem as causas do sofrimento inteligíveis e, assim, tratáveis (...) todas as “soluções”, para parecerem razoáveis e viáveis, devem ser acompanhadas pela “individualização” das tarefas e responsabilidades (p. 39).

A sociedade Capitalista justifica a promoção da competitividade dizendo que é somente através dela que se conquista o progresso social. E, para desmistificar essa ideia, Booth (2013) vale-se do exemplo do impulso da guerra:

É notável que o principal desenvolvimento na tecnologia e da inovação a partir deste período não tenha vindo do capitalismo e da concorrência do mercado livre, mas a partir do controle estatal sobre a indústria e da planificação que as nações capitalistas foram obrigadas a adotar para fins de guerra. A nacionalização e o controle público de setores-chave da Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) foram introduzidos nos países (...). O verdadeiro segredo do boom do pós-guerra não foram as políticas keynesianas dos reformistas, mas o tremendo desenvolvimento qualitativo das forças produtivas como consequência da planificação e controle estatal durante a guerra (...). Isto, para não mencionar a importante pesquisa que ocorre nas universidades – publicamente e nominalmente financiadas para fins não lucrativos (p. 4).

Ao longo do período de depressão entre as guerras, no momento em que o capitalismo estava enfrentando sua maior crise da história, a economia planificada da União Soviética, mesmo com o regime estalinista instaurado, desenvolvia-se sobremaneira, superando o declínio de uma economia fundamentalmente constituída a partir do campesinato anterior à revolução de 1917, a fim de colocar o primeiro homem no espaço 44 anos mais tarde. Isso corrobora com a premissa de que a força motriz da inovação tecnológica não foi a competitividade capitalista, mas sim o planejamento e a propriedade pública. O capitalismo, por outro lado, tem sido um dificultador no desenvolvimento das forças produtivas, “a propriedade privada dos meios de produção se tornou uma barreira gigantesca à inovação e à criatividade e deve ser substituída pelo plano de produção sob o controle democrático da própria sociedade” (Booth, 2013, p. 4).

Conforme mencionado, a sociedade contemporânea passou por uma Revolução Tecnológica, a qual modificou o mundo do trabalho e também todas as esferas da vida do homem, se alastrando do meio social ao individual, na área educacional, familiar e de lazer, ou seja, todos os âmbitos passaram a ser atravessados pelas tecnologias digitais. A tecnologia está cada vez mais presente no cotidiano social, promovendo o movimento de distanciamento físico das pessoas, alterando seus hábitos e atitudes, ditando tendências e novas necessidades, conduzindo os sujeitos para o consumo exacerbado e impondo ao indivíduo uma constante atualização e aquisição de novas habilidades para o seu uso (Oliveira, 2020; Gasparotto & Kliemann, 2016).

O crescimento e a vulgarização de um determinado recurso tecnológico impõem à cultura preexistente a transformação do comportamento de todo seu grupo social. Por exemplo, o desenvolvimento da roda produziu mudanças radicais na forma de deslocamento, reconfigurou a produção, estocagem e a comercialização de mercadorias, proporcionando diversas outras criações humanas. Dessa forma, desde a gênese da história da humanidade, quando diversos artefatos tecnológicos foram criados, eles sempre vieram acompanhados de mudanças sociais, culturais e na forma do homem produzir sua existência. Na contemporaneidade não é diferente, a ascensão dos recursos tecnológicos e dos meios de comunicação e disseminação de informação têm modificado sobremaneira a organização do trabalho, a forma de se relacionar, de viver e de adquirir novos conhecimentos da humanidade (Gasparotto & Kliemann, 2016). Percebemos que toda aquisição e aprendizagem que o homem adquire ao longo da história de desenvolvimento da humanidade é mediada pelas tecnologias disponíveis em cada período histórico. De acordo com Gasparotto e Kliemann (2016), influenciado pela leitura de Lévy (1998),

o predomínio de determinados tipos de tecnologias – criados pelo homem para garantir uma melhor qualidade de vida e superar os obstáculos da vida cotidiana – acabam conduzindo as pessoas para novas e diferentes aprendizagens. Essas aprendizagens, por sua vez, não estão apenas levando as pessoas a dominarem determinados tipos de conteúdos ou a adquirirem competências e habilidades específicas. De um modo mais amplo e complexo, elas acabam determinando também novos valores, novas ações, mudando a visão de homem e de mundo de cada pessoa e grupo social (n.p).

O avanço tecnológico conduzido pela lógica capitalista, pela virtualização e flexibilização da vida tem gerado mudanças cada vez mais velozes, causando alterações nas relações cotidianas e nas esferas psíquicas e biológicas dos sujeitos. A sociedade pós Revolução

Industrial tem sofrido um processo de virtualização, fundamentalmente impulsionada pelo crescimento da internet e das redes sociais (Oliveira, 2020). Influenciado por Lévy (1996), Oliveira (2020) afirma que “[...] a *virtualização* afeta muito mais que a informação e a comunicação, mas a vida social como um todo, desde a economia, passando pelas relações interpessoais até a constituição humana” (p. 16., grifos do autor).

Nas últimas décadas percebemos um crescimento cada vez mais avançado da internet, o que impulsionou o desenvolvimento de *softwares*, aplicativos, mídias de comunicação e interação social como as redes sociais, bem como a produção em larga escala de instrumentos tecnológicos como smartphones, notebooks, tablets, entre outros, que literalmente deixam a utilização dos recursos tecnológicos a um toque de distância. Com isso, fica evidente que o tecnológico e o virtual estão cada vez mais inseridos na vida cotidiana do homem, tornando-se quase inimaginável viver sem eles, uma vez que estão presentes no lazer, no entretenimento, na comunicação e interação social, na busca por informações, nas transações comerciais e em diversos outros aspectos da vida diária (Freitas, 2017).

Diante da virtualização da vida, temos as novas tecnologias de mídias sociais como uma ferramenta poderosa de disseminação de conteúdos em larga escala em um período extremamente curto de tempo. Nesse sentido, se faz importante ressaltar que, em virtude de sua especificidade e materialidade, os recursos de comunicação em massa – como jornais, revistas, televisão, redes sociais – são ferramentas que representam a ideologia capitalista. Como pontuam Portilho e Sousa (s/d), o desenvolvimento tecnológico não é neutro, ele se apropria da tendência estabelecida pelas forças econômicas e sociais em um processo de relação dialética. Indo ao encontro dessa perspectiva, Postman (1994) afirma:

(...) toda ferramenta está impregnada de um viés ideológico, de uma predisposição a construir o mundo como uma coisa e não como outra, a valorizar uma coisa mais que outra, a amplificar um sentido ou habilidade ou atitude com mais intensidade do que os outros (p. 23).

Pensando no viés de manutenção dos interesses do capital que envolve os recursos tecnológicos, é importante abordarmos como eles vêm se caracterizando enquanto instrumentos para difundir os ideais de acúmulo de bens, riquezas e do consumo desenfreado, pois têm sido utilizados com o objetivo de criar cada vez mais novas necessidades nos sujeitos, portanto, levantaremos a pauta da relação de consumo na sociedade moderna. Nesse sentido, a partir dos estudos de Marx (1996) e de Portilho e Sousa (s/d), nos quais expõem que o sistema capitalista produz e cerceia, em movimentos cíclicos, novas mercadorias, métodos produtivos e de

transporte, mercados e formas de organização industrial, sendo esses os causadores da manutenção do sistema capitalista, buscamos agregar à discussão o conceito de mercadoria e como ela se movimenta dialeticamente na sociedade e no próprio mercado.

Para Marx (1996), a mercadoria é, antes de tudo, um produto do trabalho humano, cujas propriedades satisfazem as necessidades humanas, seja de forma direta, a partir do consumo, ou indireta, direcionada para a produção de outras mercadorias. Concomitantemente, o que constitui a mercadoria é a possibilidade de que seja trocada por coisas, assim, todas as mercadorias se caracterizam por bens úteis e com valor de troca. A mercadoria só carrega valor porque nela está materializado o trabalho humano, sendo esta uma característica comum a todas as mercadorias.

O trabalho humano que produz mercadorias é uma atividade social, uma vez que os homens trabalham uns para os outros, produzindo mercadorias diferentes e trocando-as entre si. O valor da mercadoria está na quantidade média de trabalho necessária para produzi-la e não na utilidade que encontramos nessa mercadoria. A circulação de mercadoria se caracteriza por ser o ponto de partida do capital, visto que a produção, circulação e comércio de mercadorias constituem o propósito histórico sob o qual ele se desenvolve. Para compreender o fenômeno que ocorre com o produto após ele ser transportado para o universo do comércio e assumir o lugar de mercadoria, Marx faz o seguinte apontamento:

O misterioso da forma mercadoria consiste, portanto, simplesmente no fato de que ela reflete aos homens as características sociais do seu próprio trabalho (...) como uma relação social existente fora deles, entre objetos. Por meio desse quiproquó os produtos do trabalho se tornam mercadorias, coisas físicas, metafísicas ou sociais (...). Não é mais nada que determinada relação social entre os próprios homens, que para eles aqui assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas. Por isso, para encontrar uma analogia, temos de nos deslocar à região nebulosa do mundo da religião (Marx, 1996, p. 198).

Nesse sentido, Marx utiliza a palavra “fetiche” para realizar a analogia daquilo que ocorre no mundo da mercadoria, especialmente quando elas se expõem aos sentidos humanos. Com isso, aponta que “os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, figuras autônomas, que mantem relações entre si e com os homens” (Marx, 1996, p. 198). Portanto, quando os produtos criados pelo homem se convertem em mercadoria, incorporando-se a elas, ocorre uma espécie de fetichismo que se faz inerente ao processo de produção da mercadoria.

A fim de esclarecimento, o *Dicionário Aurélio de Português* (2018), em sua versão digital, define a palavra “fetiche” da seguinte forma, “objeto a que é prestada adoração ou que é considerado como tendo poderes sobrenaturais”. Pautado em Marx, Sennet (1999) levanta que,

Karl Marx tinha uma expressão adequada a essa psicologia do consumo: chamava-a “fetichismo das mercadorias”. Em *O Capital* ele escrevera que todo objeto manufaturado, colocado sob o capitalismo moderno, torna-se um “hieróglifo social”; através dessa expressão ele queria dizer que as iniquidades nas relações entre o patrão e o operário na produção desse objeto poderiam ser dissimuladas. A atenção era desviada das condições sociais sob as quais os objetos eram feitos para os objetos em si mesmos, caso as mercadorias adquirissem um sentido, um mistério, um conjunto de associações que não estivessem nada a ver com o seu uso (p. 272)

O aspecto fetichista que está envolto na mercadoria produz uma alienação imediata, pois a mercadoria camufla de forma supostamente fantasmagórica o trabalho do homem nela materializado. Ou seja, oculta as relações sociais de trabalho, a exploração da classe trabalhadora, o trabalho repetitivo e alienado, o tempo e a força de trabalho gasto na produção e a mais-valia levada do trabalhador, todos esses fatores ficam invisíveis sob o fascínio da mercadoria. Assim, nesse movimento, as relações de trabalho, bem como as relações humanas, tornam-se coisificadas, pois a história e as relações de produção impregnadas na mercadoria ficam encobertas quando esta última está finalizada, produzindo uma cultura de consumo exacerbado e alienada do processo de produção e das contradições sociais (Oliveira, 2020).

Em nossa organização societária, percebemos como o homem é definido e valorizado pelos seus bens materiais e riquezas acumuladas, dado que a sociedade capitalista fomenta o consumo como fonte de afirmação pessoal. As pessoas passam a ser identificadas por aquilo que elas possuem enquanto bens materiais e não pela sua constituição enquanto sujeito, integrante do gênero humano. Os bens tornam-se mecanismos de segregação social, visto que as relações sociais passam a ser mercantilizadas. Segundo Bittencourt (2013), a manutenção do sistema capitalista exige uma constante profusão de desejos e necessidades que jamais serão atendidos completamente, “a vida mecanizada da sociedade em processo de industrialização transforma a relação da pessoa com a natureza, ocasionando assim essa exigência estética preenchida pelos signos do luxo, seja na moda, nos vestuários, nos utensílios, na arquitetura (...)” (p. 27).

Nesse encadeamento, as mídias sociais são utilizadas de forma eficaz como mecanismos publicitários, com o intuito de criar diversas necessidades nos sujeitos a partir da oferta produtos envoltos por qualidades, muitas vezes, inexistentes, e apresentando-os com o objetivo de atender a uma necessidade que não estava ali, antes do sistema a gestar. Como apresenta Bittencourt (2013), a publicidade tem um lugar de destaque no sistema de dominação capitalista, pois envolve os produtos em uma espécie de magia e os mostram para os consumidores como indispensáveis, expondo como precisam deles para se sentirem bem e alcançarem uma realização, proporcionando uma falsa sensação de completude. Gasparotto e Kliemann (2016) afirmam que o mercado não tem real interesse na discussão crítica da nova mídia e suas implicações sociais, pois objetiva apenas que a consumamos. Para tal, se utiliza frequentemente do desenvolvimento de novos artefatos, de forma que os antigos passam a perder sua utilidade e domínio do interesse social. O meio tecnológico e virtual não se constitui por uma democracia igualitária, ele reproduz as mesmas contradições das relações de produção capitalista, colocando apenas alguns em um lugar privilegiado. Nesse sentido, Moran (1995) aponta que,

Os mecanismos intrínsecos de expansão do capitalismo apressam a difusão das tecnologias, que podem gerar ou veicular todas as formas de lucro. Por isso há interesse em ampliar o alcance da sua difusão, para poder atingir o maior número possível das pessoas economicamente produtivas, isto é, das que podem consumir. O capitalismo visa essencialmente o lucro (p. 24).

Bittencourt (2013) apresenta que para o sistema capitalista se retroalimentar, ele precisa gerar “uma grande torrente de querer que nunca encontra a capacidade de plena satisfação, gerando assim sujeitos existencialmente carentes, sempre em busca do gozo prometido, mas nunca realizado satisfatoriamente” (p. 34). Dessa forma, os sujeitos continuam insatisfeitos, trabalhando e produzindo exaustivamente com o intuito de suprir as necessidades criadas, mas ao longo do caminho vão sendo apresentadas novas necessidades, fazendo com que o sujeito viva sua vida nessa luta constante pela satisfação nunca alcançada.

Bauman (2011) mostra que somos convencidos de que não estarmos inseridos nas novas tendências sociais é sinônimo de fracasso, então adquirimos coisas como forma de mostrar quem somos ou o que queremos que pensem que somos. Sendo assim, o que temos e usamos está interligado profundamente com a nossa singularidade. Segundo Oliveira (2020)

Portanto, na sociedade do consumo, a própria singularidade foi se tornando produto, sendo progressivamente homogeneizada no sentido de adaptá-la ao mercado, tornando

o indivíduo um simples exemplar de uma coletividade regulada pela lógica capitalista, por uma cultura burguesa inculcada em cada sujeito em si. Com efeito, essa padronização dos indivíduos os tornou muito mais previsíveis e manipuláveis pelas elites detentoras do poder, agregando-se a isso o próprio ciclo vital humano, o qual, como a história do capitalismo atesta, foi sendo subdividido em etapas cada vez mais identificáveis e adequadas às necessidades econômicas e ideológicas impostas para o avanço do capital (p. 76).

Temos, assim, uma mercantilização do homem, na qual os bens materiais comprovam os valores humanos fundamentais, e que são controlados pela lógica do “ter” e não do “ser”. A pessoa é reconhecida socialmente por aquilo que ela tem, justamente por isso na sociedade moderna percebe-se muitas vezes no homem um maior apego aos bens acumulados do que às pessoas com que se relaciona (Bauman, 2011; Bittencourt, 2013).

A partir dos conteúdos levantados pelos autores é possível perceber que para a manutenção do atual modelo econômico social, é necessário que seus membros não sejam indivíduos psiquicamente estáveis em seus comportamentos de consumo, para que mergulhem de forma profunda nas constantes mudanças de tendência da moda e de novas necessidades sociais. A luta constante para suprir as necessidades de aquisições materiais causa grande prejuízo na saúde psíquica dos sujeitos, uma vez que o comportamento de consumir provoca sensações contraditórias. Tal como apresenta Bittencourt (2013), ao mesmo tempo que proporciona a sensação de alívio da ansiedade, fazendo o sujeito sentir-se inserido e satisfeito, logo traz a ânsia de um novo consumo, pois a aquisição anterior perde o sentido de satisfação do seu desejo. Então, como bem pontua o autor, “esse desequilíbrio aterrador o deixa em estado psicológico de constante ansiedade por sua saciedade, nunca encontrando um ponto final de equilíbrio e paz interior” (p. 33).

O autor aborda que o querer nasce de uma necessidade imposta pelo meio social. Por isso, desenvolvemos uma carência por um produto ou bem, o que gera conseqüentemente um sofrimento. A aquisição do bem finda o sofrimento, mas o capitalismo gera uma enxurrada de necessidades. Assim, para cada desejo satisfeito, pelo menos dez não são. Ademais, o prazer e o bem-estar pessoal proporcionado pelo consumo são muito breves, mas as exigências pelo consumo são constantes, portanto, o desejo satisfeito rapidamente abre as portas para diversos outros que provavelmente não serão atingidos. A partir dessa insatisfação os sujeitos começam a enfrentar um sofrimento psíquico agudo, uma vez que sua felicidade também se torna mercantilizada. Segundo Bittencourt (2013):

O embotamento psíquico do habitante dos nervosos centros urbanos, situação em uma exaustiva dinâmica laboral, transfere sua capacidade de construção da felicidade aos atos de consumo, que, todavia, sempre se exaurem após curto prazo após seu dispêndio material (Bittencourt, 2013, p. 33).

Como abordado, as questões de consumo e criação de necessidades adentraram diversas esferas da vida dos sujeitos, nesse movimento houve também a mercantilização dos corpos humanos, que se tornaram objetos a serem modificados, “melhorados”, isto é, outra fonte de desejo a ser alcançada. Conseguimos perceber um movimento cada vez mais forte de impor a perfeição para esses corpos, a fim de que se adequem aos padrões sociais. Com isso, cria-se a necessidade de “consertar” o corpo para que ele chegue no ideal social. As mídias sociais têm sido um recurso eficaz para a ampla divulgação e fortalecimento do padrão corporal, pois, por meio de imagens e propagandas, expõem seres humanos perfeitos e divulgam a “receita” para tal perfeição. O setor da beleza e estética, desde seu nível mais básico com produtos até o mais abrasivo com cirurgias estéticas, tem sido um segmento amplamente lucrativo (Bauman, 2011).

A luta pela imagem perfeita atinge ambos os sexos, mas esse mercado encontra seu consumidor mais voraz no sexo feminino, devido ao peso do gênero e a demanda social imposta que as mulheres devem alcançar a perfeição corporal, gerando um público cada vez mais inseguro. É justamente essa insegurança que se torna um capital potencial e cria cada vez mais necessidades para uma gama de consumidoras que desejam suprimir suas “imperfeições” e alcançar a satisfação de seus desejos.

Finalizando o tema do consumo e de como ele tem sido impulsionado pelas novas tecnologias digitais, é importante abordarmos as transformações nos relacionamentos humanos, uma vez que, a fim de compreendermos como a sociedade moderna tem se organizado, é necessário olharmos para a forma com a qual os homens interagem e se relacionam socialmente. Do mesmo modo que a sociedade se transformou com o advento tecnológico, a configuração dos relacionamentos humanos também sofreu transformações.

Já abordamos que a virtualidade atingiu diversas esferas da vida humana, inclusive a relacional, e embora as novas mídias digitais ofereçam distintas formas de comunicação, proporcionando uma facilidade em contatar e interagir com pessoas em distintos lugares do mundo, rompendo as barreiras de espaço, em contrapartida tem provocado o aligeiramento das relações humanas e a fragmentação de vínculos sociais mais profundos, o que gera consequências tanto para a realidade social quanto para a constituição psíquica das novas gerações (Oliveira, 2020).

Segundo Abreu (2016), a utilização inadvertida dos recursos tecnológicos tem ocasionado essa limitação social no homem. “Parece que a tecnologia, hoje, deixou de ser uma ferramenta para se tornar um ruído e, no fundo, nossa qualidade de vida não está melhor, ao contrário, está pior. Estamos criando uma geração de alienados” (n.p). O autor também pontua que a forma com a qual a tecnologia está entrelaçada nas interações humanas é tão forte, que o que era atípico, incomum, está sendo normalizado.

Nessa realidade as pessoas que não compartilham da mesma forma de interação tecnológica são vistas com estranheza, até mesmo anormalidade. Abreu (2016) apresenta ainda que nessa realidade social houve uma significativa perda de valores humanos, e, com isso, a necessidade de reaprendê-los. Comungando de pontos de vistas semelhantes, Oliveira (2020) fala sobre a degradação social, dos costumes e do homem moderno, apontando para o fato de estarmos em um período histórico em que o consumo em massa oportuniza o desenvolvimento de “valores hedonistas, permissivos e uma diversificação incomparável nos modos de vida e nas formas de controle, além de uma flutuação sistemática das crenças pessoais, dos papéis e da esfera privada, inaugurando uma nova fase do individualismo ocidental” (p. 105). O que percebemos é a fragilidade e o caráter transitório dos laços humanos, somadas à mercantilização das relações, que passam a assumir uma condição de produto a ser consumido ou um objeto a ser exposto socialmente.

Com a virtualização das relações sociais e a debilidade dos vínculos humanos, a constituição da personalidade do homem também foi alterada na sociedade contemporânea, pois, como traz Vigotski (2004), é a transformação nas relações sociais que impulsiona a mudança no sujeito, “(...) se as relações entre as pessoas sofrem uma mudança então, junto com elas, as ideias, padrões de comportamento, exigências e gostos, também irão mudar” (p. 6). Segundo ele, a personalidade humana é constituída primordialmente por meio da influência das relações sociais e da sociedade em que o indivíduo está inserido, então “(...) uma mudança fundamental do sistema global dessas relações, das quais o homem é parte, também irá conduzir inevitavelmente a uma mudança na consciência, uma mudança totalizante do comportamento humano” (p. 6).

Influenciada pela Revolução tecnológica, pelas mutações sociais e relacionais da contemporaneidade, a personalidade humana sofreu um movimento de mutilação. É nesse sentido que Vigotski (2004) expõe que a organização social capitalista, por meio da exploração do homem, tem conduzido o sujeito à degradação de sua personalidade e de seu potencial de desenvolvimento, uma vez que o coloca no lugar de produto, um instrumento com o objetivo de obter lucro, desumanizando-o à medida em que tira foco do humano e o coloca no processo

produtivo. Pautada em premissas semelhantes, Martins (2004) apresenta que, na sociedade atual, “a individualidade e consequentemente a personalidade, encontrando-se condicionadas pelo valor de troca, põem-se ao nível de mercadoria, o que significa sua própria negação” (p. 96). Acrescenta ainda que,

o empobrecimento da individualidade humana sob condições de alienação abarca tanto sua expressão no âmbito do trabalho social quanto no âmbito da vida pessoal, uma vez que a ordem de relações políticas e econômicas subordina a si o próprio desenvolvimento do psiquismo. Por esse processo os indivíduos deixam de ser autores e se convertem em co-autores de sua própria vida (p. 97).

Da mesma forma, Bittencourt (2013) aborda o capitalismo como um sistema que deteriora a autonomia do homem e sua singularidade, fazendo-o constituir-se por meio de relações mercadológicas e normativas que levam, em suas palavras, a “um sujeito pobre de espírito, incapaz de se realizar plenamente como pessoa em sua existência” (p. 35).

Referente aos aspectos discutidos na presente seção, podemos levantar alguns pontos à guisa de conclusão. O primeiro ponto é que as mudanças tecnológicas iniciadas a partir da Primeira Revolução Industrial vêm desempenhando um papel fundamental no desenvolvimento do sistema capitalista, participando de todas as transformações cíclicas e produzindo um grande avanço no sistema produtivo, bem como nas tecnologias de comunicação. Entretanto, a inovação e o progresso tecnológico não realizam um movimento linear de crescimento, tal como todo desenvolvimento da história da humanidade, o das forças produtivas, da indústria, da técnica e da ciência movem-se de forma dialética e dentro da sociedade capitalista enfrentam grandes contradições, isso porque o crescimento e o desenvolvimento dentro desta organização social só podem ocorrer de forma desordenada e contraditória (Portilho & Sousa, s/d; Oliveira, 2020).

O segundo ponto é que desde o estabelecimento do modo de produção capitalista até sua etapa contemporânea, o que se percebe é o crescimento e o enriquecimento de uma classe a partir da exploração da outra, fazendo com que o desenvolvimento dos artefatos tecnológicos seja utilizado como extração de mais-valia do trabalhador em prol do enriquecimento e acumulação de bens da burguesia. Então, a sociedade moderna calcada nos preceitos capitalistas se encontra em uma imensa contradição, pois ao mesmo tempo que conquistou grandes avanços tecnológicos tanto nos meios de produção como de comunicação, essa conquista não proporciona, por si só, o acesso e o desenvolvimento da sociedade como um todo. Muito pelo contrário, com a organização social capitalista, as novas tecnologias, ao invés de

possibilitarem a quebra do abismo social entre as classes, acabam ampliando essa desigualdade e escravizam ainda mais a classe trabalhadora, que precisa sobreviver com subempregos e com condições mínimas de acesso aos novos desenvolvimentos sociais. Essa realidade posta é contraditória, pois, “embora a produção seja social e coletiva, sua apropriação é privada e, portanto, baseada na exploração, na extração de mais-valor”. (Oliveira, 2020, p. 99)

Também conseguimos perceber que os recursos tecnológicos estão se aprimorando com demasiada rapidez. Como enfatiza Dantas (2008), o desenvolvimento social do homem é consideravelmente mais lento que o científico e tecnológico, e é justamente por isso que ainda vivemos o processo de transição de adaptação à sociedade moderna e sua revolução tecnológica. Percebemos isso por meio do grande índice de desemprego e de subemprego, da pobreza crescente, além do aumento de sujeitos com problemas relacionais e em sofrimento psíquico.

Dentro da teoria marxista, não se trata de ser contra o desenvolvimento tecnológico, mas de analisar criticamente as condições capitalistas e suas exigências, buscando propor outro desenvolvimento tecnológico rumo a uma outra organização social e com novas possibilidades de soluções tecnológicas. Essas novas tecnologias serão consequência dos interesses da luta de classes. Assim, todas as tecnologias, entre elas as digitais, precisam ser pensadas e discutidas levando em consideração o tipo de sociedade que estão consolidando (Santos, 2017).

Como apontado no início da seção, as tecnologias são bens culturais produzidos pelos homens ao longo do desenvolvimento histórico da sociedade. Por tal razão, deveriam ser utilizadas como formas de proporcionar a emancipação e humanização dos sujeitos, e não como maneiras de exploração e alienação. Todavia, em uma democracia capitalista, o desenvolvimento tecnológico é influenciado e direcionado pelos interesses da classe dominante de acúmulo de bens e exploração da classe trabalhadora. Esses interesses individuais e de aumento de produtividade são a força motriz e elemento indispensável para o desenvolvimento tecnológico da sociedade capitalista, portanto, dentro dessa sociedade capitalista as tecnologias nunca assumiram caráter de emancipação humana.

3.2 Desenvolvimento da adolescência na sociedade contemporânea

Conforme discutido seções iniciais, a vertente da psicologia histórico-cultural parte da perspectiva do homem enquanto um ser histórico, forjado ao longo do tempo pelo movimento das relações, condições sociais e culturais engendradas pela história da humanidade. Sendo assim, têm suas características e particularidades construídas pelo tempo, pela sociedade e pelas relações sociais que estabelece. O homem inserido em um tempo histórico dentro de uma dada

sociedade terá sua constituição psíquica, suas possibilidades e impossibilidades influenciadas diretamente por essas condições sociais. Dessa forma, a análise social é indispensável para compreendê-lo e compreender a maneira com a qual ele se apresenta, pois não se pode conhecer o sujeito se não for por meio de suas relações sociais.

Como já pontuado, a adolescência é uma categoria criada a partir de uma demanda social de um dado momento histórico, tendo sua gênese na etapa superior do capitalismo, quando passa a ser analisada enquanto um momento específico do desenvolvimento humano, transpassado por distintas particularidades. A adolescência é, portanto, fruto de grandes transformações nas bases materiais da sociedade que produziram a demanda de um período de transição entre a infância e a vida adulta (Bock, 2007).

No tópico anterior, apontamos como a sociedade moderna tem passado por uma revolução tecnológica e virtualização social que causam transformações sociais e relacionais e, em consequência disso, alteram a maneira com a qual o adolescente moderno se constitui, influenciado pelas distintas exigências sociais. Destinamos esta seção para a descrição das novas particularidades dos adolescentes contemporâneos.

Iniciaremos recuperando o termo “geração” como sendo utilizado para caracterizar a expressão coletiva e os estágios de transformação representados no desenvolvimento da personalidade, nos valores e comportamentos de um determinado grupo etário dentro de um intervalo de tempo. Comumente, o período de tempo utilizado para determinar as gerações era de aproximadamente 25 anos. Atualmente, com os novos arranjos sociais e as mudanças cada vez mais velozes, tem se observado um encurtamento do salto geracional, podendo se falar de um intervalo de aproximadamente 10 anos (Bortolazzo, 2012; Oliveira, 2020).

A geração dos adolescentes contemporâneos é denominada de “*Geração Digital*”, “*Geração Z*” ou ainda “*Geração Zapping*”, remetendo ao verbo “*zappear*”, que significa mudar constantemente de canal, de telas ou de estímulos comunicacionais. Isso devido às novas práticas interacionais e de entretenimento dos adolescentes, em que estão simultaneamente conectados em diferentes telas, redes sociais, grupos de conversas, jogos eletrônicos, em um constante fluxo de informação e conteúdo. Essa geração nasceu em uma sociedade em que os meios tecnológicos estavam em ascensão, sua adolescência sempre esteve permeada pela internet, redes sociais e os mais diversos aparatos tecnológicos, recebendo constantes estímulos e informações que os incitavam sempre por novidades (Bortolazzo, 2012; Oliveira, 2020).

A geração digital relaciona-se precocemente com os instrumentos tecnológicos, e a grande maioria desses adolescentes nunca percebeu o mundo sem computadores, celular, internet e redes sociais. Esse convívio influencia a produzir uma vida, uma forma de pensar e

ver o mundo consideravelmente distinta das gerações antecessoras. Como expõem Filho e Lemos (2008):

Para seus pais, a tecnologia é apenas um complemento de sua vida. [...] Para os adolescentes, essa separação entre o real e o virtual é imperceptível. Eles nasceram e cresceram na rede – e, mais importante, em rede. [...] Para a geração digital, sem celular, comunidades online ou blogs não há vida. (p. 17)

Inseridos nesse universo de grandes e rápidas transformações socioeconômicas, culturais, tecnológicas, além da virtualização da vida, a Geração Z desenvolve características evidentemente distintas das gerações progressas, dos seus pais e avós. Segundo Oliveira (2020), é muito comum que surjam conflitos geracionais influenciados pela lógica de rapidez e instantaneidade da era virtual, dado que “(...) o universo dos objetos, dos produtos, dos interesses, das relações e das velocidades experimentados por uma geração, passa a ser completamente diferente (...) promovendo o choque ou o distanciamento entre elas” (p. 140).

É importante frisar que cada geração se constitui de forma distinta, pois cada uma foi forjada em um período sociocultural diferente, com distintas formas de produzir e gerir a vida, sofrendo outros processos de subjetivação. Entretanto, cabe apontar que embora existam essas distinções, cada geração surge no interior da geração precedente, ou seja, vai sofrer influências da sua antecessora. Temos que cada período histórico tem concentrado adolescentes com aspectos comuns de sua constituição. A respeito da geração mediada pelos instrumentos tecnológicos, Bortolazzo (2012) afirma,

Analisar a formação dos sujeitos das distintas gerações por uma perspectiva das tecnologias significa dizer que para além das instituições que formavam os pilares da modernidade como a família, a escola e a igreja, hoje, outras instâncias e espaços culturais também se tornam elementos importantes na produção de subjetividades como o cinema, a internet, os programas de televisão, as rádios, as redes sociais, os hábitos de consumo (p. 12).

Partimos do princípio que a era virtual produz mudanças na forma de ser, pensar e agir das novas gerações, fundamentalmente dos adolescentes, surgindo novas subjetividades moldadas pelos aparatos tecnológicos e pelas distintas formas de se relacionar e perceber o mundo à sua volta. Cotidianamente os jovens têm sua rotina transpassada pelas tecnologias e não apenas a televisão, computador e celular, mas todo um conjunto de materiais midiáticos, como redes sociais, grupos de conversa, blogs, sites de notícias, jogos eletrônicos. Esses recursos tecnológicos formatam a maneira com a qual o adolescente percebe e pensa a

sociedade e as pessoas com as quais se relaciona (Barros, 2016; Bortolazzo, 2012; Oliveira, 2020).

Bortolazzo (2012) ressalta que vivemos em uma época na qual as relações humanas são, em sua maioria, mediadas por artefatos digitais. Temos, com isso, uma geração de adolescentes que não compreende a si mesmos e a sociedade sem os recursos tecnológicos e a virtualização social. A vida cotidiana do jovem moderno não existe sem o intermédio dos instrumentos tecnológicos, uma vez que pela manhã acorda com o auxílio do alarme do celular, utiliza os aplicativos de mensagens e redes sociais, vai para a escola escutando música online, e em casa sua forma de lazer também é concretizada por meios tecnológicos. Com a tecnologia presente na vida cotidiana, o desenvolvimento do jovem moderno se modifica em diversos aspectos, ainda mais se comparado às gerações anteriores, sobretudo no que no tange as relações sociais e sua conduta de interação com as pessoas e criação de vínculos, fazendo com que desenvolva um novo regime de sociabilidade.

A digitalização do mundo está transformando todos os setores da sociedade, em maior ou menor grau. Tente observar uma criança ou um adolescente por algumas horas em um de seus habitats: em frente às telas. Não me refiro somente à tela da televisão, mas à de monitores de computadores, visores de telefones celulares, às telas de máquinas fotográficas digitais e às telas de videogames. Poucas são as chances de vê-los conversando (oralmente), porém aumentam as ocasiões em que se encontram digitando velozmente, sorrindo, lendo e interagindo (Bortolazzo, 2012, p. 7).

Atualmente, a forma com a qual os adolescentes mais se relacionam com seus coetâneos e formam seus grupos de pares é a partir das redes sociais e de conversas online. Seu ciclo de amigos parece vasto, mas na grande maioria das vezes consegue estabelecer apenas vínculos frágeis. Essas novas configurações relacionais fazem com que o sujeito se sinta pertencente a um grupo, mas ao mesmo tempo se perceba sozinho, pois os laços estabelecidos são frágeis e não pode realmente contar com aquela rede de pessoas.

Oliveira (2020) ressalta que a sociedade tem apresentado uma grande variedade de entretenimento virtual, criando uma gama de estímulos diversificados, e fazendo com que se torne cada vez mais atraente para o jovem a permanência nesse universo em uma grande parte de seu dia, não se dando conta que gradativamente acaba deixando de lado inúmeras atividades sociais concretas e as relações sociais diretas, “físicas”, “presenciais” tão fundamentais para a formação humana. O autor afirma que o universo virtual já está arraigado na realidade cotidiana do adolescente, assim, os jovens se encontram “(...) numa situação em que permanecer no

universo virtual não seja mais uma opção, mas uma constante, uma necessidade sem a qual ficaríamos isolados, desorientados e alheios à realidade paralela que o *universo virtual* promove”. Além disso, o jovem com a efervescência de estímulos se “(...) dessensibiliza quanto a outras formas de contato com a realidade, como a ‘material-concreta’ e a ‘social-presencial’, fazendo dessas, algo muito menos atrativo, inclusive” (Oliveira, 2020, p. 126).

A relação estabelecida pelos jovens com as tecnologias digitais influencia a construção de sua cultura, a orientação de sua conduta e até mesmo sua personalidade. Ademais, essa geração de adolescentes tem apresentado um comportamento cognitivo diferente das anteriores, demonstrando formas distintas de aprendizado e de disseminação de conhecimento (Bortolazzo, 2012; Martins, 2015). Oliveira (2020) pontua que os adolescentes da geração atual apresentam uma distinção no modo de apropriação dos conhecimentos historicamente acumulados, bem como de interação com o mundo e com as pessoas que os cercam. Em consequência, os processos comunicativos e cognitivos sofrem alteração, fazendo com que eles não se apropriem dos conteúdos da mesma forma que as gerações anteriores:

Assim, as novas tecnologias digitais, com seus múltiplos recursos, comunicação instantânea, acesso ilimitado à informação e estímulos que são um verdadeiro show aos mais variados sentidos, geram impactos significativos sobre as funções psicológicas superiores – como percepção, atenção, memória, motivação, aprendizagem, inteligência, consciência e outras –, principalmente em crianças e adolescentes (...) (Oliveira, 2020, p. 14).

Os processos psíquicos vêm sofrendo um desenvolvimento distinto na sociedade virtual, principalmente impulsionados pela velocidade das informações e das redes de comunicação, gerando impactos na constituição das funções psicológicas superiores dos adolescentes. Bortolazzo (2012) afirma que o uso constante das tecnologias digitais tem contribuído para a formação de adolescentes com processos intelectuais superficiais, produzindo sujeitos despreparados para pensar de forma profunda e consistente, levando a visões de mundo simplistas e sem criticidade. Diante da torrente informacional com as mais variadas temáticas, mas sempre com textos curtos e conteúdos rasos e pontuais, o jovem não tem a possibilidade de consumir um real conhecimento para agregar na sua constituição, “as novas gerações não estão sendo preparadas para transformar, pela via da *objetivação*, esse conjunto de informações e recursos em verdadeiro conhecimento, o que tem gerado problemas (...)” (Oliveira, 2020, p. 127).

As tecnologias digitais modificam a forma de pensar, de se expressar e agir dos adolescentes, influenciando a constituição da consciência dos mesmos, seja da consciência compreendida enquanto função psicológica superior ou aquela entendida pelo senso comum como virtude de caráter e responsabilidade social. Além disso, outros conceitos fundamentais têm sido diminuídos nos adolescentes, como “a reflexão, a capacidade de análise, a ponderação dos contrários, a percepção do contraditório, o aprofundamento teórico e demais aspectos ligados à paciência, à atenção concentrada, ao autocontrole do comportamento” (Oliveira, 2020, p. 224).

Como apontado na seção anterior, em uma sociedade capitalista na qual o consumo de bens é extremamente valorizado, a mercadoria tem um papel central para alimentar o mercado. Dessa forma, é colocada em papel sedutor, demandando cada vez mais a produção de novas mercadorias, formando um processo de retroalimentação constante tanto no sistema produtivo como no mercado consumista, de modo a ocultar suas reais contradições. Inseridos nesse contexto, os adolescentes crescem permeados pelos ideais neoliberais, tornando uma fonte de capitalização, e recebendo o discurso que suas conquistas e valorização são representadas fundamentalmente por bens mercadológicos. Nesse sentido, a adolescência acaba sendo transpassada pela instantaneidade, individualidade, consumismo originários das ideologias capitalistas que objetivam naturalizar as relações opressivas e exploratórias do modo de produção e das relações humanas que são deformadas nesse processo.

Então, essa mudança significativa referente ao lugar social da adolescência ocorre influenciada pelos novos moldes sociais neoliberais, com ênfase no mercado de consumo, sobretudo no que tange a tecnologia e as mudanças nos padrões sociais e culturais, colocando a juventude e sua cultura enquanto um produto a ser consumido, um estilo de vida a ser conquistado. Assim, a adolescência passa então a ser mercantilizada para atender as demandas do capital (Frota, 2007).

(...) na cultura atual, presenciamos a idealização de uma *juventude adolescente*, de modo que a adolescência hoje ocupa o lugar de ideal cultural, não só pelo fato de levar os sujeitos a quererem permanecer nela como também pelo fato de ditar tendências culturais, mercadológicas e de lazer. Assim, imagens e insígnias adolescentes são objetos mercadológicos vendidos como aquilo que é desejado por todos e são elevados à categoria de modelo identificatório para pessoas pertencentes a diferentes faixas etárias, configurando um estilo que influencia modos de vida e alternativas existenciais (Rocha & Garcia, 2008, pp. 623-624., grifo meu).

Como apresentam Rocha e Garcia (2008), a adolescência tem sido colocada na categoria de produto, sendo investido um grande valor de consumo e eleita como modelo ideal de vida. A indústria enaltece cada vez mais os valores e estilos da juventude, e o capital faz disso uma estratégia comercial para exercer o máximo de lucratividade da “idade do momento”, fazendo dos adolescentes uma poderosa rede de potenciais consumidores, criando constantemente novas necessidades em forma de produtos e serviços, disseminadas facilmente pelos grupos de jovens, principalmente com os recursos tecnológicos de comunicação, “(...) em função do tempo disponível, da rede de amizades e das investidas de um mercado insaciável, a adolescência se transformou, ao lado da infância, em uma das faixas- etárias mais propensas ao consumismo (...)” (Oliveira, 2020, p. 117). Além disso, tudo relacionado à cultura juvenil também se torna comercializável e passa a atingir o público geral, que almeja alcançar esse estilo de vida tão idealizado. Isso porque a adolescência contemporânea tem sido generalizada e propagada socialmente como se representasse “a tradição libertária que, associada à multiplicidade de experiências, informações e possibilidades de consumo, confunde-se hoje com a fantasia de um gozo sem limites (...) a possibilidade de realizar novas escolhas, ainda sem as responsabilidades do mundo adulto” (Rocha & Garcia, 2008, p. 629).

Sabemos que a adolescência assume um lugar de ideal social, sendo assim, fica penoso sair desse lugar tão almejado. Torna-se difícil “envelhecer” e entrar na categoria de adulto quando todas as aspirações sociais se voltam para a juventude e sua cultura tradicionalmente estabelecida. Entretanto, uma grande parcela dos adolescentes da classe trabalhadora precisa se inserir no mercado de trabalho para garantir sua subsistência, enfrentando a duras penas as contradições do capital, principalmente a saturação do mercado de trabalho formal e a exigência de mão de obra altamente qualificada, que acabam levando-os, muitas vezes, a assumir trabalhos informais, precarizados e com baixa remuneração (Frota, 2007; Oliveira, 2020). Nos dizeres de Booth (2013),

The Economist reconhece a crise como sendo um fator deste alto desemprego juvenil, mas novamente aponta para “os problemas do lado da oferta”, reclamando acerca do “descompasso entre as habilidades que a juventude oferece e as habilidades que os empregadores necessitam”. Mas a pergunta deve ser feita: quem está fornecendo treinamento? Que governos estão aumentando os fundos para a educação? E que problemas existem em termos de ‘flexibilização do trabalho’? (p. 14).

Diante dos entraves sociais e econômicos da sociedade contemporânea, é possível dizer que de fato “crescer” e lidar com as responsabilidades impostas à vida adulta nessa organização social, fica cada vez mais penoso, como retrata Oliveira (2020):

(...) oneroso e até nocivo para muitos adolescentes, que preferem permanecer no universo *virtual*, computacional e potencial, ou seja, em uma *realidade virtual* e paralela, do que assumir os riscos do desemprego, do altíssimo custo de vida e das inúmeras possibilidades de frustração que as exigências capitalistas promovem (p. 94).

Com a sociedade neoliberal, o foco no mercado e no consumo aliado ao crescimento das questões tecnológicas, mudanças do padrão social e cultural das massas, os adolescentes encontram-se em um lugar social que acentua sua vulnerabilidade. Assim, podemos dizer que no momento atual ser jovem tem se tornado uma tarefa árdua, incerta e angustiante, ainda mais do que em outros momentos do capitalismo financeiro. Isso porque eles têm sofrido grandes exigências com respaldos ínfimos. Precisam dar conta das demandas sociais de inserção no mercado de trabalho, competitividade, formações, especializações, mudanças sociais constantes, relacionamentos, orientação e exercício da sexualidade, consumo, surgimento de novas necessidades; todos esses fatores somados ao distanciamento cada vez mais acentuado dos adultos de referência, pois estes precisam enfrentar as demandas do mundo do trabalho. Todas essas questões têm transformado a adolescência em uma indústria de adoecimento psíquico, produzindo pressões, frustrações, ansiedades e estresses (Oliveira, 2020; Rocha & Garcia, 2008).

De forma alarmante, a sociedade moderna tem mostrado uma juventude cada vez mais adoecida e com grande vulnerabilidade psíquica, surgindo frequentemente nas queixas escolares demandas referentes a quadros depressivos, autolesão, ideações e tentativas de suicídio. Pesquisas da *Folha de São Paulo*, em sua versão digital publicada no ano de 2018, revelam que o índice de suicídio tem aumentado significativamente nas últimas décadas, principalmente entre crianças e adolescentes brasileiros, tendo no intervalo dos anos 2000 a 2015 um aumento de 65% entre pessoas de 10 a 14 anos, e 45% em sujeitos de 15 a 19 anos. A autora da pesquisa pontua que atualmente os jovens têm sofrido grande pressão social e familiar, e elenca algumas das questões que têm favorecido o aumento do sofrimento psíquico dos mesmos:

(...) escolha da carreira e por um bom desempenho escolar como conflitos que surgem nesta idade e podem funcionar como agravantes. Além disso, as redes sociais, em muitos

casos, podem passar a impressão de que todos estão felizes e, assim, contribuir para aumentar a angústia dos jovens. (Estarque, 2018, n.p).

Assim, o cenário social moderno, com as crescentes contradições do capital, os discursos competitivos e meritocratas, a fragilidade relacional, corrida para o acúmulo de bens, consumo exacerbado e a virtualização da vida que orientam o comportamento e relacionamento dos sujeitos têm causado graves crises psíquicas e entraves no desenvolvimento dos adolescentes contemporâneos.

A adolescência tem se constituído histórica e dialeticamente sendo tanto uma produção como um produto humano. Nesse sentido, a partir da análise do tópico anterior, é notório que no processo histórico de desenvolvimento da cultura capitalista ocorra o movimento de favorecimento apenas da classe dominante, de forma a produzir uma valorização dos interesses individuais em detrimento dos interesses coletivos, possibilitando o desenvolvimento de uma adolescência atravessada por esses moldes e com características tais como as pontuadas por Oliveira (2020):

(...) individualista, consumista e competitivo do capital a mesma também passou a ser marcada por transformações, crises e questionamentos que se chocam diretamente com as bases materiais estabelecidas pela sociedade capitalista, expondo as severas contradições que se materializam na vida diária de grande parte desses jovens no último século ou mais [...] as características observadas no plano individual na adolescência nada mais são do que desdobramentos diretos das transformações geradas pelo capitalismo e suas ideologias na tentativa de justificar suas contradições (p. 64).

Até o momento, apresentamos que a Revolução Tecnológica se caracteriza por um fenômeno sócio-histórico da organização social capitalista, e da mesma forma vem provocando mudanças sociais, tecnológicas, geracionais, psíquicas e na constituição da adolescência. No decorrer do tópico foram expostas algumas transformações enfrentadas pelos adolescentes que nasceram em uma realidade em que a tecnologia está inserida em sua cotidianidade, acarretando adversidade em seu desenvolvimento. Cabe a nós pontuarmos que esses problemas enfrentados e as contradições sociais existentes não são originados pela tecnologia em si, uma vez que ela é uma produção humana. A grande problemática está no fato de os recursos tecnológicos terem sido criados na base social capitalista, e por isso buscam atender às necessidades do capital. Portanto, a produção dos recursos tecnológicos não será objetivada enquanto fonte de desenvolvimento e emancipação humana, justamente por isso que a virtualização da

adolescência tem produzido “alienação em massa, esmaecendo o potencial positivo dessas ferramentas e produzindo *tecnodependência*” (Oliveira, 2020, p. 148., grifo do autor).

3.3 Constituição da adolescência imbricada pelo fenômeno das redes sociais

Antes de dar início aos delineamentos referentes à constituição da adolescência contemporânea atravessada pela emergência das redes sociais, se faz importante apresentar como as tecnologias da informação e comunicação e o advento das redes sociais se desenvolvem na sociedade capitalista. Para tanto, cabe alguns resgates referentes aos artefatos tecnológicos já discutidos. O ambiente tecnológico digital se caracteriza como uma engrenagem fundamental que impulsiona o capitalismo do século XXI, ocasionando uma reorganização no modo de produzir e gerir a vida.

Para versar sobre o tema, partimos do princípio que as tecnologias da comunicação – entre elas as mídias sociais – são artefatos produzidos pelo homem dentro de uma organização societária capitalista com interesses de dominação, extração de mais valor, acúmulo de riquezas e exploração de uma classe pela outra, sendo objetivadas com vistas a atender aos interesses da sociedade em que estão inseridas. Portanto, a internet e as redes sociais não são neutras, mas sim pensadas e desenvolvidas com o objetivo final de gerar lucros e retroalimentar a sociedade capitalista.

Nesse cenário, temos um monopólio das empresas responsáveis pelas tecnologias digitais da informação e das redes sociais. A partir dos preceitos marxistas, a organização de um monopólio possibilita o acúmulo extra de lucro, originário da comercialização de uma mercadoria em que o preço está bem mais elevado que seu real valor. Os preços de monopólio que surgem nesse contexto destoam significativamente do valor contido nas mercadorias, possibilitando a extração de lucros superiores aos lucros médios dos setores econômicos dos quais existem concorrência (Marx, 1996).

Fenômeno semelhante ao descrito por Marx ocorre atualmente nos desdobramentos das mídias sociais, em que empresas como *Facebook* e *Google* atuam dominando esse mercado. A respeito das ferramentas de busca, o monopólio é dominado pelo *Google*, atingindo 91% das buscas realizadas pelo mundo. No seguimento das redes sociais, o *Facebook* lidera o setor com quase 70% do domínio. O poder de mercado das empresas do setor das mídias sociais tem atingido uma dimensão gigantesca, favorecendo seu monopólio por meio de suas plataformas tecnológicas, da mercadoria de dados digitais, ou seja, os dados pessoais e de navegação dos

usuários são comercializados no mercado publicitário, guiados por preços que estão bem mais elevados que seus valores (Marques, 2018).

Como expõe Avena (2018), a internet e as redes sociais estão a serviço do capitalismo, e não poderia ser de outra forma, pois foram desenvolvidas sob a égide dessa organização social. Para Souza (2020),

(...) a internet, muito distante de ser neutra, torna-se uma plataforma configurada pelo sistema de reprodução sociometabólica do capital. Ela centrifuga a negação e a afirmação da ordem, capitaneando em uma economia da atenção às informações disponibilizadas pelos internautas, rentabilizadas no bojo das trocas mercantis fetichizadas (...) (p. 113).

A massificação do acesso à internet e às mídias sociais trouxe consigo complexas formas de dominação e poder travestidas de discursos de emancipação humana, os quais objetivam mascarar as contradições presentes na forma de produzir e se relacionar. As plataformas digitais articulam a dominação e a alienação dos usuários em suas diversas dimensões, sejam econômicas, políticas, culturais, nas relações sociais, comerciais e de produção, adentrando até mesmo no processo de constituição da personalidade. As mídias sociais têm seguido uma função adaptativa e submissa às ordens do capital, apesar de apresentarem um externo com acesso livre e possibilidades de produção colaborativa, seu interior possui uma relação de colaboração com o *modus operandi* da classe dominante (Souza, 2020; Penteadó & Pinto, 2020).

Diante da complexidade que as mídias sociais adquirem na sociedade capitalista e seu potencial para serem inseridas nas diversas esferas da vida dos sujeitos, vamos apontar seus moldes na constituição da adolescência contemporânea. Para contrastar com o modo de vida atual, inserimos uma citação do texto de Bortolazzo (2012), na qual o autor apresenta a realidade dos adolescentes das gerações anteriores ao “*boom*” digital:

Nunca houve tempo igual. As geladeiras eram importadas. Os ventiladores, com suas grandes pás de metal, traziam perigo às crianças. Comia-se manteiga sem culpa e as refeições, raramente, ocorriam longe de casa. As fotografias ficavam prontas rapidinho, em torno de uma ou duas semanas, dependendo da demanda. Usava-se dinheiro vivo para pagar as contas e a televisão ainda mantinha status de aparelho de luxo. As notícias, em grande parte, veiculadas pelas rádios e através dos jornais impressos, constituíam os meios de comunicação mais acessíveis à população. Toda a casa, com um mínimo de recurso, tinha à disposição coleções de livros de referências, com destaque para os

volumes enciclopédicos, vendidos de porta em porta. A palavra “tecnologia” e suas variantes ainda não existiam e nem constavam no vocabulário geral (p. 2).

Percebendo a realidade das gerações anteriores, é comum que o jovem da atualidade se questione: como viviam antes sem acesso à internet? Sem as redes sociais e aplicativos de mensagens? Como encontravam pessoas e se comunicavam? Quais atividades de entretenimento utilizavam? São muitos questionamentos, pois o mundo sem a tecnologia parece algo utópico e inimaginável para eles, uma vez que já nasceram inseridos em uma sociedade repleta de aparatos tecnológicos.

O jovem contemporâneo, como apontamos anteriormente, nasce inserido em um mundo tecnológico e aprende a se relacionar mediado pelos instrumentos tecnológicos, ou seja, o desenvolvimento dos adolescentes dessa geração é influenciado significativamente por uma diversidade de estímulos proporcionados pelas novas tecnologias e pelas mídias digitais de informação, entre elas as redes sociais. À vista disso, no presente tópico buscamos expor como as redes sociais têm permeado o cotidiano e a forma de se relacionar dos adolescentes, e como isso vem modificando o desenvolvimento e a constituição destes enquanto sujeitos.

Com os avanços dos sistemas comunicacionais, ocorreu um crescimento significativo na produção e na variedade de conteúdos veiculados na sociedade. Em razão dessa produção crescente, a indústria capitalista percebeu nesse segmento uma fonte de obtenção e acúmulo de lucro por meio da criação de um ambiente virtual para o compartilhamento desses materiais digitais. Para atender a essa necessidade, foi desenvolvido um espaço virtual para compartilhar essa diversidade de produções comunicacionais, envolvendo vídeos, frases, textos, reflexões e imagens. Essa vitrine virtual é comumente conhecida como “redes sociais”. Enquanto um espaço de compartilhamento digital, elas apresentam uma infinidade de conteúdos, imagens audiovisuais e textos, e possuem um potencial gigantesco de alcance devido aos numerosos usuários que acessam e compartilham seus conteúdos, constituindo uma significativa ferramenta de influência social, seja nos comportamentos, opiniões, posicionamentos, decisões de compras, entre outros fatores que compõem a vida cotidiana do sujeito (Gevehr & Portal, 2019).

Há diferentes tipos de redes virtuais de relacionamento, cada qual com objetivo de atingir propósitos e público alvo específico. Apontaremos aqui as que estão em voga no momento: o *WhatsApp*, utilizado como ferramenta de contato rápido, por meio de mensagens instantâneas, conta também com chamadas de voz e vídeo e tem uma crescente utilização como ferramenta de trabalho. O *Facebook*, que busca a interação e a expansão de contatos. No

Instagram os usuários realizam compartilhamentos de fotos e vídeos, principalmente voltados para momentos vividos, estilo de vida, passeios, aquisições de bens e produtos, sendo uma rede muito utilizada para propagandas publicitárias. O *Twitter* é comumente utilizado pelos usuários para publicar pensamentos, sentimentos e posicionamentos referentes aos mais diversos assuntos. Existe também o *LinkedIn*, utilizado por pessoas e empresas para compartilhar seu perfil profissional (Santos, Mota & Silva, 2021).

Entre as redes citadas, o *Instagram* tem apresentado um grande crescimento, mesmo que seja uma das redes mais novas, criada no ano de 2010. De acordo com dados de uma investigação executada no ano de 2021 pelo site *Opinion Box*, o Brasil está em segundo lugar no *ranking* de usuários no *Instagram*, contando com 99 milhões de usuários, ficando atrás apenas dos Estados Unidos. Nessa pesquisa foram entrevistados usuários dessa rede para saber seus hábitos dentro da rede social, sendo apurado que 84% dos entrevistados utilizam a rede ao menos uma vez ao dia, além disso levantaram que o público que mais a utiliza está concentrado na faixa etária entre 16 e 29 anos, 56% desse público jovem afirmou entrar na rede várias vezes ao dia (D'angelo, 2021). Além disso, de acordo com uma matéria publicada pela *BBC News Brasil* no ano de 2017, o *Instagram* foi apontado como a rede social mais prejudicial para a saúde mental dos jovens, expondo que esse público está mais vulnerável para conteúdos referentes ao *cyberbullying*, comparações sociais e de imagem corporal.

Apesar das redes sociais citadas apresentarem como objetivo principal o relacionar-se, o fazer-se presente e a ideia de promover a proximidade humana, é válido reiterar que, como artefatos tecnológicos criados por empresas capitalistas, elas não estão a serviço da coletividade e sim do capital, apresentando objetivos contraditórios à emancipação humana.

Inseridos no cenário de virtualidade social, o adolescente habita diariamente o universo on-line e consome os mais variados materiais midiáticos, utilizando muitas vezes as redes sociais como uma extensão da própria realidade e individualidade. Além disso, as redes sociais não são utilizadas apenas como uma forma de acesso a dados digitais, mas também como uma rede de comunicação e interação social.

A cultura de informação e exibição em rede globalizada, comum na sociedade contemporânea, favoreceu a consolidação da comunicação virtual por meio dos *chats* de conversas e comunidades virtuais, que são aderidas facilmente pelos grupos de adolescentes, criando a ideia de uma ampliação da sociabilidade e da rede de amizade. As redes sociais enquanto ferramentas de relacionamento transformam-se em uma extensão do espaço cotidiano dos jovens, configurando-se como uma sociedade virtual, moldando-se à imagem do espaço social físico, apresentando realidades, problemáticas e contradições muito semelhantes da

sociedade, o que facilita o mergulho e a identificação do jovem com a realidade virtual (Gevehr & Portal, 2019; Spizzirri, 2008).

Os jovens têm transitado constantemente em experiências entre o real e o virtual, por exemplo, podem estar em um ambiente físico reunidos com amigos e interagindo com os que lá estão e, ao mesmo tempo, conectados nas redes sociais e aplicativos de mensagens interagindo com os que se fazem presente virtualmente. Essas experiências proporcionam cada vez mais um relacionar-se individualizado, não permitindo que os sujeitos se constituam enquanto uma coletividade – movimento esse bastante interessante para as ambições do capital, pois ao produzir jovens com interesses descolados do coletivo, maiores são as chances de se tornarem trabalhadores dóceis e manipuláveis.

As TICs também se tornaram engrenagens privilegiadas da fábrica do sujeito neoliberal. Isso porque ao incentivar o individualismo (cada um e seu dispositivo móvel, com seu perfil único, em smartphones utilizados como uma extensão do próprio corpo material) as plataformas digitais levam os sujeitos a se comportarem como um capital em todas as dimensões de sua vida. Sustentada por uma gramática neoliberal de liberdade de trocas mercantis com base no capitalismo financeiro turbinado em rede, todos se tornam entes privados mercantilizando suas vidas, ideias e atividades laborais (...) (Souza, 2020, n.p).

Outra questão vigente na sociedade moderna e impulsionada pelas redes sociais é a necessidade do jovem de ser visto, de compartilhar diversos conteúdos e grande parte de sua vida cotidiana. Como aponta Bauman (2011), existe hoje na cultura contemporânea a “prova da existência”, que basicamente pode ser traduzida pelas frases difundidas no senso comum, “Sou visto, logo existo” ou “quem não é visto, não é lembrado”. O adolescente tem muito forte a ideia de que precisa ser visto para realmente existir no mundo, ser “alguém”; e a maneira mais eficaz de conseguir o feito de estar presente constantemente é a partir das redes sociais. Quanto mais as pessoas visualizam, comentam, curtem e compartilham, mais pertencentes e convencidos de que são importantes e realmente existem no mundo os jovens se sentem. Isso é algo tão importante na sociedade atual que os sujeitos que não possuem contas nas mídias sociais são vistos como de “outro mundo”, tristes e reclusos.

Essa cultura da exibição e do compartilhamento tem criado a possibilidade do sujeito se transformar em uma celebridade, adquirindo fama e reconhecimento social a partir da exposição da sua vida pessoal, o que atualmente tem sido denominado de “*digital influencer*”. Esse *digital influencer*, por meio do compartilhamento de sua rotina diária, promove marcas e produtos para

os consumidores da sua rede. Esse tem sido um dos atuais campos de satisfação de desejo do público adolescente.

Spizzirri (2008) aborda que é possível observar o imperativo social de que todos devem se apresentar sempre felizes e bem sucedidos, onde não há espaço para o fracasso e para sentimentos categorizados como negativos, como tristeza e frustração. Esses sentimentos comuns a todos seres humanos são rechaçados e quem ousa os demonstrar assume o risco de lidar com a culpa e o sentimento de inadequação. Uma vez que, no movimento culpabilizador, meritocrático e individualista promovido pela sociedade capitalista, o sujeito é o único responsável pela manutenção da sua felicidade e qualidade de vida, logo se não está bem a responsabilidade é exclusivamente dele, que não se esforçou o bastante para conquistar a tão almejada felicidade e o lugar de sucesso.

Esse discurso oculta as contradições sociais e exclui da análise os determinantes sociais que atravessam a vida dos sujeitos. Diante dessa demanda social, os jovens diariamente exibem em seus espaços virtuais conteúdos que representam grande satisfação e felicidade, ou seja, realizam um recorte de sua vida mostrando apenas os aspectos atrativos e invejáveis, excluindo as partes que socialmente são consideradas negativas ou desinteressantes.

Assim, os conteúdos expostos nas redes sociais representam uma realidade ilusória, uma tentativa de adequar-se às imposições de uma sociedade opressiva. A luta constante pela adequação tem promovido novas formas de subjetivação nos adolescentes. Além disso, o modo de vida moderno tem sido fonte de grande sofrimento devido às exigências sociais que os imputa.

(...) todas essas mudanças têm cobrado um alto preço quanto à autoestima e ao nível intelectual dos adolescentes, baseados agora, em grande medida, na aprovação *virtual* dos “likes”, na formação de uma consciência social e política muitas vezes forjada a partir de *fake news* e em informações adquiridas consideravelmente por meio de *memes*, “bolhas virtuais” e *digital influencers*, os quais se utilizam muito mais do senso comum, do sarcasmo e da opinião pura e simples sobre os fatos do que propriamente do conhecimento sistematizado/científico para explicar a realidade. O resultado é uma alienação em massa dos chamados *nativos digitais* (Oliveira, 2020, p. 111., grifos do autor).

É possível perceber que na atualidade tem uma infinidade de conteúdos na internet, e por se constituir como um ambiente teoricamente “livre” para que qualquer um possa postar, todo sujeito acaba sendo um veiculador de informações, sejam elas verdadeiras ou falsas, com

ou sem critério, sejam conteúdos científicos ou baseados em opiniões particulares e “achismos”. Tem-se muitos conteúdos, mas nem sempre são de qualidade e fidedignidade. Como aborda Oliveira (2020), a realidade da contemporaneidade é que mesmo com um fluxo contínuo de informações, devido à falta de critério de muitas delas, é possível que a sociedade se encontre mais desinformada que antes.

Nesse período da adolescência, com a particularidade da autoafirmação, o adolescente começa a dar uma importância significativa para sua aparência externa, percebendo sua nova forma física. Em razão do movimento de comparações sociais podem surgir algumas angústias e insatisfações, isso porque seus atributos são valorizados a partir do estereótipo social. Fragilizados com essa demanda, os adolescentes acabam se tornando vítimas da exposição de corpos perfeitos que as mídias sociais apresentam. Como observa Souza (2019), a ostentação de corpos “ideais” ocorre com maior facilidade devido ao rápido acesso às redes sociais, expondo a todo momento os influenciadores com corpos magros e sarados. Nesse processo, os adolescentes com a autoavaliação ainda em desenvolvimento acabam sendo mais afetados por essa validação, ficando sujeitos a uma constante sensação de insatisfação.

Tal sensação ocorre porque as redes sociais, enquanto vitrine de coisas belas, expõem a vida das pessoas como se fossem anúncios publicitários. Os jovens recebem em seus celulares imagens irrealistas de um estilo de vida e um estereótipo de beleza que se faz inalcançável, pois, aquilo que se vê no ambiente virtual na maioria das vezes não corresponde à realidade concreta. Campos, Faria e Sartori (2019) assinalam que o anseio por alcançar o corpo ideal veiculado pela mídia tem feito com que jovens busquem por dietas restritivas, atividades físicas sem o devido acompanhamento, realização de procedimentos estéticos ou até mesmo cirurgias mais abrasivas para chegar ao tão almejado modelo de beleza.

Segundo a entrevista da psicóloga Tamara Macedo para a PUC-SP, as redes sociais têm causado impactos negativos na construção da autoimagem dos jovens, que estão mais suscetíveis às comparações com os influenciadores digitais. Ela aponta também a dependência dos mesmos aos filtros do *Instagram*, que alteram significativamente a aparência, padronizando o formato dos olhos, boca, nariz, aspecto da pele, refletindo a insegurança crescente do público juvenil com sua aparência física em apresentá-la em sua forma real (Raciunas & Farzato, 2021). Indo ao encontro disso, Silva (2019) afirma que atualmente tem-se venerado uma fantasia de máscaras padronizadas e culto à vida e ao corpo perfeitos, fazendo com que os jovens apresentem uma distorção da própria vida e de si mesmos.

A questão central é que o jovem da era virtual vive exposto a constantes estímulos que favorecem a criação de idealizações referentes ao padrão corporal impecável, mesmo que este

não seja real e alcançável, ele se torna objeto de desejo do adolescente. A discrepância entre sua aparência real e a virtual almejada passa a gerar insatisfação, uma vez que se percebe diminuído e com dificuldade de se encaixar na realidade utópica exposta nas redes sociais. Dessa forma, podem passar a atribuir um baixo valor sobre si, o que irá impactar no desenvolvimento de uma autoavaliação positiva, além da possibilidade de gerar uma luta contínua para que atinja esse padrão pré-estabelecido, ocasionando diversos desgastes psíquicos.

O adolescente passa a dar grande importância para as validações exteriores, sendo fundamental para seu bem-estar psíquico que as pessoas ao seu redor valorem positivamente seus atributos, conquistas e possibilidades, justamente por isso almejam mostrar sempre seu melhor lado, em busca da aprovação social. Nesse sentido, como tem sido constituída essa valorização em tempos de redes sociais? Como os jovens buscam a aprovação na atualidade? Anteriormente, esse processo de validação social ocorria apenas com pessoas próximas ao adolescente com quem ele socializava, dividia momentos e vivências, pessoas provavelmente com realidades semelhantes à dele. Entretanto, com as redes sociais, esse processo se tornou ampliado, deixando de abranger apenas a proximidade, e tomando uma escala gigantesca, pois é possível se socializar virtualmente com qualquer pessoa do mundo. A validação das impressões, que antes ocorria de forma presencial por meio de conversas, comportamentos e condutas, assume um formato virtual, ganhando também maior força e velocidade.

De acordo com Souza (2019), hoje em dia tudo é publicável – fotos, vídeos, *status* –, a presença da instantaneidade e exposição faz com que as reações a essas publicações sejam maximizadas, inclusive as de aprovação e reprovação. As pessoas que têm seus conteúdos bem aceitos e validados enquanto interessantes atingem ‘curtidas’, interações e ganham seguidores; aqueles que não seguem os modelos valorizados são criticados, excluídos, recebem comentários negativos, maldosos e perdem seguidores. Há, então, a validação social por meio da popularidade que o jovem adquire nas redes, do quão engajado ele é e de quanto se assemelha àquele ‘influencer’ de referência. O jovem precisa da aprovação de pessoas com as quais não se relaciona frequentemente, ou que talvez nunca sequer tenha conhecido pessoalmente, para dizer que ele é alguém com valor positivo. A não valorização nas redes faz com que o mesmo comece a ter pensamentos depreciativos em relação a si e às suas potencialidades.

Outro ponto é que a forma de consumir conteúdos se modifica junto das demandas sociais, que exigem altos índices de atratividade em um curto período de tempo. Tão logo os sujeitos passam a priorizar materiais, sejam audiovisuais ou textos curtos e simplificados, que não promovem discussões profundas e complexas. Isso porque a sociedade exige cada vez mais

velocidade e superficialidade. Materiais elaborados fora desse padrão são parcamente visualizáveis, conseqüentemente se tornam pouco veiculadas e atingem um grupo restrito de pessoas. Muitas vezes o conteúdo se torna relevante e tido como verdade (independentemente de ser ou não) de acordo com a pessoa que o está compartilhando. Atualmente o conteúdo produzido por famosos e *influencers* da internet tem mais valor do que produzido por especialistas formados no assunto, o que se faz relevante não é seu conhecimento, mas seu poder de visibilidade (Gevehr & Portal, 2019; Oliveira, 2020).

Compactuando com a questão, Souza (2020) aponta que o fenômeno atual das “*fake news*” (disseminação de notícias e/ou informações falsas nos veículos de comunicação digital) ganhou um novo delineamento com a rapidez dos canais digitais, aliado à onda de rejeição de conhecimento crítico e científico da realidade social, que tem feito com que as redes sociais, ao invés de ampliarem a comunicação e o acesso à informação, venham se tornando um espaço de repercussão de informação vazias, com conteúdos acrílicos e que contribuem para a alienação social. Esse fenômeno faz parte da busca hegemônica do capital para disseminar conteúdos e informações com a intenção de aumentar cada vez mais seu domínio social.

O conceito de hegemonia expressa a busca pelo consenso capitaneada por um bloco histórico dominante que exerce seu poder não apenas pelo domínio material e econômico, mas também pela direção moral e intelectual da sociedade. O objetivo da hegemonia é cimentar as ideias particulares e práticas opressoras da classe materialmente dominante no todo social. Produzindo uma aliança das forças existentes, o que lhe exige, em certa medida, aceitar certas concessões, a hegemonia pode ser entendida como o próprio exercício e manutenção do poder. Como vimos, a capilaridade desse projeto ganhou uma projeção ampliada no território digital (Souza, 2020, n.p).

As empresas que detêm o monopólio da comunicação e informação organizam a distribuição e circulação de valores e costumes, conquistando espaço entre as maiorias sociais, valendo-se de diversos aparelhos privados hegemônicos em um dado contexto histórico. Entretanto, mesmo que a hegemonia se torne o senso da realidade para a grande maioria das pessoas, ao ser praticada sem questionamento, ela jamais será total e imutável, uma vez que terá contradições em seu interior. A dinâmica hegemônica e sua necessidade de ser constantemente retroalimentada possibilita a classe trabalhadora questionar os sentidos produzidos por ela e desenvolver uma visão de mundo contrária à imposta (Souza, 2020).

Para que os adolescentes se desenvolvam nesse meio mediado pelas redes sociais, percebendo as contradições existentes transpostas do mundo material para o virtual e tendo

experiências significativas e saudáveis que irão impulsionar seu processo de constituição, é necessário que sejam instrumentalizados para fazer o uso mais adequado possível da ferramenta. É preciso também um direcionamento com vistas a possibilitar que tenham subsídios para analisar e discutir criticamente os conteúdos que acessam e disseminam, pois, caso contrário, se tornarão apenas reprodutores alienados dos interesses hegemônicos.

Inseridos nessa realidade, os adolescentes, enquanto sujeitos em desenvolvimento, encontram-se em grande vulnerabilidade social, uma vez que os conteúdos e os modelos sociais aos quais têm acesso são mediados pelas mídias sociais que geram materiais pobres, que não agregam valor ou até mesmo atrapalham esse processo de desenvolvimento psíquico no qual se encontram. Eles ainda não apresentam as condições necessárias para articular e separar os conteúdos, acabam construindo modelos estereotipados de comportamentos e consumindo conteúdos alienantes, que posteriormente vão influenciar na sua visão de mundo e sociedade (Frota, 2007).

Ainda sem a devida criticidade, o adolescente, ao navegar pela rede, acaba selecionando materiais midiáticos superficiais ou apenas de entretenimento. A internet enquanto geradora de infinitos dados – sendo a grande parte deles produzidos pelos próprios usuários, pelos sites que acessam – acaba gerando um banco de dados para o usuário, que origina seus próprios hábitos e gostos de consumo na rede. O conteúdo que chegará até ele será sempre pautado nesse banco construído pelos seus acessos e interações. Assim, o adolescente vai se encontrar na mesma bolha, pois serão regularmente servidos elementos daquele mesmo nicho, dificultando imensamente sua evolução, desenvolvimento de novos gostos e percepções (Gevehr & Portal, 2019).

Como já pontuado, esses bancos de dados fazem parte da mercantilização dos dados pessoais e de navegação, construídos pelas empresas que detêm o monopólio das tecnologias da informação com vistas a produzir lucros a partir do vasto potencial de consumo que os usuários das redes sociais representam. Para mascarar essa objetividade inicial, valem-se do discurso que os algoritmos são programados, não sendo possível prever como se “comportariam” na interação indivíduo rede-social. No entanto, como aponta Nunes (2020), os algoritmos são opiniões e objetivos dos próprios programadores transformados em códigos, logo, não possuem neutralidade.

As redes sociais se caracterizam enquanto uma ferramenta poderosa de disseminação de conteúdo em um curto período de tempo. E é justamente por isso que comumente são utilizadas como mecanismos publicitários, fazendo o movimento de criar diversas necessidades nos sujeitos que antes eram inexistentes, mostrando-as como indispensáveis para uma

sobrevivência plena e feliz. A partir do acesso às redes sociais, o jovem se conecta com as tendências do momento, com os tópicos mais falados, as músicas mais ouvidas, os itens de moda, de destaque, todas as escolhas indispensáveis e mais desejáveis do momento. Tudo isso posteriormente se tornará um desejo e conseqüentemente um produto a ser consumido por esse público, ou seja, desenvolve no público adolescente o fetiche pela mercadoria. Nesse sentido, Oliveira (2020) ressalta:

(...) o formidável poder que os meios de comunicação de massa exercem sobre a imaginação popular, coletiva e individual. Imagens poderosas, ‘mais reais que a realidade’, em telas ubíquas estabelecem os padrões da realidade e de sua avaliação, e também a necessidade de tornar mais palatável a realidade “vivida”. A vida desejada tende a ser a vida ‘vista na TV’. A vida na telinha diminui e tira o charme da vida vivida: é a vida vivida que parece irreal, e continuará a parecer irreal enquanto não for remodelada na forma de imagens que possam aparecer na tela. (p. 81)

Novamente, ainda sem condições de perceber a alienação em massa que o capital produz com as novas ferramentas tecnológicas, o adolescente se encontra em um lugar de vulnerabilidade, enfrentando grande sofrimento em virtude das contradições sociais com as quais se depara, entre seu desejo e suas reais possibilidades. Nesse processo de atrelar a felicidade ao consumo e a busca pelo recorte de vida perfeita exposta nas redes, a sociedade vai moldando cada vez mais adolescentes frustrados e em sofrimento por se sentirem incapazes de atingir o ideal almejado.

Palfrey e Gasser (2011), em suas pesquisas sobre os nascidos na era digital, apontam que com o advento da internet e das redes sociais, crescem nos adolescentes transformações que os auxiliam construir e administrar a própria personalidade e a forma com a qual se apresentam em sociedade. Os autores afirmam que existe uma grande diferença na formação da personalidade entre os adolescentes contemporâneos e as gerações anteriores à era digital, isso porque a atual experimenta diferentes modos de expressão, uma infinidade maior de estímulos em um curto período de tempo, além das exigências sociais para a constante reinvenção a fim de que não fiquem fora das tendências. Os jovens da era digital experienciam aspectos diferentes do desenvolvimento de sua personalidade, tanto dentro como fora das redes.

A instabilidade do cenário social também gera conseqüências para a construção da personalidade, uma vez que exige que o adolescente mude constantemente seus gostos e a forma com a qual se apresenta socialmente para evitar ser excluído, algo que amedronta constantemente o público juvenil. Na rotina de ficar várias horas em rede, os jovens adquirem

cada vez mais facilidade de recriar suas individualidades com poucos cliques, essa facilidade representa quão frágil é essa formação. As mudanças frequentes geram instabilidade e insegurança no adolescente, pois torna-se impossível criar uma personalidade estável quando se tem que transitar de acordo com a moda vigente. Cada vez mais o adolescente está fragmentado entre o que expressa e vivencia no seu espaço real e como se apresenta e diz sobre si no virtual. Além disso, ele vai sendo moldado não apenas por suas escolhas e gostos pessoais, mas pelo grupo real e principalmente virtual em que se insere (Palfrey & Gasser, 2011).

As tecnologias digitais, o crescimento das redes sociais juntamente com outras transformações promovidas pelo capitalismo moderno, modificou a constituição da adolescência e a forma com que se relaciona, cria vínculos e apreende o mundo ao seu redor. A infinidade de estímulos produzidos pelas novas tecnologias é atrativa e sedutora, principalmente o nicho do entretenimento e consumo, o que pode ser desastroso para os adolescentes, pois enquanto sujeitos em formação, muitas vezes não estão preparados cognitivamente e afetivamente para lidar com esse universo e suas influências, podendo provocar dificuldades para desenvolver habilidades sociais de forma presencial e prejuízo na formação de vínculos afetivos duradouros (Oliveira, 2020).

Em suma, a juventude moderna tem diversos desafios a serem enfrentados. Em razão da instabilidade e das contradições sociais, devem estar sempre aptos e prontos para a reinvenção, expor seu melhor lado na vitrine das redes virtuais, enaltecendo sempre seus aspectos superficiais e mostrando uma individualidade comum a todos, para que não fujam das normas estabelecidas. Perante essas circunstâncias, originam-se novos hábitos de consumo, comunicação e sociabilidade entre os jovens. Esses distintos arranjos sociais vêm implicando em um maior descontentamento e um conseqüente aumento do adoecimento psíquico desse grupo social.

Analisando a constituição da adolescência dentro de uma sociedade capitalista tecnológica, é possível perceber que “os estranhamentos potencializados pelas plataformas digitais distanciam-se do controle social e coletivo do uso das mídias para a emancipação (...)” (Souza, 2020), uma vez que a internet tem colaborado com a reestruturação do sistema capitalista, auxiliando na produção do discurso de autonomia dos indivíduos. Mas, na verdade, representa apenas uma nova forma de gerenciamento do modo de produção e do mundo do trabalho. Além da mercantilização dos dados pessoais e de navegação, promove também a aceleração informacional, elemento esse que tem ampliado a alienação das massas e da juventude, enevoando o debate da realidade social, política e econômica, e abrindo espaços para

discursos violentos e opressivos, a exemplo do que vimos ocorrer nas eleições presidenciais de 2018.

É fundamental evidenciar que apontar o desenvolvimento das novas tecnologias da comunicação como a fonte dos problemas e das contradições sociais é uma análise reducionista de um problema que é muito mais amplo e tem origem social e histórica. As plataformas das mídias sociais, como falamos, estão respondendo aos interesses sociais e econômicos do sistema capitalista, de modo com que nossa análise e crítica não deve ser voltada fundamentalmente para os artefatos midiáticos, mas sim para o sistema econômico que os gesta. Isso porque as contradições já existiam dentro da sociedade capitalista antes do desenvolvimento das mídias sociais, o que elas proporcionam é uma reestruturação do capital e do modo de produção e comunicação, além de uma disseminação em massa muito mais veloz.

Em última análise, como pontuam Grohmann e Wolffenbuttel (2020), buscar uma internet socialmente positiva não se caracteriza apenas por acabar com o monopólio empresarial, estabelecendo maior concorrência, tampouco frear a mercantilização dos dados. Para a construção de uma internet com fins à emancipação humana é necessário retornar às suas origens, enquanto uma tecnologia de pesquisa e financiamento público, a fim de restituir a sua estrutura não comercial, em que as empresas públicas mantêm sua guarda e as pessoas possam colaborar de forma coletiva e sem objetivos comerciais e lucrativos em prol das novas ferramentas digitais. Entretanto, para que essa mudança aconteça é necessária também uma transformação na estrutura política e econômica da sociedade.

SEÇÃO 4- IMPLICAÇÃO DO FENÔMENO DAS REDES SOCIAIS PARA O DESENVOLVIMENTO DA AUTOVALORAÇÃO DO ADOLESCENTE

Nesta última seção, por meio da análise e síntese dos conteúdos abordados no decorrer da dissertação, nos direcionamos para responder a indagação alusiva às implicações do fenômeno das redes sociais para a construção da autovaloração do adolescente, bem como quais podem ser as consequências para o desenvolvimento pleno da sua personalidade. Para tanto, iniciamos realizando um breve resgate de alguns pontos fundamentais discutidos até o momento.

Ao pensar na forma com a qual os adolescentes se relacionam e se apropriam dos conteúdos produzidos pelas redes sociais, partimos do princípio de que, como apontado na seção anterior, estas são meios de comunicação e informação desenvolvidos dentro da sociedade capitalista, portanto, não são neutras, mas moldadas para atender aos interesses da classe dominante e retroalimentar o sistema econômico vigente.

Já mencionamos que o período da adolescência se caracteriza por uma etapa essencial para o desenvolvimento humano, pois é o momento em que ocorrem diversas mudanças significativas, a exemplo do surgimento de novas particularidades psíquicas que abrem espaço para a construção de novos interesses, distintos da vida infantil. Além disso, o sujeito desenvolve uma diversidade de concepções sobre si, sobre a sociedade e sobre as pessoas que o cercam, justamente por isso a adolescência ocupa um lugar basilar no processo de formação da personalidade humana.

Outro ponto bastante frisado é o caráter sócio-histórico da adolescência, tida como um período do desenvolvimento humano forjado pelas necessidades sociais de um dado momento histórico. Portanto, não se caracteriza por um período natural e biológico, que sofre alteração de acordo com o movimento social e cultural. Frente a isso, nesta seção buscamos analisar a constituição do adolescente contemporâneo a partir dos fenômenos sociais vigentes, entre eles as redes sociais. Assim, a análise parte do princípio de que a construção da autovaloração desses jovens recebe influências sociais significativas dos seus hábitos de uso das redes sociais e de conteúdos que recebem.

Consideramos pertinente retomar de forma sintética o conceito de autovaloração já apresentado na segunda seção. A autovaloração é uma síntese superior do processo de desenvolvimento do adolescente, possibilitada por meio do pensamento por conceitos e tendo uma relação dialética no desenvolvimento da personalidade do adolescente, visto que passa ter a possibilidade de valorar suas forças e possibilidades, de autoavaliar-se com criticidade, tendo

a percepção das atividades que é capaz de realizar, estando presente nos seus atos de conduta e no controle da mesma. Quando orientado pela autoavaliação, o adolescente tem a capacidade de avaliar suas qualidades, potencialidades, sua conduta e atividades, o que se constitui como fundamental para a formação da sua personalidade.

A autoavaliação se constrói por meio da interação com o ambiente sociocultural e com as relações que o sujeito estabelece com as pessoas com as quais socializa, sendo, portanto, influenciada pelo momento histórico e cultural em que o jovem está inserido, indo ao encontro do princípio de que sua construção vai ser influenciada pelo movimento da virtualização social.

Com o objetivo de abordar o conteúdo referente a forma com a qual os adolescentes contemporâneos se desenvolvem e se relacionam com as redes sociais, utilizamos os estudos da filósofa húngara Agnes Heller (1991; 2016) sobre a vida cotidiana, e os estudos de Rössler (2004) sobre e o desenvolvimento do psiquismo cotidiano. Heller divide a vida social em dois planos, a vida cotidiana e as esferas não cotidianas da atividade social humana, tendo este último sua origem histórica no primeiro e sua existência significa que a sociedade já atingiu um certo grau de desenvolvimento. A vida cotidiana se desenvolve por meio de três formas de objetivações do gênero humano (também apresentadas como objetivações genéricas em-si), são elas: a linguagem, os objetos que podem ser utensílios e instrumentos e os usos e costumes de uma determinada sociedade. E o âmbito não-cotidiano do homem, que se caracteriza pelas objetivações superiores (expostas como objetivações genéricas para-si), mais complexas, abrangendo os conhecimentos científicos, a arte, a filosofia, a moral e a política de uma dada sociedade.

Essas esferas da vida social humana apresentam objetivações qualitativamente distintas, que se encontram em um processo de constante transformação, desenvolvendo-se e complexificando-se juntamente com a história do homem e a forma com a qual ele produz e se reproduz. Sendo assim, essas objetivações carregam a representação do desenvolvimento histórico da humanidade, ou seja, sua evolução social. A constituição do sujeito se inicia na esfera da cotidianidade a partir do momento em que nasce e é inserido na cultura social humana, se estendendo ao longo de sua vida. Portanto, é um processo mediado de forma direta ou indireta por outros representantes do gênero humano. Na esfera cotidiana, o sujeito se apropria da linguagem, dos instrumentos culturais e dos costumes sociais (Leontiev, 1978; Rössler, 2004).

Já as objetivações para-si, que representam as esferas não-cotidianas da vida social, revelam o grau máximo de desenvolvimento que a humanidade conquistou em um determinado período histórico. Demonstram o que há de mais desenvolvido em termos de produção

sociocultural na sociedade, significando o grau máximo que os sujeitos podem alcançar dentro daquela sociedade.

Heller (2016) pontua que a vida cotidiana é caracterizada por atividades voltadas para a reprodução da existência do sujeito, sendo composta por atividades determinadas por motivações particulares, enquanto a vida não-cotidiana é constituída pelas atividades que objetivam a reprodução da sociedade e suas atividades são determinadas por motivações voltadas à universalidade do gênero humano.

Por meio das objetivações em-si do gênero humano, constituem-se as formas espontâneas de pensar, sentir e agir, ou seja, a personalidade do indivíduo desenvolvida de modo espontâneo e sem uma reflexão sistematizada. Essas formas de comportamento são características da vida cotidiana, sendo indispensáveis para a reprodução e manutenção desse âmbito da vida humana. Dessa forma, é possível concluir que a constituição do sujeito na esfera cotidiana determina a estrutura do psiquismo cotidiano (Rossler, 2004). Analisando a estrutura da vida cotidiana, Heller (2016) elabora alguns conceitos que podem elucidar padrões de funcionamento psíquico, de natureza afetiva, cognitiva e comportamental. Alguns desses esquemas de comportamento e conhecimentos próprios da cotidianidade serão descritos a seguir a fim de articulá-los às vivências dos jovens mediados pelas redes sociais.

Segundo Heller (2016), a espontaneidade é a forma de pensar e agir sem uma reflexão crítica prévia. Se caracteriza por ser uma forma dominante de qualquer atividade da vida cotidiana, “(...) é necessário que atividades, pensamentos e ações dos indivíduos sejam espontâneos nessa esfera de sua vida, pois senão se tornaria inviável a produção e reprodução da sua existência social (...)” (p. 106). O sujeito não mantém uma relação consciente com as objetivações da vida cotidiana, entretanto, isso não quer dizer que ele não tem consciência de suas atividades, mas sim que ele não reflete e problematiza os fatos que envolvem a realização delas. Para Heller, “(...) na vida cotidiana, as interações sociais, o trabalho, o lazer, a formação dos hábitos e costumes, o uso da linguagem, a assimilação de certas ideias e de certas normas consuetudinárias de comportamento dão-se de forma essencialmente espontânea (...)” (p. 106), ou seja, o indivíduo não estabelece uma relação consciente com esses elementos, não realizando uma reflexão sistematizada referente a essas atividades.

Como expusemos na seção anterior, as redes sociais são ferramentas tecnológicas da sociedade contemporânea, se caracterizam como um espaço de compartilhamento de conteúdos digitais, com uma rede de comunicação e interação social. É uma ferramenta desenvolvida dentro de uma sociedade capitalista, então está envolta por interesses econômicos e políticos dessa organização. Apresenta grande influência social, apontando formas ideais de

comportamento, posicionamentos, opiniões e produtos a serem consumidos. As instituições capitalistas que detêm seu controle é que ditam os valores e costumes que devem ser propagados naquele espaço social. As redes sociais estão inseridas na vida cotidiana dos adolescentes, sendo assim, estes se relacionam com elas valendo-se da espontaneidade, acessam e produzem conteúdos, estabelecem interações sociais na sua esfera cotidiana, ou seja, concebem uma relação não reflexiva em seu uso, se apropriando dos conteúdos de forma não consciente e não sistematizada e, portanto, o conteúdo e a forma de apropriação se dão de maneira empobrecida.

A forma espontânea de agir é fundamental para a reprodução da vida cotidiana, pois sem ela o sujeito não conseguiria realizar grande parte de suas atividades (inclusive o navegar pelas redes sociais), caso fosse necessário que refletisse sobre o conteúdo de todas as suas ações. Entretanto, a cristalização das atividades espontâneas provoca a rigidez nas ações, e a constituição de uma personalidade limitada perante os problemas e fenômenos sociais. Ademais, a espontaneidade representa a assimilação de comportamentos repetitivos e corriqueiros aliada a motivos inconstantes, efêmeros e em sucessivo aparecimento e desaparecimento. A esfera espontânea da vida cotidiana não produz necessariamente a alienação, entretanto, pode tornar-se “bastante alienante no caso da cotidianidade do capitalismo contemporâneo, na qual o fenômeno dos modismos universalizou-se.” (Anjos, 2017, p. 133).

Na manutenção da vida cotidiana é muito comum a realização de atividades com base no *economicismo*, ou seja, “(...) a determinação dos pensamentos e das ações dos indivíduos a partir da ‘lei do menor esforço’: menos dispêndio de energia, de tempo e de pensamento” (Rossler, 2004, p. 107). Nessa esfera da vida, o sujeito busca efetivar os pensamentos e as atividades de forma rápida e com o menor esforço possível, tanto físico como cognitivo. Heller (2016) expõe que essas formas de conduta que objetivam apenas a manutenção da vida não se apresentam de forma profunda, com amplitude e intensidade, mas de forma superficial e econômica. Na sociedade contemporânea é possível observar cada vez mais na vida cotidiana a “(...) abreviação, condensação e velocidade no uso da língua, no desenvolvimento de objetos, utensílios e máquinas que fazem economizar o tempo e energia” (Rossler, 2004, p. 63).

O economicismo é um esquema de comportamento comum nas redes sociais, sendo apresentado fundamentalmente na exposição de seus conteúdos, cujos textos e vídeos devem ser apresentados de forma breve e com conteúdos rasos, uma vez que, quanto mais consistentes e delongados, menos são acessados pelos sujeitos, principalmente pelo público jovem, visto que isso exigiria um dispêndio de tempo e esforço psíquico para se apropriar e organizar sistematicamente o conteúdo apreendido. Os conteúdos das redes sociais são basicamente

voltados para a cotidianidade, ou seja, dificilmente levará os jovens a realizarem sínteses superiores. O economicismo por si só não irá produzir alienação, todavia, em algumas circunstâncias sociais pode se apresentar como um entrave para a humanização, uma vez que, um contexto social alienado possibilita que atividades que necessitem de maior reflexão sejam reproduzidas de forma automática.

Outra característica comum da vida cotidiana é a *ultrageralização*, por meio dela os sujeitos agem com base em generalizações tradicionais e amplamente difundidas no meio social, ou ainda generalizações estabelecidas por suas próprias experiências particulares. Na cotidianidade não tem como o indivíduo analisar de forma precisa e detalhada as situações singulares, os problemas particulares com os quais se deparam, portanto, os situam de forma mais geral, frequentemente generalizam seu pensamento “considerando as situações particulares de sua existência a partir de certas experiências anteriores ou simplesmente de generalizações já existentes no seu meio social imediato” (Rossler, 2004, p. 108).

A exemplo de ultrageralização podemos citar os juízos provisórios, aqueles que se desenvolvem pela tradição coletiva ou pelas experiências individuais utilizadas de forma generalizada nas distintas situações da vida cotidiana. Outro exemplo são os preconceitos que se caracterizam por um tipo específico de juízos provisórios, se apoiando no sentimento de fé e na particularidade, tornando-se mais rígidos e enraizados afetivamente, constituindo uma característica fundamental do pensamento e da conduta cotidiana quando se encontram alienados (Heller, 1991; Rossler, 2004). Cabe um destaque para a analogia e os precedentes, também exemplos da ultrageralização:

(...) É por meio da analogia que se dá no cotidiano o conhecimento e o reconhecimento dos indivíduos no interior do universo das interações sociais de caráter interpessoal. A partir dessa forma do pensar cotidiano, as pessoas são classificadas em algum tipo já conhecido no decorrer das experiências anteriores dos indivíduos. Essa classificação “tipológica” ou por tipos permite aos indivíduos se orientarem no mundo das relações interpessoais que compõem a cotidianidade. (...) Cabe ressaltar que os precedentes são mais importantes para o conhecimento das situações cotidianas que o das pessoas. Os indivíduos comportam-se de determinadas formas ou adotam algumas atitudes em certas situações porque já tinham como referenciais alguns exemplos prévios extraídos de situações similares vividas anteriormente (Rossler, 2004, pp. 108-109).

A característica da ultrageralização surge com várias facetas quando o adolescente navega pelas redes sociais. Atualmente, um fenômeno muito comum é a disseminação das *fake*

news, caracterizado por informações irreais ou sem a devida contextualização dos fatos. Quando o adolescente as recebe e, por vezes, vale-se de um manejo grosseiro do particular, como advertiu Heller (2016), ele não irá se apropriar daquele conteúdo com a real criticidade, podendo tomar aquilo como verdade e ainda propagar (Souza, 2020).

Ademais, a partir do pensar e relacionar com os sujeitos com base no preconceito e na analogia, tem sido comum o discurso de ódio propagado nas redes sociais, sendo os jovens tanto receptores como propagadores desses discursos. Como é apresentado na reportagem do *site* da Universidade Tiradentes (2021), “A cultura de agredir pessoas e praticar ações de intolerância e ódio nas redes sociais está cada vez mais latente. (...) Os *haters* aparecem muito nas redes sociais e isso virou uma cultura, uma forma de violência muito comum hoje em dia”.

Os canais de comunicação, ao serem utilizados na cotidianidade de forma irreflexiva e aliado à onda de negação do conhecimento científico da realidade social, têm proporcionado com que os jovens, ao fazerem uso das redes sociais, ao invés de ampliar seu acesso informacional, passem a se apropriar de informações não verdadeiras, pobres de conteúdo, que causam a constituição de uma adolescência socialmente alienada. Esse fenômeno vai ao encontro dos interesses do capital e da real função das redes sociais de propagar conteúdos e informações que busquem ampliar cada vez mais seu domínio social.

Uma característica fundamental da forma de agir cotidiana é a *imitação*, segundo Heller (2016) “não há vida cotidiana sem imitação. Na assimilação do sistema consuetudinário, jamais procederemos meramente ‘segundo preceitos’, mas imitando os outros, sem mimese, nem o trabalho nem as trocas seriam possíveis” (p. 61). Entretanto, na sequência a autora sinaliza a seguinte preocupação, “se somos capazes de produzir um campo de liberdade individual no movimento no interior da mimese, ou, em caso extremo, de deixar de lado completamente os costumes miméticos e configurar novas atitudes” (p.61), ou seja, o que por meio da imitação o sujeito consegue desenvolver novos comportamentos e atitudes.

Pensando na importância da imitação para o desenvolvimento intelectual do sujeito, Vigotski (1996) afirma que no primeiro ano de vida a criança já apresenta a capacidade de imitar. Quando essa atividade é dirigida pelos adultos, ela passa a ser fonte de desenvolvimento psíquico, pois possibilita o desenvolvimento de formas complexas de comportamento que, de forma individual, a criança não poderia ter alcançado, ou alcançaria de forma empobrecida. Entretanto, por meio do auxílio dos adultos, a criança aprende a se relacionar com as pessoas, com os objetos e fenômenos do mundo social. Como afirma Heller (1991), “não existe um homem na terra, e não falamos somente das crianças, senão também dos adultos cuja apropriação e cujo exercício de um comportamento, a imitação não esteja incluída” (p. 301).

Abordamos anteriormente que a adolescência tem como uma de suas particularidades a mudança de aspirações e a consolidação de novos interesses, diferentes dos que tinha anteriormente na infância, fazendo com que se desenvolvam interesses por si mesmo e pelo mundo que o cerca. Esse processo de constituição dos interesses possui natureza social e cultural, logo os conteúdos online que são amplamente divulgados para os jovens podem influenciar essa construção. Filho e Lemos (2008) pontuam que não se deve minimizar a influência das novas mídias sociais no processo de configuração dos interesses, modelos, ideias e subjetividade dos jovens, uma vez que os artefatos midiáticos são os novos imperativos sociais que ditam as normas e as formas de vivenciar a adolescência, proclamando quais devem ser suas potencialidades e seus gostos em questões de vivências, consumo, lazer, estilo de vida, sexualidade e diversos outros pontos da vida do sujeito. Iniciam, com isso, uma espiral de influências que irão guiar suas outras construções ao longo da adolescência.

No processo de desenvolvimento da autoavaliação, os adolescentes têm interesses voltados para si (para seus gostos e condutas), mas também para o exterior, momento em que começa a dar maior relevância para a valoração e a opinião que os outros tem sobre ele, tendo muitas vezes seu estado emocional ligado ao fato de conseguir ou não atender às demandas que as pessoas ao seu redor propõem. Sendo assim, buscam a aprovação social daqueles que os rodeiam, pois têm um forte desejo de se autoafirmar no coletivo social. Iniciam também um movimento de comparação social, e a partir disso buscam desenvolver as características que percebem necessárias para atender às demandas sociais estabelecidas a eles. Na dinâmica da comparação social, os jovens fazem a confrontação de traços como inteligência, beleza, popularidade, aquisições, *status* social e tudo que é valorizado como interessante para seu meio social. A partir disso, elegem um sujeito ou nicho de indivíduos que apresentam essas características como “modelo ideal” conceito apontado por Vigotski (2010).

Referente ao modelo ideal o autor sinaliza que é resultado de todo o processo de desenvolvimento, que irá orientar e dar um ponto de partida para o desenvolvimento do sujeito em sua forma inicial. Nesse sentido para que o desenvolvimento da criança e do adolescente seja efetivo é necessário que “[...] haja no meio essa forma ideal que interagindo com essa forma primária de criança, a conduza rumo ao desenvolvimento[...]" (p.695). Caso não haja em seu meio social contato efetivo com um modelo ideal existe a possibilidade que a criança e o adolescentes desenvolva a qualidade correspondente apenas de forma rudimentar (Vigotski, 2010)

Cabe uma sinalização referente a importância do estudo da atividade guia na etapa da adolescência, neste caso a comunicação íntima pessoal, que de acordo com Elkonin (1987),

caracteriza-se pelo adolescente reproduzir com outros coetâneos as relações existentes entre os adultos, tendo o adulto enquanto referência, reproduzindo suas condutas e ações. Como já apresentamos anteriormente, segundo Dragunova (1965; 1988) uma das particularidades psíquicas do período da adolescência é o desenvolvimento do sentimento de maturidade que possibilita a eles o comparar-se e o identificar-se com os adultos e os coetâneos, buscando um modelo de adulto a ser seguido, sendo por tanto, uma das características fundamentais da comunicação íntima pessoal. A partir da atividade guia, a comunicação íntima pessoal será possibilitada ao adolescente o desenvolvem a visão de mundo, futuro, a forma de se relacionar com os demais, bem como a autoconsciência.

A partir das análises de Anjos (2017), temos a comunicação íntima pessoal como “a relação entre os adolescentes, mediada pelas normas morais e éticas estabelecidas entre os adultos, ou seja, uma relação mediada por objetivações não materiais” (p.54). Nesse sentido, o autor expõe que a relação estabelecida entre os adolescentes deve ser mediada pelas formas de comportamento mais desenvolvidas do gênero humano, ou seja, pela interação do ser mais desenvolvido o adulto, com o ser em desenvolvimento o adolescente. Isso por que, caso a atividade do adolescente seja pautada apenas nas experiências com seus coetâneos, seu desenvolvimento não se dará de forma completa, ou seja, “não atingirão um nível de desenvolvimento que alcançariam se tais atividades fossem mediadas pelo modelo ideal de ser humano, ou melhor, pelas máximas possibilidades do desenvolvimento humano” (p.56).

Nesse movimento mimético e de construção de novos interesses, o adolescente precisa de um modelo de adulto, de ser humano mais desenvolvido para imitar. Por isso, o adulto, o ser desenvolvido, se organiza a partir das formas mais complexas de comportamentos, das quais ele se apropria por meio da interação com a sociedade ao longo de sua vida. Tais apropriações vão ao encontro do seu contexto sociocultural. Pensando a forma com a qual a sociedade está organizada atualmente, podemos nos questionar quais são os adultos modelos, os seres humanos mais desenvolvidos que os adolescentes vão imitar? Qual a qualidade da mediação que esses adultos tem a possibilidade de promover? E se esse adulto transmitir apenas as formas cotidianas do desenvolvimento humano? Terá esse adolescente condições de se desenvolver em suas máximas possibilidades? (Anjos, 2017).

Por meio da influência do meio cultural, o adolescente acaba se direcionando para o que é exposto como popular socialmente e os modelos populares acabam se tornando o padrão valorado pelos mesmos. As figuras que regem esse status social atualmente são as pessoas influentes nas mídias sociais, que ditam as tendências a serem seguidas. O *Instagram*, como apontado, é uma das redes mais populares entres os jovens e abriga essas figuras sociais,

deixando de se caracterizar apenas como uma ferramenta de entretenimento, evoluindo para um modo de capitalização e formação de novas necessidades de consumo para a sociedade. Para tal propósito, utilizam dos “*Digital Influencers*” – usuários que tem seus perfis popularizados atingindo um grande número de seguidores (que são traduzidos como potenciais consumidores daquele estilo de vida) e expõem a todo momento sua rotina, hábitos, comportamentos e consumo, tornando-se facilmente replicadores de crenças e desejos sociais (Campos, Faria & Sartori, 2019).

As redes sociais podem ser comparadas a uma vitrine de padrões com pessoas influentes que ditam estilos de vida, status social e corpos padronizados. Se constituem por meio da exploração da “perfeição”, valendo-se dos influenciadores que exibem suas vidas a partir de um recorte perfeito, tornando-se objeto de desejo daqueles que os seguem. As experiências nas redes sociais criam instrumentos de comparação social no que tange a aparência física, experiências de vida e status social. Além disso, os desejos dos seguidores, impulsionados pelos padrões sociais consumistas, acabam indo ao encontro de uma realidade social que não corresponde à realidade da maioria das pessoas (Silva, 2019; Santos, Mota & Silva, 2021; Taboga & Júnior 2021).

Um ponto importante levantado por Bauman (2011) é o critério estabelecido para eleger as celebridades atualmente, denunciando “não se mede o peso e a importância da existência dos ‘famosos’ pela relevância do que eles *fizeram*, isto é, pelo peso de seus *feitos*. Sem dúvida as ‘celebridades’ só têm importância pela visibilidade de sua presença” (p. 19., grifos do autor). Cita ainda Boorstin, para quem as celebridades atuais são pessoas famosas por serem famosas. Diante disso, a grande problemática da atualidade é que justamente essas pessoas se tornam modelos de referência a serem seguidos pelos adolescentes, que passam a valorar seus comportamentos pautados na comparação desses modelos sociais que muitas vezes são vazios de conteúdos reais.

Como podemos perceber, na sociedade capitalista contemporânea o modelo de adulto e de comportamentos disseminados pela mídia, em sua maioria, comungam dos ideais capitalistas da sociedade e da vida humana. Então, os comportamentos e os sujeitos valorados por esta sociedade são aqueles que envolvem o status social e econômico de dada personalidade. Por exemplo, um influencer digital não se torna famoso e reconhecido socialmente por promover discussões ou produzir conteúdos críticos e enriquecedores, por ter comportamentos positivos que agreguem para a coletividade ou comprometimento social, mas sim pelos bens que ostenta, as vestimentas e produtos da moda que possui, por se enquadrar no padrão físico de beleza e

por comportar-se de acordo com as normas estabelecidas socialmente. Portanto, em sua maioria, os famosos da internet são mantenedores e reprodutores do capital.

Se a atividade do adolescente for reduzida somente às experiências com esses modelos sociais empobrecidos e alienados, seu desenvolvimento ficará distante daquele alcançado pelo gênero humano, não chegando ao nível de desenvolvimento que conquistaria se suas atividades fossem mediadas pelo modelo ideal de adulto, pelas máximas possibilidades do desenvolvimento humano. Nesse sentido, Anjos (2017) aponta que na organização social capitalista “essa questão se mostra de forma bastante contraditória e altamente problemática, pois os modelos de comportamento difundidos pelas diversas formas de mídia, são em boa parte dos casos, próprios à visão capitalista” (p. 56).

Retomando as ideias apontadas antes, temos também o conceito de *entonação* que, segundo Rossler (2004), é “(...) uma espécie de tom afetivo que existe à volta de cada pessoa. Esse elemento desempenharia um papel importante principalmente no que diz respeito à avaliação dos outros e à comunicação” (p. 109). Heller (2016) afirma que a entonação pode ser analisada como uma ultrageneralização emocional, e quando ela se encontra alienada se caracteriza como um *preconceito emocional*.

Tolstij (1960) aponta que a forma com que os adolescentes valoram o comportamento alheio e os seus próprios tem aproximação ao conceito de entonação, fundamentalmente do preconceito emocional. Isso ocorre porque os adolescentes valoram as qualidades das pessoas a sua volta, por meio de comportamentos e ações isoladas, uma vez que não conseguem relacioná-las com outras características da personalidade, ou seja, não se apresentam capazes de fazer uma análise do todo. Como trouxemos, atualmente é bastante frequente que as pessoas que entusiasmam os jovens sejam os famosos das redes sociais, essas pessoas acabam sendo valorizadas por algumas características isoladas sem que eles realizem uma análise do todo e dos motivos que regem as atividades daquelas pessoas.

Por se encontrar em processo de desenvolvimento psíquico, o adolescente ainda não tem a possibilidade de valorar uma personalidade em sua completude, nem analisar as circunstâncias de um comportamento em sua totalidade, é comum que acabem julgando as pessoas rapidamente e valorando-as apenas por alguns de seus atributos. Justamente por isso torna-se muito fácil (ou muito difícil) construir autoridade entre os adolescentes, visto que algumas vezes um ato positivo é suficiente para ganhar seu respeito e contrariamente um passo em falso pode fazer com que valore uma pessoa de forma negativa por um longo período de tempo (Tostij, 1960).

O comportamento de entonação é amplamente difundido nas redes sociais, as propagandas publicitárias e as campanhas políticas comumente se valem dele para conquistar seu público alvo, já que, com a internet e a exposição cada vez maior das pessoas, os sujeitos acabam tornando-se uma referência de forma rápida, da mesma forma e na mesma rapidez podem se tornar um alvo negativo. Esse movimento ocorre pela valoração de poucos traços da personalidade do sujeito, com base nas reações emocionais negativas ou positivas provocadas pela entonação. É importante reiterar que a entonação, da mesma forma que os demais comportamentos da vida cotidiana, é produto das relações sociais e culturais estabelecidas no seio social, portanto não deve ser considerada como inata aos seres humanos (Anjos, 2017).

Como podemos perceber, as categorias da vida cotidiana constituem um conjunto articulado de processo psíquicos afetivos, cognitivos e comportamentais que são basilares para a reprodução da vida do sujeito, uma vez que a vida cotidiana compõe a existência de todo indivíduo inserido na sociedade. Como já apresentado, sua reprodução por si só não se caracteriza um problema e uma fonte de alienação (Heller, 2016). Entretanto, como aponta Rossler (2004),

(...) quando o indivíduo se torna incapaz de romper com tais formações psíquicas, mesmo nas situações de sua vida em que esses padrões cotidianos de pensar, sentir e agir necessitem ser superados, estamos diante de um fenômeno de alienação. Em outras palavras, quando a estrutura da vida cotidiana se hipertrofia, tornando-se a única forma de vida do indivíduo; quando sua vida se resume num conjunto de atividades voltadas essencialmente para a sua reprodução, para a reprodução de sua particularidade, apresentando, assim, modos rígidos de pensar, sentir e agir, isto é, determinando um modo de funcionamento psíquico (intelectual e afetivo) cristalizado, que não pode ser rompido mesmo nas situações que o exigem; nesses casos, estamos diante de um fenômeno de alienação. Trata-se, portanto, de uma estrutura social alienada, de um cotidiano alienado e, conseqüentemente, de um psiquismo cotidiano alienado (p. 110).

A alienação da vida cotidiana é determinada por uma totalidade social alienada, ou seja, a alienação da estrutura material da sociedade influencia o empobrecimento da estrutura do psiquismo humano, de forma que as condições materiais de vida da sociedade que se constituem com base em uma relação de dominação e alienação não possibilitam que o indivíduo se relacione com as esferas não-cotidianas da vida, bem como a apropriação de suas formas de sentir, pensar e agir não-cotidianos. Portanto, uma organização social alienada produz uma vida cotidiana alienada, que por sua vez promove o esvaziamento da individualidade humana,

barrando o pleno desenvolvimento do sujeito. Para que esse desenvolvimento seja alcançado, é necessário condições objetivas e subjetivas favoráveis para apropriação dos conteúdos mais desenvolvidos do gênero humano (Heller, 2016). O sujeito alienado é aquele que “se alienou das esferas não-cotidianas da existência humana, estando circunscrito aos âmbitos cotidianos de sua existência particular, isto é, alienado da universalidade do gênero humano” (p. 110).

Esse fenômeno se faz presente em sociedade com acentuada desigualdade social e atravessada por relações sociais de exploração e dominação de uma classe sobre a outra. Então, as barreiras estabelecidas pela cotidianidade que colocam no indivíduo a condição de alienado, têm suas bases materiais na estrutura econômica da sociedade, se caracterizam por ter uma estrutura histórico-social que produz formas alienantes de objetivação e conseqüentemente de apropriação das objetivações. O sujeito alienado é aquele que, devido à predominância social das relações de dominação e das suas condições sociais e materiais, não teve a real possibilidade de se desenvolver plenamente por meio da apropriação da esfera superior do gênero humano, transformando-a em órgão de sua individualidade (Heller, 2016; Rossler, 2004).

(...) os indivíduos vivenciam hoje um distanciamento crescente entre sua particularidade existencial e a relativa universalidade alcançada pelo gênero humano, entre o desenvolvimento da humanidade e o seu desenvolvimento como indivíduo particular, ou seja, seu desenvolvimento cultural, social e psicológico – intelectual, afetivo e moral. Os indivíduos experimentam, portanto, uma contradição cada vez mais intensa entre o enriquecimento crescente e sem precedentes do gênero humano, pela criação e produção de bens materiais e simbólicos cada vez mais complexos, e o empobrecimento e esvaziamento da sua individualidade humana. (Rossler, 2004, p. 112).

A alienação se faz presente na vida do sujeito quando, em razão das condições materiais, econômicas e sociais a estrutura de sua vida cotidiana infla, se hipertrofia e adentra todas as esferas da vida, tornando difícil conseguir se distanciar das formas automáticas, espontâneas e sem criticidade de sentir, pensar e agir da cotidianidade.

A partir do que foi desenvolvido até o momento, fica claro que as tecnologias da informação e comunicação, quando aliadas às transformações provocadas pelo capitalismo pós-industrial, resultam em grandes contradições sociais e cerceamento do acesso aos conteúdos superiores produzido pelas gerações precedentes. Os resultados são as mudanças e rearranjos na constituição das FPS dos adolescentes, entre elas o pensamento conceitual, uma vez que seu desenvolvimento se dá a partir da apropriação da cultura objetivada ao longo do desenvolvimento da história da humanidade, ampliando a possibilidade da complexificação do

pensamento, pois permite que este acesse as riquezas culturais e materiais construídas por meio da atividade social, surgindo então a possibilidade de o adolescente desenvolver o pensamento conceitual (Oliveira, 2020; Vigotski, 1996).

Inserido em uma sociedade capitalista e atravessada pelas mudanças tecnológicas, principalmente no tocante às tecnologias sociais da comunicação, à reorganização do mundo do trabalho, à divisão de classes sociais, além da vivência de uma vida cotidiana permeada pela alienação, os jovens muitas vezes não têm as reais condições de acessar os bens culturais e os conteúdos sistematizados oportunizados pelo acesso a uma educação de qualidade cujo desenvolvimento intelectual seja proporcionado. Com a restrição do acesso às riquezas intelectuais, culturais e materiais da sociedade, os processos psíquicos se desenvolvem de forma rudimentar, dificultando ou até mesmo impedindo que os adolescentes deem um salto qualitativo rumo ao desenvolvimento do pensamento conceitual.

As dificuldades para a passagem do pensamento por conceitos influenciam diretamente o desenvolvimento da autoavaliação, uma vez que é somente a partir dos conceitos que o adolescente terá a possibilidade de realizar as sínteses superiores para a construção de sua própria avaliação. É a partir do desenvolvimento do pensamento conceitual que o jovem ampliará o mundo a sua volta, desenvolvendo uma visão de mundo e sociedade e possibilitando conhecer sobre si, sua realidade e sobre as pessoas a sua volta, além de significar suas vivências de acordo com a realidade que o cerca. Então, a autoavaliação enquanto uma síntese psíquica superior está dialeticamente imbricada com o desenvolvimento do pensamento por conceitos; caso não sejam dadas as reais possibilidades de o adolescente sair da totalidade de uma vida cotidiana alienada e guiar suas atividades fundamentais a partir das sínteses superiores não-cotidianas, dificilmente ele conseguirá superar o direcionamento pela avaliação e guiar-se pela autoavaliação, ou ainda poderá desenvolver uma autoavaliação inadequada.

Da forma como a sociedade está organizada atualmente, com a alienação da cotidianidade e a influência das redes sociais descolada de uma análise crítica e sistematizada de seus conteúdos, o adolescente pode se deparar com algumas contradições no desenvolvimento da sua autoavaliação. O resultado disso é que nem toda autoavaliação é construída de forma adequada, em razão da discrepância entre a real representação de si, de suas possibilidades e aquilo que o sujeito almeja a partir das pretensões exteriores. Essas contradições são expostas diariamente para os jovens enquanto fazem uso das redes sociais, isso porque é exposto um fragmento da vida da pessoa apenas com os aspectos que deseja mostrar e valorizar, sendo uma realidade maquiada, na qual, na maioria das vezes, aspectos negativos ou dificuldades são excluídos ou significados de uma forma distinta, delineando uma

vida plena e livre de frustrações. Ao se deparar com essas publicações, o adolescente estabelece metas e objetivos irrealistas, de difícil alcance, sem levar em consideração que aquilo é um recorte da vida e que se torna inviável comparar seu ritmo de vida com as pessoas famosas da rede, pois não possuem a mesma rotina de vida e as mesmas condições de acesso.

Quando o adolescente chega à percepção que aquelas metas não serão atingidas, começa a surgir o mal-estar, a frustração e o sentimento de incapacidade, os quais contribuem para o baixo respeito sobre si e pouca consideração enquanto personalidade individual, acreditando ser inferior aos outros ao seu redor e, desta forma, impulsionando o desenvolvimento de uma autoavaliação inadequada. Assim, guiado por esses fatores, há a possibilidade de que a relação a ser estabelecida com o mundo externo seja pautada em inseguranças, afinal, a visão que desenvolveu de si é de uma pessoa insignificante para os padrões sociais.

Em pesquisa realizada para a revista *Extra*, a psicóloga Fabiane de Faria pontua que essa situação é bastante preocupante, pois é na adolescência que surge o desenvolvimento de novos interesses e buscas por realizações futuras, e a valoração inadequada de suas potencialidades pode minar diversas iniciativas e conquistas iminentes (Azevedo, 2021). Mencionamos que a constituição psíquica do adolescente, bem como sua autoavaliação, vai ser influenciada pelo meio social, por suas vivências e pelas relações sociais que estabelece, isso acontece pois todo o desenvolvimento psíquico ocorre em duas vias, inicialmente externa e posteriormente nas funções internas do sujeito. Nesse sentido, o adolescente é guiado inicialmente pelas valorações exteriores das pessoas com as quais se relaciona para, somente depois de internalizar essas valorações, ter sua conduta regida pela própria autoavaliação (Kon, 1988; Savonko, 1978; Vigotski, 1996).

Dito isso, apontamos que as valorações e exigências que o adolescente imputa para si são as do meio social e da coletividade que passa a ser interiorizada por eles. Diante disso, dada a realidade social à qual está sujeito, parece-nos que, para uma grande parcela dos jovens, não são proporcionadas as reais possibilidades para que desenvolva uma autoavaliação adequada e rompa com a necessidade principal de valorações exteriores, adotando uma postura em que o direcionamento são suas próprias valorações e exigências. A grande problemática, como salienta Savonko (1978), é que caso seja orientado fundamentalmente pelas valorações externas, sem a construção de uma autoavaliação adequada, podem se desenvolver traços de caráter e qualidades da personalidade que façam com que o adolescente busque a adequação ao meio social a qualquer custo. Isso pode resultar em jovens com personalidades deturpadas e empobrecidas, uma vez que não vão seguir suas próprias aspirações e interesses, mas sim as do meio social, priorizando atender às exigências sociais.

Ao longo da dissertação, apresentamos que as contradições sociais da organização social capitalista, sobretudo a alienação da vida cotidiana, atravessada pelo recurso tecnológico das redes sociais, produzem influências majoritariamente negativas para o desenvolvimento psíquico do adolescente e para a passagem à orientação da autoavaliação positiva. Posto isso, surge o questionamento: seria possível que o adolescente desenvolvesse sua autoavaliação descolada dessa realidade social e se desvinculasse dessas influências do meio externo? Para essa questão, temos apenas uma resposta, a de que não há possibilidade de um desenvolvimento humano descolado da realidade social, uma vez que o sujeito se humaniza e se desenvolve apenas em sociedade e em contato com outros representantes do gênero humano, se apropriando dos usos e costumes de uma determinada sociedade. Sendo assim, ele influencia e é influenciado por ela. Da mesma forma, seu desenvolvimento psíquico, suas sínteses superiores só ocorrem em contato com a sociedade e com as produções materiais, culturais, científicas e sociais produzidas e acumuladas ao longo da história social da humanidade (Leontiev, 2004).

Dessa resposta, surge outro questionamento: por intermédio das influências sociais citadas, a virtualização social, o cerceamento das possibilidades de apropriação de conteúdos desenvolvidos pelo gênero humano e da realização de sínteses psíquicas superiores, não será possibilitado aos jovens da sociedade contemporânea desenvolverem uma autoavaliação positiva? Todos eles serão orientados apenas pelas avaliações exteriores ou por uma autoavaliação negativa? O que podemos apontar é que, apesar das tentativas do capital de minar o real desenvolvimento dos jovens e produzir sujeitos alienados de sua realidade social e de suas atividades, é possível sim que estes construam uma avaliação positiva de si. Na sequência, é discutida a possibilidade de romper com a cristalização dos comportamentos da vida cotidiana, engendrados pela apropriação das objetivações genéricas em-si, para que, por meio das objetivações genéricas para-si, o adolescente tenha a possibilidade de conduzir sua vida cotidiana de forma consciente.

Diante disso, gostaríamos de propor a seguinte reflexão, por meio do movimento da apropriação das objetivações genéricas em-si, aquelas que como expostas no início da seção, são voltadas para a reprodução da vida, constituindo formas espontâneas de pensar, sentir e agir sem uma reflexão sistematizada, sem consciência e inteligibilidade do real, o adolescente forma sua autoavaliação em-si. Entretanto, por meio das objetivações genéricas para-si, aquelas que adentram as esferas não cotidianas da vida, ou seja, aquelas que vão para além da superficialidade e da espontaneidade da vida cotidiana, e partir do desenvolvimento do pensamento por conceitos, condição indispensável para o adolescente realizar as sínteses

superiores para a construção de sua própria valoração, terá a possibilidade de desenvolver a autovaloração para-si.

Nesse sentido, Anjos (2017) caracteriza a adolescência enquanto um período no qual pode ocorrer o salto qualitativo na apropriação das objetivações genéricas para-si, sendo decisivo para as relações conscientes entre o sujeito e as esferas mais elevadas de objetivações do gênero humano. Constituindo-se, portanto, como uma etapa com amplo potencial de desenvolvimento em que há a possibilidade da constituição da autovaloração para-si

É fundamental apontar que o desenvolvimento da autovaloração para-si não é será descolada da vida cotidiana, mas sim, estabelecerá uma relação consciente com a genericidade. Isso significa dizer que, a partir das mediações das objetivações para-si, como a arte, a filosofia e a ciência, o adolescente consegue distanciar-se de forma momentânea da vida cotidiana para então voltar-se para ela, mas com uma relação consciente por meio das apropriações das objetivações para-si que realizou. Esse processo abre caminhos para a condução de forma consciente da vida em sua totalidade (Duarte, 2013; Anjos, 2017)

Como aponta Heller (2016), “o meio para essa superação dialética parcial ou total da particularidade, para sua decolagem da cotidianidade e sua elevação ao humano-genérico, é a homogeneização” (p. 48). A autora destaca que a vida cotidiana é caracterizada por uma gama de atividades espontâneas, que exigem do sujeito intelectualmente, de seus pensamentos e sentimentos, bem como de suas habilidades manipulatórias. Entretanto, dada a variedade das atividades que compõem a vida cotidiana, o sujeito não consegue refinar nenhuma dessas capacidades de forma intensa. O homem do cotidiano não tem tempo nem a possibilidade de se apropriar efetivamente dos conteúdos, nem de estreitar a relação com os aspectos de sua vida, justamente por isso não consegue elevá-los. Dessa forma, há a necessidade da homogeneização, que de acordo com Heller (2016):

(...) concentramos toda nossa atenção sobre uma única questão e ‘suspenderemos’ qualquer outra atividade durante a execução da anterior tarefa; e, por outro lado, que empregamos nossa inteira individualidade humana na resolução dessa tarefa. (...) E significa, finalmente, que esse processo não se pode realizar arbitrariamente, mas tão somente de modo tal que nossa particularidade individual se dissipe na atividade humano-genérica que escolhemos consciente e autonomamente, isto é, enquanto indivíduos (personalidade para si) (Anjos, 2017 p. 149).

A autora pontua que só é possível ter a homogeneização que vá além da cotidianidade quando existem esses três fatores atuando em consonância: quando o sujeito concentra-se

apenas em uma atividade, coloca o que há de essencial em sua personalidade nessa atividade e realiza um movimento para além dele mesmo, quer dizer, quando a atividade encontra-se na perspectiva do gênero humano. Nesse sentido, Duarte (2013) apresenta que é necessário a homogeneização da relação do sujeito as objetivações para-si, para que assim ele possa superar a heterogeneidade da cotidianidade, ou seja é caracterizada pela atividade de distanciar-se mesmo que brevemente da vida cotidiana para tecer reflexões sobre ela. A homogeneização precisa se fazer presente no processo de escolarização, pois se faz necessária para a apropriação da ciência, arte, da filosofia. Nesse sentido, pode-se dizer que uma das funções primordiais da educação sistematizada do meio escolar é ensinar os alunos a realizarem essa homogeneização.

Indo ao encontro disso, Anjos (2017) defende a importância do ensino sistematizado, dirigido e intencional, que objetiva a transmissão dos conceitos científicos, proporcionando as condições para a homogeneização e a suspensão das esferas cotidianas em direção às esferas não cotidianas. Com isso, abre a possibilidade para que o adolescente domine seus processos psíquicos e tenha a capacidade da hierarquização consciente de suas atividades, característica fundamental para o desenvolvimento da autoavaliação para-si.

A autoavaliação para-si, se desenvolve dentro da vida cotidiana, no contato com seus comportamentos característicos, se integrando aos mesmos costumes e se apropriando das mesmas exigências sociais e modelos estabelecidos da vida cotidiana da autoavaliação em-si. A diferença fundamental entre elas está no fato de que a partir da apropriação dos conceitos o jovem tem a possibilidade de ampliar o mundo a sua volta, desenvolvendo uma visão de mundo e sociedade e possibilitando conhecer sobre si, sua realidade e sobre as pessoas a sua volta, de significar suas vivências de acordo com a realidade que o cerca, além de analisar de forma consciente os modelos ideias estabelecidos socialmente e disseminados pelas redes sociais. Então, a autoavaliação para-si enquanto uma síntese psíquica superior está dialeticamente relacionada com o desenvolvimento do pensamento por conceitos. Entretanto, caso não sejam dadas as reais condições de o adolescente desenvolver o pensamento por conceitos, sair da totalidade de uma vida cotidiana alienada e guiar suas atividades fundamentais a partir das sínteses superiores não-cotidianas, existe grandes possibilidades de desenvolver apenas a autoavaliação em-si não conseguindo superar as imposições e avaliações do meio.

Referente ao processo de condução da própria vida, Heller (1991, 2016), pontua que o processo de hierarquização consciente das exigências da vida cotidiana, ou seja, a condução da vida, torna-se possível apenas por meio da apropriação dos conhecimentos científicos, artísticos, culturais, políticos e filosóficos Nesse sentido,

Condução da vida, portanto, não significa abolição da hierarquia espontânea da cotidianidade, mas tão somente que a “muda” coexistência da particularidade e da genericidade é substituída pela relação consciente do indivíduo com o humano-genérico e que essa atitude – que é, ao mesmo tempo, um “engagement” moral, de concepção de mundo, e uma aspiração à auto-realização e à autofruição da personalidade – “ordena” as várias e heterogêneas atividades da vida. (Heller, 2016, p. 67).

A condução da vida de forma consciente não pode ser tida como algo dado, que acontece naturalmente para os seres humanos, até porque estes últimos se caracterizam por um processo de desenvolvimento da personalidade na qual, a partir do processo dialético entre apropriação e objetivação, eleva ao nível de personalidade para-si. Esse salto qualitativo é conhecido como catarse. Trata-se do processo de homogeneização que eleva a consciência do sujeito, e pode se fazer presente em todas as esferas da atividade humana: “(...) a catarse aparece na relação entre o indivíduo e a obra de arte, entre o indivíduo e a ciência, entre o indivíduo e valores morais, entre indivíduo e práxis político-social” (Duarte, 2001, p. 70 apud Anjos, 2017, p. 153).

A catarse, é a suspensão, mesmo que de forma breve, da espontaneidade e da atitude não reflexiva da vida cotidiana, a fim de que o sujeito conduza a sua atividade a partir das máximas possibilidades das suas objetivações. A catarse representa um momento do processo de homogeneização, em que apresenta uma mudança qualitativa entre o antes e depois da relação do sujeito com o campo de objetivação genérico para-si. A relação das objetivações genéricas realizadas pelos sujeitos ocorre de formas diversas, do mesmo modo o processo catártico ocorre com intensidade e conteúdos diversos (Duarte, 2001 apud Anjos, 2017).

A adolescência enquanto etapa do desenvolvimento humano, com grandes transformações e rearranjos psíquicos, traz a possibilidade do processo de catarse, pois, como apresentado por Vigotski (1996), a partir do desenvolvimento do pensamento por conceitos o adolescente tem a possibilidade de apropriar-se de forma adequada da arte, da filosofia, dos conhecimentos científicos, e tão logo passar a participar de forma ativa e criativa das distintas esferas da sociedade e da cultura que se apresentam diante dele.

Nesse sentido, Anjos (2017) atrás que, a condução consciente da vida cotidiana pode ser compreendida como liberdade, uma vez que é o sujeito que conduzirá sua vida de forma voluntária. Então, mesmo com os limites e contradições de uma sociedade capitalista seccionada em distintas classes sociais, o sujeito tem a possibilidade de hierarquizar de forma consciente suas atividades da esfera cotidiana. Como aponta Heller (2016),

(...) a condução da vida não pode se converter em possibilidade social universal a não ser quando for abolida e superada a alienação. Mas não é impossível empenhar-se na condução da vida mesmo enquanto as condições gerais econômicas-sociais ainda favorecem a alienação (p. 67).

Portanto, a condução da vida representa um desafio à desumanização do sujeito. Dito isso, a autora significa a ordenação da vida cotidiana como “um fenômeno nada cotidiano”, sendo que representa um “caráter representativo, provocador, excepcional, transforma a própria ordenação da cotidianidade numa ação moral e política” (p. 68).

O desenvolvimento da autoavaliação para-si abrange o salto qualitativo das valorações exteriores ao nível da construção da própria valoração, visto que somente a partir da autoavaliação para-si que o adolescente tem a possibilidade de autoavaliar-se com criticidade, de avaliar suas qualidades e potencialidades. Esta se caracteriza por uma das particularidades psíquicas mais significativas da etapa da adolescência, e seu desenvolvimento é produto de um processo de constituição que se inicia desde os primeiros contatos que o sujeito tem com o mundo e com as pessoas com as quais se relaciona e com os modelos significativos que fazem parte da sua história de vida.

Diante do exposto, podemos perceber que mesmo que o adolescente esteja inserido em uma sociedade alienante que mina constantemente seu desenvolvimento, existe a possibilidade de se desenvolver e se orientar a partir da autoavaliação para-si. Isso porque, é a partir do desenvolvimento do pensamento em conceitos e das apropriações genéricas para-si que o adolescente conduzirá realmente sua vida. Assim, ao utilizar e receber influências dos conteúdos dos quais se apropria nas redes sociais, terá a possibilidade de significá-los de uma forma sistematizada e crítica, pois estará conduzindo sua vida cotidiana de forma consciente. Mesmo utilizando corriqueiramente as redes sociais, o adolescente poderá fazer um uso adequado delas, pois saberá hierarquizar suas atividades e terá a possibilidade de refletir sobre os conteúdos que acessa. Vale ressaltar que um dos caminhos para esse desenvolvimento, é por meio do acesso a uma educação escolar de qualidade, recebendo conteúdos científicos, sistematizados e transmitidos de forma intencional, ou seja, uma educação enriquecedora, libertadora e que produza a humanização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do desenvolvimento da dissertação, defendemos constantemente o caráter sócio-histórico da adolescência enquanto uma categoria criada em virtude de uma necessidade social, e que conseqüentemente sofre influência das forças culturais, sociais e econômicas que movem a sociedade em determinado período histórico. Mostramos que a adolescência é uma fase de amplo desenvolvimento psíquico, com formações qualitativamente novas e aquisições de novos interesses, além de apresentar suas particularidades psíquicas. Deixamos evidente a multiplicidade da constituição dessa etapa do desenvolvimento, uma vez que ela se dá de diversos modos para os distintos grupos de sujeitos, a depender do lugar social, cultural e econômico em que se inserem.

Partindo do princípio que a adolescência deve ser analisada por uma ótica sociocultural, apontamos que, com as mudanças sociais, a revolução tecnológica que ocorreu nas últimas décadas, a virtualização social que ocasionou transformações sociais e relacionais aliada ao crescimento das redes sociais e com outras transformações suscitadas pelo capitalismo moderno, modificaram a forma com a qual o adolescente contemporâneo se constitui, como se relaciona e interage socialmente, ao mesmo tempo em que reflete na maneira como apreende o mundo a sua volta, influenciado por essas distintas demandas sociais .

Delineamos a autoavaliação para-si enquanto uma síntese superior, uma construção sócio-histórica ao longo do processo de desenvolvimento psíquico do adolescente, influenciada pela interação com a cultura historicamente construída, pelas relações que o sujeito estabelece, as formas com as quais socializa e as possibilidades dadas de apreender os conhecimentos a sua volta. A autoavaliação para-si é possibilitada a partir do pensamento conceitual, estabelecendo assim uma relação dialética com as vivências e o desenvolvimento da personalidade do adolescente. Quando orientado pela autoavaliação para-si, o adolescente tem a capacidade de avaliar e valorar suas forças e possibilidades, de autoavaliar-se de forma crítica e contextualizada com a realidade social, desenvolvendo a percepção das atividades que é capaz de realizar, e se fazendo presente nos seus atos de conduta e no controle da mesma. Com a construção da autoavaliação, terá a perspectiva de avaliar suas qualidades, potencialidades, sua conduta e atividades, o que se constitui como fundamental para a formação da sua personalidade.

A partir das análises sociais feitas ao longo desta dissertação, foi possível perceber que os adolescentes da geração atual já nasceram em uma realidade social tecnológica, tendo acesso

a uma diversidade de estímulos, informações, novidades, e se desenvolvendo em uma sociedade virtualizada. Logo, sua constituição e desenvolvimento ocorrem de forma qualitativamente distinta das gerações anteriores, que por sua vez não experienciaram esse mesmo momento social. Cabe reiterar, que neste momento as redes sociais possuem um caráter enviesado enquanto ferramenta desenvolvida segundo os princípios e interesses de dominação econômica e social do sistema capitalista, sob os quais produz uma infinidade de conteúdos acrílicos e alienantes, com vistas a um falseamento da realidade material e social. Entretanto, salientamos que por meio da condução consciente da própria vida, munidos de conteúdos críticos e contextualizados socialmente os sujeitos podem superar por incorporação o cenário de conteúdos cotidianos postos nas redes sociais, produzindo materiais que possibilitem saltos qualitativos e o desenvolvimento de uma autoavaliação para-si.

Essas questões nos levam a pensar que o conteúdo falseado das redes sociais chega diariamente aos adolescentes em forma de postagens ideais, de hábitos de vida, de hábitos de consumo de bens, de modelos de aparência física, de formas de se relacionar afetivamente e vivenciar sua sexualidade, além de conteúdos políticos, culturais e artísticos enviesados. A maioria dos conteúdos produzidos e entregues aos jovens têm o objetivo de retroalimentar os ideais capitalistas. Então, quando os adolescentes acessam as mídias sociais, existe uma variedade de posts ideais que não estão de acordo com a realidade social e material da grande maioria deles, mas essa idealização travestida de realidade é um dos fatores em que eles se espelham e tecem comparações para formar sua autoavaliação. Como pontuamos, a partir das influências negativas das redes sociais há a possibilidade de desenvolvimento de uma autoavaliação em-si, devido às comparações com uma realidade falseada e, muitas vezes, fraudulenta.

Diante dessa problemática, a alternativa que apontamos para que, mesmo inserido em uma realidade social capitalista, o adolescente desenvolva uma autoavaliação para-si é possibilitada pelo pensamento por conceitos. As apropriações das objetivações genéricas para-si possibilitam ao adolescente dar um salto qualitativo, desenvolvendo uma relação consciente com a realidade que o cerca, podendo se afastar mesmo que brevemente da cotidianidade a fim de tecer reflexões sobre os conteúdos que acessa nas redes. Assim, em um movimento dialético, vai ser capaz de conduzir a própria vida em relação ao meio social e desenvolver, de forma consciente, uma autoavaliação para-si.

Nesse sentido, salientamos que um elemento fundamental para a formação da autoavaliação para-si, é a educação escolar, com vistas à transmissão dos conteúdos clássicos, não cotidianos, dos conceitos científicos. É somente a partir dos conceitos científicos que o

adolescente terá a possibilidade de compreender a essência real dos fenômenos sociais que o cercam. A educação escolar, portanto, é intencionalmente dirigida para esse fim, possibilitando o desenvolvimento psíquico do adolescente em suas máximas possibilidades (Anjos, 2017).

Por meio dos conteúdos sistematizados, o adolescente tem a possibilidade de hierarquizar de forma consciente suas atividades cotidianas, sendo possível perceber quando sua vida está sendo conduzida de forma alienada, passando a buscar a condução consciente da mesma por meio da relação com as esferas não cotidianas e as objetivações genéricas para-si (Anjos, 2017). Ou seja, o adolescente será capaz de conduzir de forma consciente os conteúdos que recebe das redes sociais, mas isso não significa dizer que não sofrerá influência dos conteúdos nem da realidade social, mas terá a possibilidade de analisar conscientemente aquilo que chegar até ele.

Dada a percepção da importância da educação escolar para a constituição psíquica do adolescente, pontuamos o papel social da pesquisa em psicologia, no sentido de promover discussões que objetivem romper com as teorias educacionais hegemônicas³ que conduzem uma educação alienante voltada aos adolescentes, minando suas possibilidades de desenvolvimento de uma personalidade para-si.

A título de finalização, evidenciamos que esses são estudos iniciais referentes à temática dos conceitos propostos de autoavaliação em-si e autoavaliação para-si. Portanto, não ambicionamos, com essa produção, esgotar os estudos sobre o desenvolvimento da autoavaliação do adolescente na sociedade contemporânea, mas compreender as limitações de tempo das produções de pesquisa dentro da realidade do mestrado. Ademais, o tema abordado nesta dissertação é um conteúdo pouco explorado e, por tal motivo, alguns impasses foram vividos durante a coleta dos materiais e verificação das pesquisas anteriores. Frente a isso, destacamos a necessidade e a importância de ampliarmos as pesquisas nesse tema tão caro ao desenvolvimento psíquico do adolescente. Almejamos, por fim, que este trabalho fomente o desejo de outros colegas pesquisadores a estudarem e se aprofundarem sobre o assunto.

³ Para um arcabouço teórico de conteúdos referentes às teorias educacionais hegemônicas, sugere-se a leitura das obras dos autores Demerval Saviani e Newton Duarte.

REFERÊNCIAS

- Abramovay, R. (2012). O poder é partilhado na revolução do século XXI. In *Valor Econômico* (online). Recuperado de <http://ricardoabramovay.com/o-poder-e-partilhado-na-revolucao-do-seculo-xxi/>
- Abreu, C. N. (2016). Entrevista: Cristiano Nabuco de Abreu. (Lisauskas, Entrevistador). Recuperado de <http://emails.estadao.com.br/blogs/ser-mae/estamos-criando-uma-geracao-de-alienados-afirma-psicologo-do-hc/>
- Aguiar, W. M., Bock, A. M., & Ozella, S. (2007). Orientação profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. In A. M. Bock, M. G. Gonçalves, & F. Odair, *Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia* (3^o ed., pp. 163-178). São Paulo: Cortez.
- Anjos, R. E. (2013). *O desenvolvimento psíquico na idade de transição e a formação da individualidade para-si: aportes teóricos para a educação escolar de adolescentes*. 2013.. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, São Paulo.
- Anjos, R. E. D. (2017). *O desenvolvimento da personalidade na adolescência e a educação escolar: aportes teóricos da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica*. 2017. Tese (Doutorado), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, São Paulo.
- Anjos, R. E., & Duarte, N. (2016). A adolescência inicial: comunicação íntima pessoal, atividade de estudo e formação de conceitos. In L. M. Martis, A. A. Abrantes, & M. G. Facci, *Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice* (pp. 195-220). Campinas: Autores Associados.
- Antunes, R., & Alves, G. (2004) As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do trabalho. *Educação e Sociedade*, 25(87): 335-351, Campinas.
- Avena, A. (2018). Queiramos ou não, a web e as redes sociais estão a serviço do capitalismo. In *Jornal Correio* (online). Recuperado de <https://www.correio24horas.com.br/noticias/categoria/arm>
- Azevedo, E. (2021). Pesquisa mostra que 84% das jovens editam foto antes de postar nas redes sociais. In *Extra Globo* (online). Recuperado de <https://extra.globo.com/noticias/saude-e-ciencia/pesquisa-mostra-que-84-das-jovens-editam-foto-antes-de-postar-nas-redes-sociais-24998621.html>
- Barros, P. M. (2016). Os conflitos geracionais e os desafios contemporâneos na formação docente no Brasil. In *VI Simpósio de Pesquisa e Pós-graduação em Educação*, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. (Trad. P. Dentzien). São Paulo: Editora Zahar.
- Bauman, Z. (2011). *44 Cartas do mundo líquido moderno*. (Trad. P. Vera) São Paulo: Zahar.

- BBC News Brasil. (2017). *Instragram é considerada a pior rede social para a saúde mental dos jovens*. In BBC (online). Recuperado em 1 fev. 2022, de <https://www.bbc.com/portuguese/geral-40092022>
- Bittencourt, R. N. (2013). O Luxo como expressão da saturação psíquica do sujeito de consumo. *Revista Espaço Academinco*, (151), 24-35.
- Bock, A. M. (2004). A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. *Cad. Cedes*, 24(62), 26-43.
- Bock, A. M. (2007). Adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. *Associação Brasileira de Psicologia Escolar (ABRAPEE)*, 11, 63-76.
- Booth, A. (2013). Tecnologia, inovação, crescimento e capitalismo. In *Esquerda marxista* (online). Recuperado em 22 mai. 2022, de <https://www.marxismo.org.br/tecnologia-inovacao-crescimento-e-capitalismo/>
- Bortolazzo, S. F. (2012). Nascidos na era digital: outros sujeitos, outra geração. In *XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino*.
- Bozhovich, L. I. (1976). Formación de la personalidad del niño en la edad escolar media. In L. I. Bozhovich, *La personalidad su formación en la edad intantil* (Trad. T. M. Concepción, pp. 195-244). Havana: Pueblo y Educación.
- Campos, G. R., Faria, H. M., & Sartori, I. D. (2019). Cultura da Estética: o impacto do Instagram na subjetividade feminina. *Cadernos de Psicologia*, 1(2), 310-334.
- D'angelo, P. (2021). Pesquisa sobre o Instagram no Brasil: dados de comportamento dos usuários, hábitos e preferências no uso do Instagram. In *Opinion Box* (online). Recuperado em 01 fev. 2022, de <https://blog.opinionbox.com/pesquisa-instagram>
- Dantas, D. (2008). O cenário pós-industrial: modificações no ambiente do objeto na sociedade contemporânea e seus novos paradigmas. *Pós* (22), 122-140.
- Dragunova, T. V. (1965). Algunas particularidades psicologicas de los adolescentes. In L. I. Bozhovich, & L. V. Blagonadiezshina, *Psicologia dela personalidad del niño escolar* (pp. 153-216). Havana : Editorial Nacional de Cuba.
- Dragunova, T. V. (1988). Particularidades psicológicas del adolescente. In A. V. Pretrovsky, *Psicologia pedagógica y de las edades*. Moscou: Pueblo Y Educación.
- Duarte, N (2013). *A individualidade para-si: contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo*. Campinas: Autores Associados.
- Duarte, N. (2006). A contradição entre universalidade da cultura humana e o esvaziamento das relações sociais: por uma educação que supere a falsa escolha entre etnocentrismo ou relativismo cultural. *Educação e pesquisa*, 32(3), 607-618.
- Estarque, M. (2018). Suicídio de adolescentes avança, e casos recentes mobilizam escolas de SP. In *Folha de São Paulo* (online). Recuperado de

<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/04/suicidio-de-adolescentes-avanca-e-casos-recentes-mobilizam-escoas-de-sp.shtml>

- Filho, J. F., & Lemos, J. F. (2008). Imperativos de conduta juvenil no século XXI: a “Geração Digital” na mídia impressa brasileira. *Comunicação, Mídia e Consumo*, 5(13), 11-25.
- Freitas, A. R. (2017). *Redes Sociais e o processo de emancipação - significação de jovens universitários*. Dissertação (Mestrado), Programa de estudos em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.
- Frota, A. M. (2007). Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção. *Estudo e Pesquisa em Psicologia*, 7, 144-157.
- Gasparotto, N. T. G., & Kliemann, M.P (2016). O Uso pedagógico da informática instrumental: premissas do professor imigrante digital. *Cadernos PDE (Paraná)*, 1.
- Gevehr, D. L., & Portal, V. M. S. (2019). Comunicação digital e interação social entre jovens: o uso de materiais audiovisuais nas redes sociais. *Revista Latino Americana de Estudos em Cultura*, (17), 187-202.
- Gonçalves, M. G. (2007). Psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: o debate pós-moderno. In A. M. Bock, M. G. Gonçalves, & O. Furtado, *Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia* (3 Ed., pp. 53-74). São Paulo: Cortez.
- Guareschi, P. C. (2002). Pressupostos psicossociais da exclusão: competitividade. In B. Sawaia (Org.). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. (pp. 141-156). Petrópolis: Vozes
- Heller, A. (1991). *Sociología de la vida cotidiana*. Barcelona: Ediciones Península.
- Heller, A. (2016) *O cotidiano e a história*. 11. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Hernandez, E, Prysner, J & Ford, D. (2019). A Marxist approach to technology. In *Liberation School* (online). Recuperado de <https://traduagindo.com/2020/01/18/uma-abordagem-marxista-sobre-a-tecnologia/>
- Kon, I. (1988). Psicologia de la primera juventud. In A. V. Petrovsky, *Psicología pedagógica y de las edades*. Moscou: Pueblo y Educación.
- Leal, Z. F. R. G. & Mascagna, G. C. (2017) Adolescência: trabalho, educação e a formação omnilateral. In L. M. Martins, A.A Abrantes, & M. G. D. Facci, *Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice* (pp. 221-238). Campinas: Autores Associados.
- Leal, Z. F. R. G. (2016) A Adolescência segundo a Psicologia Histórico-Cultural: A concepção de Vygotsky. *Revista Múltipla*, 21 (41), 77-99.
- Leontiev, A. N (1978). *Actividad, conciencia y personalidad*. Buenos Aires: Ciencias del Hombre.

- Leontiev, A. N (2014). Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In L. S. Vigotski, A. R. Luria, & A. N. Leontiev, *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. (13. ed., pp. 59-83). São Paulo: Ícone.
- Leontiev, A. N. (2004) *O desenvolvimento do psiquismo* (2 Ed., pp. 277-302). Lisboa: Centauro.
- Lima Junior, P., Deconto, D. C. S., Andrella Neto, R., Cavalcanti, C. J. D. H., & Ostermann, F. (2014). Marx como referencial para análise de relações entre ciência, tecnologia e sociedade. *Ciência & Educação* (Bauru), 20, 175-194.
- Marques, E. S., & Carvalho, M. V. (2014). Vivência e afetação na sala de aula: um diálogo entre Vigotski e Espinosa. *Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade* (Salvador), 23 (41), 41-50.
- Martins, L. M (2013). *O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica*. Campinas: Autores Associados.
- Martins, L. M. (2004). A natureza histórico-social da personalidade. *Cad Cedes*, 24(62), 82-99.
- Marx, K. (1996). A mercadoria: o caráter fetichista da mercadoria e seu segredo. In K. Marx, *O Capital: crítica da economia política*. (Vol. 1, pp. 197-208). São Paulo: Nova Cultural.
- Moran, J. M (1995). Novas tecnologias e o reencantamento do mundo. *Revista Tecnologia Educacional* (Rio de Janeiro), 23, 126.
- Oliveira, B. (2001). A Dialética do Singular-Particular-Universal. In *Encontro de Psicologia Social e Comunitária - Regional Abrapso*, 5., Anais. Bauru, 1-24.
- Oliveira, F. A. F. (2012). *O sentido pessoal da escola e o sofrimento em adolescentes com dificuldades no processo de escolarização*. 2012. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná.
- Oliveira, F. A. F. (2020). *"Em que mundo eles vivem?" Capitalismo, educação e construção da adolescência na era virtual*. Tese (Doutorado), Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná.
- Palfrey, J., & Gasser, U. (2011). *Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais*. São Paulo: Artmed.
- Penteado, C. L. D., & Pinto, R. A. D. (2020). O sujeito alienado em 3D: mídias sociais e a dominação econômica, política e cultural no capitalismo contemporâneo. *Revista Compólitica*, 10 (2), 85-108.
- Portilho, R. M. R., & Sousa, R. J. L. D. (s/d). A Tecnologia, o Capitalismo e as Novas Morfologias do Trabalho em Perspectiva. In *CONPED & UFPB*. (Orgs.). *Direito do Trabalho I*, 1, 162-183.

- Postman, N. (1994). *Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia*. São Paulo: Nobel.
- Raciunas, C., & Farzato, M. E. (2021). Redes sociais podem ser uma máquina de moer autoestima. In Puc Sp (online). Recuperado em 27 jan. 2022, de <https://agemt.pucsp.br/noticias/redes-sociais-podem-ser-uma-maquina-de-moer-autoestima>
- Reis, M. L. (2016). A perspectiva marxista para a compreensão das políticas públicas de uso das novas tecnologias na educação: uma análise da função social da escola na estrutura social capitalista. In V Colóquio Unicamp, São Paulo. Recuperado em 23 jan. 2022, de https://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt5/sessao3/Marcia_reis.pdf
- Rosler, J. H. (2004). O desenvolvimento do psiquismo na vida cotidiana: aproximações entre a psicologia de Alexis N. Leontiev e a teoria da vida cotidiana de Agnes Heller. *Cadernos Cedes*, 24, 100-116.
- Saludjian, A, Miranda, F., & Carcanholo, M. (2015). Marx, marxismo e mercado mundial: lei do valor, método e historicidade. In *XVIII Simpósio Nacional de História*. Anais. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina.
- Santos, A. (2017). Tecnologia, ciência e propriedade intelectual: algumas considerações à luz da teoria marxista. *Revista Novos Rumos*, 54(2).
- Santos, G. L., Mota, J. V., & Silva, V. E. (2021). *Projeto conecte em si: redes sociais e influencers, uma ameaça à autoestima de jovens adultos habitantes de um universo de padrões*. Trabalho de Conclusão de Curso, Bacharelado em Psicologia, Centro Universitário de Belo Horizonte, Belo Horizonte.
- Saviani, D. (2005). Transformações do capitalismo, do mundo do trabalho da educação. In J. C. Lombardi, D. Saviani, & J. L. Sanfelice (Orgs.). *Capitalismo, trabalho e educação* (pp. 13-24). Campinas: Autores Associados .
- Savonko, E. (1978). Correlacion entre la orientacion de los niños a la autovaloracion y la orientacion a la valoracion hecha por otras personas: peculiaridades de las edades. In L. Bozhovich, & L. Blagonadiezina, *Estudio de la motivación de la conducta de los niños y adolescentes* (pp. 79-109). Moscou : Editorial Progreso.
- Silva, F. G. (2009). Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural. *Psicologia da Educação* (São Paulo), 28, 169-195.
- Silva, F. K. (2019). Fotografia, Corpo e autoestima feminina. Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação em Psicologia, CEULP/ULBA, Palmas.
- Silva, R. (2011). *A biologização das emoções e a medicalização da vida – contribuições da psicologia histórico-cultural para a compreensão da sociedade contemporânea*. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

- Souza, L. (2019). Redes Sociais impacto na autoestima dos adolescentes. Recuperado em 22 jan. 2022, de <http://limsouzapsicologa.com/f/redes-sociais-adolesc%C3%Aancia-e-autoestima>
- Souza, R. B. R. (2020). A comunicação contra-hegemônica no capitalismo digital: limites e contradições. *Liinc em Revista*, 16(1).
- Spizzirri, R. C. (2008). O uso da internet na adolescência: aspectos relativos às relações familiares na pós-modernidade. Porto Alegre.
- Taboga, V, A. L., & Junior, R. S. (Maio de 2021). Influência das redes sociais na saúde mental e autoimagem de adolescentes. *Psicologia, Educação e Cultura*, 25, 20-30.
- Tolstij, A. (1989). *El hombre y la edad*. (Trad. S. Marta) Moscou: Editorial Progreso.
- Vigotski, L. S (1995). Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores. In: *Obras escogidas III*. Madrid: Visor.
- Vigotski, L. S (1996). *Obras escogidas IV*. Madrid: Visor.
- Vigotski, L. S (2004). *A transformação socialista do homem*. (Trad. N. Dória) URSS: Varnitso.
- Vigotski, L. S (2012). *Obras escogidas*. Tomo III. Madrid: Visor.
- Vigotski, L. S. (2010). Quarta aula: a questão do meio na pedologia. *Psicologia USP*, São Paulo, 21, 4, 681-701.
- Vigotski, L. S. (2018). *Sete aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da pedologia*. In Z. Prestes & E. Tunes (Org.). (Trad. C. da C. G. Santana). Rio de Janeiro: EPapers.